

UNESP - Universidade Estadual Paulista
Campus de Marília
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Raquel Cristina Ferraroni Sanches

**FREINET NO CONTEXTO DA
EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA
E UMA EXPERIÊNCIA COM
EDUCAÇÃO DE ADULTOS EM
MARÍLIA**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação - Área
de Concentração: Ensino na Educação Brasileira da
Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP -
Campus de Marília, como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre, sob a orientação do
Prof. Dr. José Misael Ferreira do Vale.

Marília, 1998.

5211f

Sanches, Raquel Cristina Ferraroni

Freinet no contexto da educação contemporânea e a educação de adultos em Marília / Raquel Cristina Ferraroni Sanches. --1998.

p.180.

Dissertação (mestrado) --Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 1998.

1.Freinet. 2.Aula-passeio. 3. Educação de adultos. 4. Educação popular.

CDD 374

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I

FREINET NA SALA DE AULA

CAPÍTULO II

FREINET NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

CAPÍTULO III

A AULA-PASSEIO COMO TÉCNICA ATUAL

CAPÍTULO IV

A ATUALIDADE DE FREINET

BIBLIOGRAFIA

ANEXOS

AGRADECIMENTOS

Na elaboração deste trabalho, muitas pessoas foram envolvidas, as quais gostaria de agradecer, com a certeza de que sem a ajuda de muitas, não se concluiria o trabalho. Sem poder citar todas as pessoas, agradeço em especial:

- Ao Prof. Dr. José Misael Ferreira do Vale, pelo contínuo interesse e confiança demonstrada, pelo grande apoio e dedicação em orientar as diferentes fases desta dissertação e pela paciência e determinação em me guiar por um caminho até então desconhecido para mim, o da pesquisa.
- Aos meus queridos e amigos pais que tanto me incentivaram para que eu continuasse lutando por meus sonhos.
- À grande amiga Prof^a. Dra. Cyntia Graziella Guizelin Simões por sua ajuda, pelo incentivo e disponibilidade para discutir as diversas etapas deste trabalho.
- Ao Prof. Dr. Dagoberto Buin Arena e à Prof^a. Dra. Clacy Zan pelas valiosas sugestões dadas por ocasião do Exame de Qualificação.
- Às amigas da escola S.E.T.A, Glória, Stella, Fabiana, Marília, Érika, Graziela e Andréa, que colaboraram, desinteressadamente, na condução desta pesquisa.
- Aos meus alunos, que sempre serão meus grandes mestres.
- À UNESP pela oportunidade deste trabalho.
- E ao Carlos, meu marido e companheiro de todas as horas, que me ajudou a continuar seguindo o caminho do conhecimento, com incentivos e, principalmente, com muito carinho e compreensão.

RESUMO

O presente trabalho pretende, por meio de reflexão e documentação de uma prática pedagógica pautada numa pedagogia definida pela intenção transformadora do espaço escolar, contribuir - dentro de seus limites - para a transformação da sociedade, numa perspectiva de construção de uma prática educativa significativa para o educando adulto. São tratados inicialmente a contextualização da obra pedagógica de Celèstin FREINET e a seguir apontamos possível caminho de trabalho com o desenvolvimento da técnica da aula-passeio. Para tanto se relata a experiência com a técnica da aula-passeio e os ateliês trabalhados a partir da visita. Dessa forma se conseguiu alcançar três pontos importantes: a) descrever e avaliar o processo de construção do conhecimento, por parte dos alunos, partindo de seu referencial vivencial e cognitivo intermediado pelo conteúdo programático, com o objetivo de se atingir a aprendizagem significativa; b) evidenciar a atuação dos alunos sobre a dinâmica de trabalho escolar e organização do aprendizado como processo participativo e c) mostrar o papel da relação cooperativa em sala de aula como fator importante no desenvolvimento intelectual, social e afetivo dos alunos.

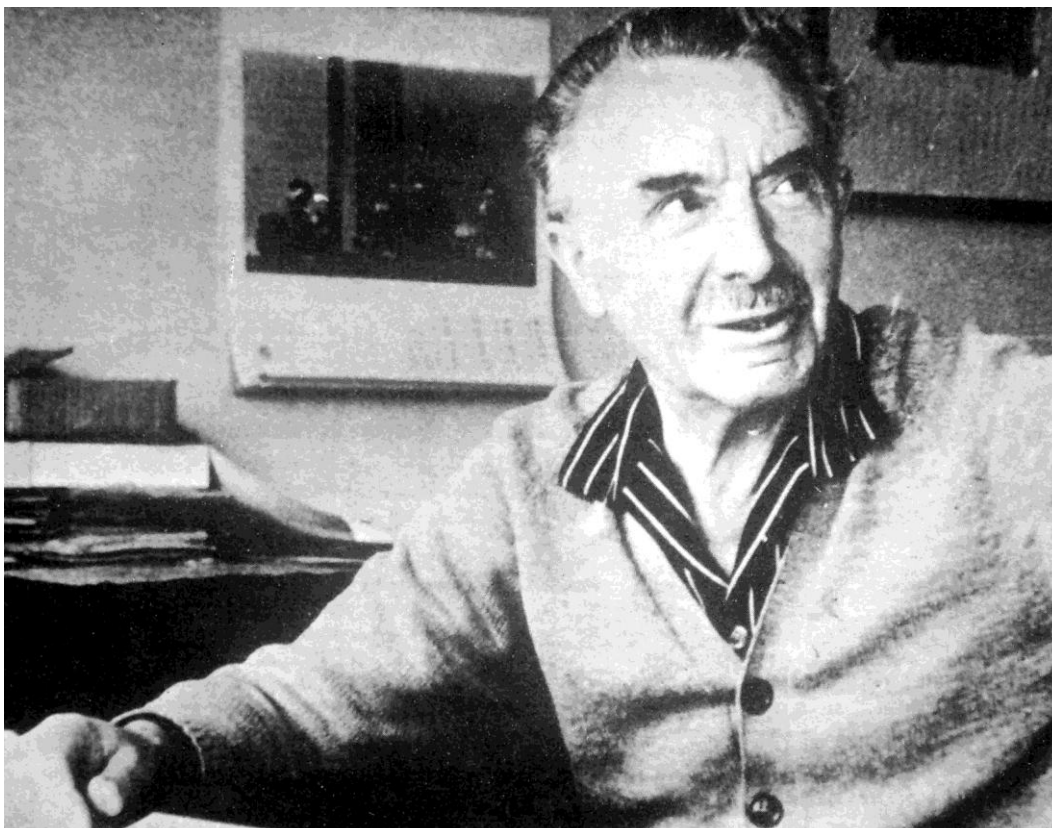
ABSTRACT

The present work intends, through reflection and documentation of a pedagogical practice based upon a pedagogy defined by the transforming intention of the school space, to contribute – within its limits – for the society transformation in a perspective of construction a significant educational practice for the adult student. First the contextualization of Celèstin FREINET's pedagogical work is treated and then we point a possible work way with the develop of the class-walk technique. For this it is related the experience of the class-walk and the “ateliês” worked after this visit. This way we got to three important points: a) describe and evaluate the students of knowledge construction process based upon their life and cognition references intermediated by the school contents with the aim of reaching the significant learning; b) evidence the students performance in the school dynamics and organization of learning as a participant process and c) demonstrate the role of the cooperative relationship in classroom as an important factor for the students intellectual, social, and affective development.

RÉSUMÉ

Au moyen de la réflexion et la documentation d'une pratique pédagogique fondée sur une pédagogie dont le propos c'est la transformation de l'espace scolaire, ce travail a pour but contribuer – dans ses limites – au changement de la société elle-même, dans une perspective de la construction d'une pratique significative pour l'élève adulte. D'abord on discute l'oeuvre pédagogique de Célestin FREINET, ensuite on indique une démarche possible dans l'utilisation de la technique de la classe-promenade. Pour cela on fait un rapport d'une expérience avec la technique en question et des ateliers qui l'ont suivie. Ainsi on a réussi à montrer trois points importants: a) décrire et évaluer le processus de construction de la connaissance chez les élèves en prenant pour point de départ leurs expériences et leur référent cognitif par l'intermédiaire du contenu du programme, en vue d'atteindre l'apprentissage significatif; b) rendre évidente l'action des élèves dans la dynamique du travail scolaire et l'organisation de l'apprentissage comme un processus partagé; c) montrer le rôle de la relation coopérative en classe comme une donnée importante dans développement intellectuel, social et affectif des élèves.

INTRODUÇÃO



“Somos aprendizes

Somos aprendizes, por vezes com a pretensão de mestres e ocultando de bom grado, a nós mesmos, as nossas imperfeições e as nossas impotências.

Temos de acreditar que a máquina humana é muito mais complexa e delicada do que os mais engenhosos mecanismos dos especialistas, pois os próprios professores de psicologia e pedagogia são aprendizes que não descobriram ainda os verdadeiros segredos de uma ciência que os ultrapassa”. (FREINET, 1985, p. 108)

Como educadora, tenho refletido muito sobre a realidade educacional deste país e, em especial, sobre a educação de adultos. Nessas reflexões é preciso questionar o papel que a educação tem assumido nos diferentes momentos históricos e o papel do Estado.

No Brasil a influência do Estado tem sido muito forte na educação. As iniciativas em termos de uma educação popular podem ser observadas desde o início do século com o advento da República. Boa ou má, a educação brasileira pública, popular, é obra republicana, fruto tardio da revolução burguesa

A Educação de Adultos surge na década de 40, com a atuação de Paschoal Leme. A prática é retomada por Paulo Freire nas décadas de 50-60, porém em 64 foram abafados quaisquer movimentos em direção à Educação Popular. Iniciam-se os “anos de chumbo” na educação brasileira e a educação da ditadura foi “eficiente” no sentido de criar uma educação sintonizada com os interesses dominantes. Com a redemocratização do país, a situação escolar se alterou e o “pensar” a educação tomou outro rumo; entretanto a artimanha do poder ainda é oferecer em quantidade aquilo que não se oferece em qualidade.

Considero que a escola, por si só, não conseguirá dar fim às desigualdades sociais e às disparidades de acesso a bens materiais e culturais. No entanto, não podemos desconsiderar a possibilidade de a escola ser um dos espaços na sociedade em que se pode trabalhar para a ampliação da compreensão da realidade a que estão submetidos os alunos, recuperando-a na sua perspectiva histórica, transformando-a num espaço de união de forças progressistas, forças que busquem cotidianamente reformas em benefício das massas por ela desprezadas.

Apesar de a escola ser condicionada pela sociedade em que se insere e à qual, de qualquer forma, serve, há a possibilidade de se criarem condições de resistência à reprodução, por meio da consciência dos educadores que nela atuam, repensando assim sua prática.

Reafirmo a importância da compreensão da inserção e dos condicionamentos da escola à sociedade, retomando também a necessidade de se considerar a escola enquanto espaço de resistência e, portanto, como espaço progressista, que pode se firmar por meio da ação pedagógica. A escola não é por si só, transformadora da

sociedade e de suas relações. Cabe-lhe, no entanto, um importante papel de campo de ação em que se pode criar hegemonia.

Do confronto entre as reflexões sobre o aluno trabalhador, que cedo ocupa lugar na divisão de trabalho no sistema capitalista e a escola estruturada para atender uma clientela infantil, nasceu a certeza de que preciso ainda caminhar muito, refletir mais e melhor sobre as técnicas empregadas.

Em minha busca, deparei-me com os escritos de FREINET, que aos poucos, foram iluminando o caminho a ser percorrido, em que poderia utilizar algumas de suas técnicas e ateliês. Com o emprego da técnica da aula passeio, principalmente, não ficaremos limitados aos muros da escola, mas poderemos ultrapassá-los e tomar contato com a vida, deixando que a mesma também penetre na sala de aula.

Minha pesquisa teve início no estudo sobre a vida e a obra de Celèstin FREINET. Seu pensamento, seu modo de viver e de agir, conquistaram logo de início o meu interesse pelo seu trabalho. O histórico de Celèstin FREINET constituiu-se, então, o primeiro capítulo deste trabalho, no qual procurei discorrer sobre sua vida, sua atuação na escola e na sociedade, em busca de transformações.

A prática pedagógica tão rica e prazerosa de FREINET me fez percorrer mentalmente toda sua luta pela democratização do ensino, seu ideal de trabalho, sua luta pela solidariedade. Em sua construção da Escola Moderna Popular Francesa, ele não valoriza apenas alguns métodos ou materiais, mas busca a renovação e a modernização da escola popular; a revalorização do trabalho do professor no seio do povo, consciente de sua missão histórica.

FREINET nos diz que a profissão de educador é fórmula de vida e que por isso os professores devem tomar consciência da inadaptação da escola que serve ao sistema econômico de dominação, realizar um esforço de rejuvenescimento e se adaptar à vida que muda a cada segundo. Ele também salienta sempre que é preciso colocar o material, as concepções pedagógicas e as técnicas a serviço da vida.

A busca de FREINET por uma escola, por uma educação “que responda às necessidades individuais, sociais, intelectuais e morais da vida do povo”, que cumpra seu papel ao preparar homens que trabalhem eficazmente, longe de mentiras e

interesses próprios, mas voltada para a “realização de uma sociedade harmoniosa e equilibrada”, é um trabalho absorvente e encantador.

Quando FREINET escreve sobre o indivíduo e sua relação com a escola, destaca que o essencial é que ele cresça, se valorize, se torne mais forte fisiologicamente, intelectualmente, moralmente e psiquicamente, que ele desenvolva lógica e poderosamente a sua personalidade.

Evitar o hiato entre escola e meio é uma de suas metas principais e procurei enfatizar este seu ponto de vista no segundo capítulo, evidenciando, na sua proposta de organização pedagógica, a intencionalidade educacional. Tomando, então, como base de meu trabalho as concepções pedagógicas de FREINET, apliquei a técnica da aula-passeio a uma classe de educação de adultos, extremamente prejudicados pelo sistema econômico e social em que estavam inseridos durante o período escolar infantil: primário e secundário em que deveriam estar na escola.

A descrição das atividades que envolvem a aula-passeio é registrada no terceiro capítulo, em que estaremos elucidando cada etapa do trabalho, cada realização, cada passo rumo ao conhecimento construído junto com os alunos.

É na escola que parte do processo de conscientização e/ou não conscientização se desenvolve, e assim sendo, todas as disciplinas têm importante papel a desempenhar nesse processo. À geografia e à história cabem papel singular nesta questão.

Com o professor destas disciplinas está a tarefa de conduzir o aluno a desenvolver a visão de totalidade da sociedade brasileira, de modo a informá-lo criticamente, visando a seu desenvolvimento e a sua formação como cidadão, contrariando a ideologia vigente, que procura inculcar no aluno o conteúdo e a ação que o manterá como reprodutor das idéias e sujeito ao sistema.

Encontrei-me, finalmente, na busca de uma proposta alimentada por um ideal humanista, pois a construção de sujeitos históricos, que se sintam capazes e elementos de mudança contrários aos interesses do capital e instrumentos de libertação do brasileiro, não poderá ser a ação de poucos.

Em minha prática escolar, a aula-passeio surge como respaldo às atividades extra-classe, raros momentos de liberdade em que a vida e a escola se mesclam.

Enfim, o que pretendo com o trabalho em questão é “criar uma estrutura e uma organização escolares de tal maneira que cada um possa ir tão longe quanto as suas possibilidades lhe permitirem sem ser entravado por contingências materiais” (FREINET, C. e SALENGROS, R. 1977, p. 80).

Espero que, com este trabalho de análise e reflexão de aspectos da obra de FREINET e a prática de uma de suas técnicas, em especial a aula-passeio, eu esteja contribuindo para a construção de uma práxis educativa significativa para o educando adulto (um tanto relegada a segundo plano). Entendo ser indispensável cuidar dessa parcela em particular, principalmente quando nos encontramos num processo educativo inserido em uma sociedade que se diz a caminho da democracia, já que busco a promoção de uma aprendizagem significativa aos alunos.

Capítulo I

FREINET NA SALA DE AULA

Celèstin FREINET nasceu em 15 de outubro 1896 em um vilarejo chamado Gars, situado nos Alpes Marítimos, ao sul da França. Sua infância, como pastor de rebanhos, passou-se toda na Provença. Estava estudando na Escola Normal de Nice, porém abandonou o último ano do curso para ir à Primeira Guerra Mundial, da qual herdou um grave ferimento pulmonar por ter sofrido a ação de gases tóxicos, que lhe reduziu a capacidade respiratória e o obrigou a abandonar os campos de batalha.

Impossibilitado de continuar a servir o exército francês, em 1920, FREINET é nomeado professor na cidade de Bar-sur-Loup (Alpes Marítimos) para uma escola primária de meninos instalada em uma casa antiga, pobre e escura porém rapidamente percebe suas limitações físicas e pedagógicas. Físicas porque sua deficiência respiratória o impede de agir eficazmente com as crianças e, pedagógicas já que não pôde terminar seu curso e é, neste momento, um estreante na profissão.

O próprio FREINET disse: “*parti do zero*” (1979, p. 17)

A vida simples vivida na aldeia, o faz sensível à inquietude das crianças e ao quanto a classe cinzenta, as carteiras alinhadas, as obrigações tradicionais e o quadro negro, abafam a torrente de vida de seus alunos. O tempo passa e FREINET não consegue superar os problemas do ensino em sua classe .

Convencido de sua incapacidade, decide prestar um concurso para o cargo de inspetor, o que lhe possibilitaria estar junto às crianças e ao mesmo tempo não ficar preso a uma sala, pois as saídas rumo às escolas lhe proporcionariam atividades mais arejadas, mais vivas.

Ao estudar para o concurso, FREINET entra em contato com diversas obras de autores que refletiam as tendências educacionais do momento (Rosseau, Montaigne, Pestalozzi, Spencer,

William James e outros) e percebe que esses famosos estudiosos não haviam lhe servido para esclarecer seus problemas com a educação, principalmente porque não conseguia enxergar a sua criança da aldeia, cheia de vida, nas crianças descritas nos livros. É um momento crucial, quando ele se decide por permanecer como professor primário na pequena aldeia.

Uma vez tomada a decisão, é como se a primavera chegasse com sua liberdade, sons e cores invadindo a classe e a alma das crianças, e FREINET estimula em seus alunos algo que permeará todo seu trabalho posteriormente, *a livre expressão da criança*.

*“A livre expressão
facilita a criatividade da criança no desenho, na
música, no teatro, extensões naturais da
atividade infantil, progressivamente responsável
por seus comportamentos afetivos, intelectuais e
culturais.*

*Eis aí um começo
seguro para a conquista de uma vida adulta.”
(FREINET, 1979, p. 31)*

Esse trabalho é permeado de liberdade e confiança, a espontaneidade valorizada aflora durante as aulas. FREINET acredita na capacidade de expressão do pensamento da criança. Em contato com seus alunos, ia anotando tudo que julgasse significativo: comportamento de cada criança, personalidades individuais, os sucessos, os fracassos... Assim, aproximava-se cada vez mais do universo infantil e, resgatando suas próprias impressões da infância, construía a cada dia uma imagem de carinho e compreensão dos alunos. Mais próximo da realidade das crianças graças à sua observação diária, buscava encontrar formas de ensinar que também se adaptassem a suas particularidades, formas de ensinar que se libertassem do formalismo, que atendessem às necessidades das crianças no meio particular e social em que estivessem inseridas.

Na sua busca por respostas, entre os muitos autores que leu, deparou-se com o pensamento de Adolphe FERRIÈRE, e a leitura do livro *L'école active*, segundo Élise FREINET (1978, p. 22) exerce influência determinante no pensamento pedagógico de FREINET;

neste livro, ele encontra os princípios da “educação nova”, tão de acordo com suas intenções.

Em viagem à Alemanha, visitou algumas escolas de Hamburgo que com o final da guerra buscavam novas alternativas, como uma escola sem a autoridade do professor, sem regras ou castigos: a escola anarquista integral. Por esse tempo crescia na Europa os movimentos de renovação pedagógica dedicados à mudança de concepção de escola e os anarquistas, por acreditarem na força da educação para liberar a humanidade, propõem que as pessoas devam ser educadas desde pequenas para não se cair na opressão e fomentar nelas o sentimento crítico e a autonomia pessoal, assim como os valores de solidariedade e liberdade.

"Uma das características centrais da proposta pedagógica dos anarquistas é seu antiautoritarismo, o qual, por outro lado, estava totalmente de acordo com as suas colocações políticas e sindicais globais." (BAKUNIN, 1989, p.17). Então, considerando imprescindível suprimir a opressão do Estado, seria necessário partir da base: a família e a escola.

O objeto final seria conseguir que as crianças fossem donas da própria vida e que não se deixassem explorar e oprimir, para tanto, era preciso fazê-las ver que não se devia obediência cega ao professor nem tampouco às autoridades sociais.

Essa opção pelo antiautoritarismo resulta em problemas difíceis de resolver: de um lado alguns querem ser radicais e não admitem desviar um mínimo que seja do respeito inicial concedido à criança, não lhe impondo absolutamente nada. Já menos radicais, outros concebem a educação antiautoritária como um processo no qual se fomenta o espírito de rebelião nas crianças e lhes ensina a enfrentar o sistema social injusto em que nasceram, correndo inclusive o risco de serem acusados de doutrinar, mais do que educar as crianças.

De qualquer forma, o problema é complexo, de difícil solução teórica e prática. *"Na verdade, a pedagogia anarquista sempre foi fiel às afirmações centrais de Bakunin que, dirigidas a um contexto mais geral, tem plena aplicação ao campo do ensino: a liberdade só se consegue com a liberdade e todo problema resolvido à força continua sendo um problema."*(BAKUNIN, 1989, p.19)

Outro fio condutor do pensamento e da prática pedagógica dos anarquistas se encontra na reivindicação da educação integral. Essa educação integral ou desenvolvimento pleno da criança refere-se a um desenvolvimento harmônico de todas as faculdades da criança, de sua inteligência, também de sua saúde, de seu vigor físico, de sua bondade.

Também é preciso falar aqui das características de insurreição e revolução que tanto marcam o anarquismo. Porém não foi isso que o caracterizou, embora lhe tenha dado fama. Pelo contrário, os anarquistas desconfiavam profundamente de qualquer revolução que se reduzisse a uma espécie de tomada da Bastilha. Buscavam uma mudança total da sociedade e das pessoas, o que não aconteceria com uma simples mudança de governantes.

As experiências anarquistas em educação foram numerosas, e entre elas podemos citar o trabalho de Sébastien Faure, ativo militante do movimento libertário francês, que durante treze anos, de 1904 a 1917, tentou colocar em prática um projeto educativo integral, nos moldes anarquistas.

La ruche (A Colméia) era o nome de sua escola situada em Rambouillet (Seine-et-Oise). Contava aproximadamente com quarenta crianças de ambos os sexos.

Nas palavras de Sébastien Faure: *"A Colméia é a escola do futuro. A escola simplesmente organizada para a criança, de tal maneira que, deixando de ser o bem, o objeto, a propriedade da Religião ou do Estado, se pertença a si mesma e encontre nela o pão, o saber e a ternura, que seu corpo, cérebro e coração necessitam"* (BAKUNIN, 1989, p.111). Dizia ainda que A Colméia não era uma escola, mas sim uma obra de solidariedade, uma espécie de laboratório onde se experimentam métodos novos de pedagogia e de educação.

A Colméia edificou-se em uma chácara de 25 hectares, contendo um prédio amplo, uma horta grande, prados e terras cultiváveis. Nessa organização, como em quase todas, existia a figura do diretor, porém com um conotação bem diferente. O "diretor" exercia um papel apenas de responsável para resolver os problemas que se apresentavam com a existência da Colméia; mas ressalta-se, é exatamente como outro membro qualquer, sua decisão tem o mesmo peso que a dos outros membros.

Os colaboradores não recebiam nem retribuição nem salário, mas tinham todas as condições de vida como alimentação, moradia, luz e calor; tinham grandes responsabilidades e as cumpriam com prazer, trabalhavam com liberdade para irem quando quisessem, mas as satisfações morais advindas desse trabalho, compensavam as escassas vantagens materiais que tinham na Colméia. Todos os colaboradores devia ser educadores, para iniciarem as crianças em seu ofício: cozinha, costura, lavanderia, roupas, carpintaria, plantação, jardinagem, etc.

As crianças que freqüentavam A Colméia eram oriundas das famílias dos trabalhadores e formavam três grupos: os pequenos, os médios e os grandes, mas essa divisão não era fixa, respeitava-se o estágio de desenvolvimento das crianças e especialmente proporcionava-se condições para que cada um conhecesse um pouco de cada ofício, podendo optar pelo que mais lhe agradasse.

Porém essa experiência encontrou seu fim com a Guerra, quando as privações e o frio ceifaram aos poucos a vida da Colméia.

Quando FREINET sai em busca de respostas às suas dúvidas e anseios pedagógicos, A Colméia já não existia mais, porém ecos de seus valores podiam ser ouvidos entre os educadores preocupados com os caminhos da educação. Em suas obras, FREINET não se refere abertamente à escola anarquista, mas também não despreza qualquer tentativa que vise a melhoria da educação. Existia nele uma curiosidade apaixonada por toda experiência não conformista.

"Repetimos mais uma vez que não buscamos necessariamente a novidade, nem a originalidade, embora não a tenhamos de modo algum.

Tomamos o que há de bom, onde houver: adaptamos o melhor possível as técnicas existentes em nosso trabalho. Nosso desejo é apenas o de valorizar, ao mesmo tempo, o material que responda a nossas necessidades e as técnicas de trabalho que permitirão a melhor exploração educativa das possibilidades criadoras das crianças."
(FREINET, E. 1979, p. 74)

Em 1924, FREINET participa do Congresso da Liga Internacional para a Educação Nova, em Montreaux, na Suíça. Os grandes educadores da época se faziam presentes, como: COUSINET, CLAPARÈDE, BOVET, e também FERRIÈRE. Durante o Congresso conheceu melhor os princípios da educação nova, que atribuíram à criança um papel ativo na sua própria educação, mas, ao mesmo tempo, sentiu que continuava só em sua caminhada, pois os relatos e discussões envolviam escolas que tivessem boas instalações e material necessário às atividades das crianças e a realidade de Bar-sur-Loup era completamente diferente.

FREINET tem consciência da interdependência que existe entre a escola e o meio social e sabe como a sociedade influencia e condiciona a escola e o ensino. O que ele procurava, acima de tudo, era um caminho que satisfizesse todas as crianças, sem exceção, com suas diferenças de inteligência, caráter e posição social. Ele queria encontrar *técnicas que pudessem ser utilizadas por todos*, numa linha de interesse global da classe, sem causar problemas a nenhuma criança, respeitando o rendimento escolar de cada uma. (Os grifos são de Raquel C. F. Sanches)

FREINET aponta os riscos de experiências desenvolvidas em clima de laboratório e sob considerações burguesas, que podem se distanciar das influências determinantes que o contexto tem sobre o desenvolvimento das crianças e sobre a escola.

A prática e a convivência com as crianças vão criando em FREINET sentimentos de identidade com a aldeia, os camponeses, a classe trabalhadora, enfim, com o contexto em que a escola estava inserida e busca uma atuação mais significativa. Aos poucos, foi-se integrando na vida da aldeia, fez relações com os pais de alunos, iniciou e animou a cooperativa de consumo e venda de produtos locais, com sede na praça da aldeia. Ganhou a consideração dos moradores.

Enquanto isso, em sua sala, FREINET procura soluções para conciliar a vida às atividades pedagógicas. O interesse das crianças estava fora dos limites da sala, então, por que ficarem presas?

Surge a **aula-passeio**. Diariamente, organizava-se a aula-passeio e todos, professor e alunos, saíam juntos pelas ruas estreitas da vila e pelos campos ao redor da escola. Durante os passeios, realizavam visitas aos artífices da aldeia, que punham seu conhecimento à disposição das crianças; visitavam também a oficina do marceneiro, do ferreiro, do tecelão, a padaria, a olaria, a

perfumaria e outros. Na volta de tais visitas, eram realizados resumos das visitas no quadro-negro, leituras dos resumos, cópias, ilustrações com desenhos, faziam-se avaliações, enfim, deixavam-se criar asas à livre expressão das crianças.

Após as discussões da **aula-passeio**, com naturalidade, o texto ia aflorando como a água da nascente, e ocupando seu lugar lentamente, ganhando corpo no quadro-negro. As crianças percebiam-se por meio dos textos e também neles percebiam a vida dos lugares com sua Geografia, sua História, sua Matemática, as Ciências, a Arte, enfim todo o universo dogmático das aulas ganhava vida fora da sala e posteriormente nos textos produzidos. Prolongava-se o eco de conhecimentos que cada disciplina produzia. A vida entrava para dentro da classe com o ar e o sol.

As muitas folhas produzidas foram agrupadas e deram origem ao primeiro “*Livro de Vida*” ou como as crianças o chamavam: “*livro de parafusos*”. Neste livro todos podiam escrever: professor e alunos. Sempre a *livre expressão* permeia todo o desenvolvimento das atividades e aqui, como não poderia deixar de ser, ela se manifesta com toda sua garra e força. FREINET em algumas de suas observações no *Livro da Vida* escreveu poemas sobre textos de crianças, que influenciaram fortemente seus próprios alunos que se encantavam com a mágica das palavras, compreendiam e até os recitavam.

Os textos criados pelas crianças eram escritos em seus cadernos depois do passeio, mas eram lidos muito pouco ou quase nada. Pensando sobre isso, FREINET teve a idéia de imprimir os textos, para serem passados de mão em mão, lidos e relidos por outras pessoas. Procurou por alguns tipógrafos em Grasse e, embora encontrasse certos argumentos de desaprovação, conseguiu todo o material necessário: impressora, os compondores, a coleção de tipos, etc.

Com a impressora em sala, transformou em material de trabalho os textos produzidos pelas crianças sobre a vida junto à comunidade. As crianças se encantaram com o novo material, tanto que as dificuldades encontradas eram logo superadas para que se pudesse ir adiante com a novidade da impressora, técnica que se tornou apaixonante para as crianças. FREINET aproveitou o entusiasmo geral e com alguns truques para facilitar o trabalho de impressão, aumentou-se a produção dos textos. As crianças queriam

imprimir logo seus textos, vê-los prontos e mostrá-los aos pais e amigos.

Era a consagração do pressuposto de FREINET: as crianças eram capazes e o que elas realizam era reflexo de suas próprias emoções, da história de suas vidas, pois não imprimiam textos de adultos, mas sim seus próprios textos, plenos de interferência do meio, da sua vida, da sua família, dos seus interesses; os sentimentos dos alunos encontravam-se presentes em cada texto.

E assim FREINET construía um novo espaço, uma nova técnica em sala de aula, ao mesmo tempo em que participava cada vez mais da vida dos grupos dos aldeões. Iniciava-se assim sua militância social, buscando atingir ideais da construção de uma escola mais adaptada às necessidades do povo.

Para divulgar o trabalho que estava realizando com sucesso, FREINET utiliza-se de boletins e revistas de educação; logo, professores que encontravam respostas às suas dúvidas ou que compartilhavam as mesmas inseguranças passaram a utilizar a correspondência para entrar em contato com FREINET, surgindo assim um momento de colaboração mútua no desenvolvimento pedagógico. Muitos desses professores que se correspondiam com FREINET passaram a ser fiéis colaboradores e a utilizar também as técnicas que ele vinha usando com êxito.

Os textos impressos, depois de lidos e relidos por toda a classe, eram levados para que pais e amigos também os lessem; mas FREINET queria mais, queria que o círculo de leitores fosse ampliado e surge a idéia da correspondência interescolar.

Enquanto isso, os resultados obtidos em Bar-sur-Loup foram publicados em uma revista de educação, e um amigo de FREINET, que morava ao Norte da França, após ler o artigo, escreveu-lhe sobre as intenções de trabalhar com as mesmas técnicas de produção de textos impressos. Surge a oportunidade de realizar a correspondência interescolar e os dois professores e seus alunos passam a se corresponder (1924). As crianças de FREINET mandavam seu jornal para colegas do outro lado da França. Aos poucos, os alunos começam a trocar pequenos bilhetes, cartas e até desenhos que em sua essência retratavam a vida de cada região; além de correspondência, eles também trocavam presentes, fotografias, frutas, comidas típicas regionais... O entusiasmo das crianças era tal que contagiava até o próprio professor. A emoção permeia todas as

relações e fortalece a auto-estima dos alunos, que se sentem atuantes, importantes no mundo para o outro - aquele que leria seu texto e mandaria uma resposta. A aprendizagem da língua é extremamente significativa e rica.

FREINET e seus primeiros colaboradores formam uma cooperativa responsável pela distribuição do material tipográfico, pela organização da correspondência interescolar entre professores e alunos de várias escolas e pela pesquisa e criação de materiais para incrementarem as novas técnicas de sala de aula. Estava criada a Cooperativa do Ensino Leigo (CEL).

Os constantes estudos de FREINET e seus colaboradores, as trocas, discussões, as correspondências e até congressos anuais dos professores fazem a pequena Bar-sur-Loup tornar-se conhecida. A divulgação cresce com o auxílio da cooperativa que possibilita a publicação de livros e revistas. *Le Gerbe* (O Ramalhete) foi a revista que deu início às publicações das crianças, transformando-as em material a ser usado em sala de aula com extremo significado de vida e de mundo. A maior divulgação dos trabalhos atrai o olhar de muitos professores que passaram a conhecer melhor as técnicas FREINET e assim o círculo de correspondentes foi-se ampliando.

Ao final de 1925, FREINET participou do Congresso Nacional de Professores Primários de Paris, porém não lhe foi dada oportunidade de relatar as experiências com seus alunos. Em Bruxelas, participou do Congresso Internacional do Ensino e em seguida seguiu viagem para a União Soviética, a convite dos sindicatos do país.

Encontrou uma sociedade na pobreza, construindo otimista o seu presente e FREINET se recordou de seus alunos de Bar-sur-Loup. O Ministro da Educação soviética recebeu a delegação cordialmente e descreveu as realizações e perspectivas pedagógicas de seu país. Durante um mês FREINET visitou as escolas soviéticas e conversou com os pedagogos russos. De regresso à França escreveu uma brochura relatando sua visita: “Um mês com as crianças russas”.

De volta à sua aldeia, FREINET tomou conhecimento do progresso da obra cooperativa que empreendera, por meio de um sindicato comunal. Com a participação de pedreiros, eletricitas e camponeses, drenando a nascente de água, tinha planejado construir

uma pequena central elétrica. Ficou entusiasmado com o andamento da obra pois em breve todas as casas teriam luz elétrica.

As aulas são retomadas e novos simpatizantes se identificam com o pensamento pedagógico de FREINET, fazendo a experiência crescer como uma planta ao ar livre. Adolphe Ferrière, já renomado pedagogo, baseado nas técnicas de FREINET inscreveu “A casa dos Pequeninos”, do Instituto Jean-Jacques Rousseau (Genebra) em uma equipe de correspondência escolar.

Em março de 1926, chega a Bar-sur-Loup Élise Lagier Bruno que como artista, veio colaborar com FREINET nas atividades plásticas. Entretanto sua sensibilidade contagia-se com os trabalhos realizados pelo educador. Mais tarde a jovem colaboradora, pelo casamento, torna-se Elise FREINET. Também ela se mescla com a vida das escolas e passa a atuar junto com FREINET em suas atividades, experimentos, pesquisas, sucessos e descobertas. Elise publicou importantes livros que auxiliam a compreensão do trabalho de FREINET, entre eles “Nascimento de uma pedagogia popular”, em que relata seus primeiros contatos com a pequena escola da aldeia.

Elise possuía um grande senso de organização e foi auxiliando FREINET naquilo que parecia uma certa confusão na sala, que descobriu o canto do laboratório com suas lagartas, borboletas e girinos; em outro o canto dos cesteiros, com hastes de vime, junco e ráfia; havia ainda a biblioteca, porém era como se fosse ambulante, pois os livros viviam espalhados pelas carteiras nas mãos das crianças. Desse modo FREINET organizava cantos onde cada tipo de atividade era desenvolvida. Mas segundo Élise, algo na sala recebia maior destaque:

“Em contrapartida, a seção de tipografia tem o lugar de honra: rolos, máquinas de imprimir, caixas, papéis, tudo isso ocupa enormes bancos e espalha-se até pelo chão, embora dentro de limites bem precisos, marcados a giz... Aqui se ergue o altar...” (FREINET, E., 1978, p.24).

Mesmo antes da chegada de Élise, FREINET já se preocupava com as manifestações artísticas e como estar melhorando essas atividades, porém a experiência da colaboradora facilitou-lhe o

trabalho e ela consegue enriquecer mais as aulas plásticas com papel de melhor qualidade para os desenhos e pinturas, estimulando ainda mais as manifestações das crianças. Também trabalhavam com o fonógrafo para que discos pudessem auxiliar nas atividades musicais; uma pequena máquina de projeção de filmes possibilitava exibir filmes educativos e recreativos; peças infantis foram montadas e encenadas, estimulando as expressões artísticas, que FREINET considerava tão importantes quanto as outras disciplinas.

O ano de 1927 iniciou-se com boas e novas realizações para o educador, pois com a colaboração de um amigo, publica seu primeiro livro: *A imprensa na escola (l'imprimerie à l'École)*, em que relata as vantagens de se adotar a impressora nas atividades escolares. No livro de Elise FREINET (1978, p. 30) *O Itinerário de Cèlestin FREINET - a livre expressão na Pedagogia FREINET*, ela relaciona em síntese as vantagens:

↑ Agilidade Manual e coordenação harmoniosa dos gestos

↑ Na execução do trabalho, educação da atenção, cada letra tem seu valor, pois é preciso que o texto impresso seja o mais perfeito possível.

↑ Exercício progressivo da memória visual.

↑ Aprendizagem natural, sem esforço, da leitura e da escrita das palavras.

↑ Sentido permanente da construção de frases corretas.

↑ Aprendizagem da ortografia pela globalização e análise de palavras e frases ao mesmo tempo.

↑ Sentido de responsabilidade pessoal e coletiva.

↑ Novo clima de comunidade fraternal e dinâmica.

A publicação de FREINET sobre a imprensa na escola recebe pedidos de informações de mais de uma centena de professores de toda a França. Com isso, passa a imprimir boletins para seus correspondentes.

Em agosto de 1927 foi realizado em Tours, o primeiro Congresso sobre a Tipografia na Escola, onde os adeptos de FREINET (mais ou menos umas cinquenta escolas estavam participando) puderam se conhecer pessoalmente, pois até então só travavam contatos por correspondência. Nesse congresso foram discutidos vários temas com relação ao material de impressão;

FREINET também apresentou um pequeno filme de seus alunos de Bar-sur-Loup trabalhando e salientou que a impressora deveria servir para libertar o pensamento infantil e não servir a antigos regimes escolares, criar um novo clima entre professor-alunos, entre crianças-meio ambiente. O texto livre deveria ser a via para a renovação do espírito da sala.

Mas salientou também a necessidade de disciplina escolar e da autoridade do professor; não uma disciplina de muitas proibições e sanções, mas uma disciplina que é consequência natural da boa organização do trabalho cooperativo e do clima moral da aula, a aula bem estruturada com trabalhos interessantes alcançam harmonia quase ideal.

Em 1928, após sete anos em Bar-sur-Loup, FREINET pede transferência para Saint-Paul de Vence, uma pequena e típica vila medieval, cercada de muralhas e ruas estreitas. Já casados, Celèstin e Elise tinham uma filha, Madeleine. Mal descarregam a pequena mudança e FREINET já está a observar as condições da pequena escola.

A escola era antiga, com um minúsculo pátio e encaixada no aglomerado de casas ao redor da igreja, e embora também estivesse em péssimas condições, como Bar-sur-Loup, o entusiasmo para iniciar o novo trabalho era grande. Procurando alternativas para melhorar as condições da escola, FREINET vai ter com o Presidente da Câmara, mas não consegue nenhuma ajuda para minimizar as muitas dificuldades. A idéia de educação do Presidente da Câmara estava muito distante dos princípios de FREINET, que em sua persistência vai superando a classe mal limpa, com seu assoalho irregular e empoeirado, impossível de varrer, entre tantas outras coisas.

Entretanto, uma dificuldade considerável era fazer com que os alunos se acostumassem com aquela nova forma de aprendizado. Foi preciso muito carinho, respeito e determinação para que os alunos pudessem perceber, por meio dos primeiros resultados positivos, a eficácia das técnicas de FREINET. A imprensa também foi ali a grande novidade que encantou os alunos, conseguindo a atenção de todos, até mesmo daqueles que nada queriam com a escola.

A correspondência escolar e o jornal escolar tinham seu lugar como em Bar-sur-Loup. Aos poucos FREINET vai

aplicando suas técnicas e desenvolvendo o clima de responsabilidade e respeito entre os alunos, proporcionando a livre expressão para que fossem manifestadas as personalidades de cada criança. O espírito cooperativo era percebido nos trabalhos, na nova organização dos alunos que discutiam planos de passeios e trabalhos, como levantar fundos para compra de papel e selos para correspondência e outras decisões a serem tomadas pela sala.

Logo surgiu a idéia de fundar uma cooperativa escolar em que os alunos reuniam-se semanalmente para discutir assuntos de interesses próprios, tinham um redator e um coordenador. As discussões visavam sempre às melhores soluções para o grupo e muitas vezes a participação individual era cobrada rigidamente pelos integrantes do grupo.

Ao final de 1928, apesar de todas as dificuldades que FREINET e a esposa enfrentavam na pequena escola da aldeia, saiu o livro de FREINET “*Abaixo os manuais escolares*”. Em cinco anos de prática, FREINET já dispunha de elementos suficientes para analisar em detalhes os livros didáticos escritos pelos adultos. Ele afirma que os manuais usados tradicionalmente nas escolas não correspondem às necessidades de expressão das crianças. Os manuais estão a cada dia mais modernos, ricos e ilustrados, porém, o motivo da preocupação, é seu emprego pelos educadores de forma a resumir o trabalho exclusivamente ao uso de manuais, impedindo com isso a formação de leitores que não compreendem o conteúdo lido e ainda favorecendo a criação de escritores que escrevem sem saber o quê.

O método **natural da escrita e da leitura** de FREINET baseia-se na afirmação de DECROLY “*Conduzimos a criança, quando é ela quem deve conduzir-nos*” (Apud FREINET, 1979, p. 10) . Ao professor cabe ajudar a criança a desenvolver-se, organizar e preparar “*o meio e os meios que lhe permitirão educar-se*”.

Nessa concepção, FREINET trabalha com sua impressora e os textos livres de seus alunos, com palavras conhecidas, frases da vida e do cotidiano de cada aluno. A motivação dos alunos permeia todas as atividades. A leitura natural é feita de forma quase que intuitiva, pois parte de textos próximos da realidade de vida de cada criança. A correspondência interescolar complementa o trabalho e estimula ainda mais a motivação sempre presente, o que invariavelmente valoriza o aprendizado da leitura e da escrita.

Para FREINET (1975-b, p. 165), o professor precisa estar sempre muito atento para investir os esforços na “tendência do ser para a potência”, investir no “influxo vital” de seus alunos, no desejo de subirem, na “força propulsiva” para “criação e para ação”. Quando o aluno não está estimulado, quando não há força inicial, é necessário uma intervenção urgente do professor, ou todos os esforços para uma aprendizagem significativa serão inúteis.

A confiança depositada na capacidade das crianças, faz parte do êxito conseguido por FREINET no método natural de leitura e escrita, que ganha adeptos em muitos outros países, que também estavam criticando o uso dos manuais escolares ou cartilhas. FREINET critica os métodos de ensino da época, critica principalmente o artificialismo, e percebemos em suas obras a busca constante pelo conhecimento da criança como um todo, com sua personalidade e sua identidade social. Ele destaca a existência de diferenças entre métodos e técnicas.

“Quem diz método diz sistema de educação, baseado em elementos determinados, cientificamente provados e coordenados de modo absolutamente lógico. Ora, a ciência pedagógica ainda está engatinhando, e nenhum método existente hoje pode dizer que resulta dela.”(FREINET, 1979, p.69-70)

Defendendo a necessidade de colocar a criança como eixo do processo educativo e negando que exista uma neutralidade da educação, ele continua seu artigo discutindo métodos e técnicas.

“Se nos detemos em fazer essa distinção capital entre método de educação e as técnicas do trabalho, é a fim de que não se continue a confundir a obra de educação e de libertação com os instrumentos que permitirão edificá-la, e que não se isolem nossas pesquisas práticas do grande problema social, político, econômico e filosófico que é a procura de um método de educação popular” (FREINET, 1979, p.70).

Na distinção que faz entre métodos e técnicas, FREINET assinala que método quer dizer um sistema baseado em “elementos sólidos e cientificamente comprovados e coordenados de um modo perfeitamente lógico”.

No entanto, para ele, a ciência pedagógica, iniciando seus primeiros passos, não pode ainda ter seus ensaios enquadrados dentro dessa definição de método, sendo portanto inadequado o termo método para os “métodos até então existentes”.

Segundo FREINET não é impossível criar um método científico para ensinar a criança a ler, no entanto esse método será conseqüência do desenvolvimento da Pedagogia a desvelar “todos os segredos do dinamismo infantil”. A palavra método designará então um plano geral cientificamente comprovado e indicará o rumo a ser seguido pelas várias técnicas de ensino.

Para FREINET a simples determinação de objetivos e centros em torno dos quais se desenvolverão as atividades educativas tem recebido a denominação apressada de “métodos”. Para ele, estas concepções não são métodos e sim “simples orientação ideológica”.

Tais orientações poderão tornar-se métodos por meio de estudos e uso das técnicas que lhes são subjacentes, as quais deverão estar sujeitas a modificações, aperfeiçoamentos. A relação aperfeiçoada da aplicação e utilização da técnica é que constituirá o método. E FREINET somente chamou de “*Método Natural*” a maneira de usar suas técnicas para alfabetização após 35 anos de prática na França e em países vizinhos, com resultados notoriamente comprovados satisfatórios. O laboratório para esse progresso é a própria escola.

Também como técnicas surgidas a partir das idéias de FREINET podemos citar o uso do rádio que apresentou resultados bastante satisfatórios, pois puderam alcançar com programas educativos, as aldeias mais distantes da França. Outra importante contribuição deu-se com os “fichários”, constituindo um material de consulta preparado pelos próprios professores e alunos, participantes da CEL.

Logo que a idéia começou a ser posta em prática, chegaram contribuições de quase todos os participantes da CEL. No início as fichas eram imprimidas por assuntos distintos. Posteriormente foram organizadas por assuntos, e surgiram brochuras

realizadas por um único aluno ou por toda a classe. Essas brochuras após a montagem inicial passa pela crítica de 20 outras classes com alunos da mesma idade; são devolvidas, realizadas as correções e revistas por uma equipe de professores do departamento de revistas da cooperativa, editadas e distribuídas às outras escolas. E assim, FREINET vai colocando ao alcance dos professores novas técnicas que podem ir se aperfeiçoando de acordo com a evolução do contexto de cada realidade.

FREINET coloca o professor como um estimulador da livre expressão da criança. As decisões quanto à organização da classe e das atividades coletivas só serão possíveis se o professor tiver instalado um clima de aula no qual as crianças possam expressar livremente seus projetos, desejos e sentimentos. Por meio de suas técnicas FREINET pretende que o professor desça de seu pedestal e se coloque a serviço das crianças estando sempre atento para que a criança desenvolva toda sua potencialidade.

No livro “*A educação pelo trabalho*” (1975, p. 165-a) FREINET refere-se à necessidade de elevar “ao máximo” o “influxo vital” de seus alunos, o desejo de criação e ação. A “pressão educativa” poderá ser controlada observando o “ímpeto propulsivo” do aluno, e caso o estímulo esteja a descer, é necessário atendimento urgente.

Com a divulgação e discussão dessas idéias, crescem entre os membros da CEL as discussões sobre alfabetização pela imprensa, os centros de interesse (com base na proposta de DECROLY), a avaliação, a apropriação do meio pela criança, as condições de vida desse aluno da classe proletária, a disciplina em sala de aula, os trabalhos em grupo (com base na proposta de COUSINET), a organização da escola pública no sistema capitalista e os utensílios de trabalho mais adequados para o desenvolvimento dos trabalhos manuais e intelectuais (sociais, acadêmicos e artísticos).

Todas essas discussões contribuem para a construção da pedagogia FREINET. Congressos anuais eram responsáveis pelo aprofundamento destas discussões, posteriormente divulgadas com publicações nas revistas da CEL.

Em 1932, FREINET participa do congresso Internacional de Educação Nova em Nice, cujo tema principal era “A educação nas suas relações com a evolução social”. Decepcionado com o congresso, pois o que vira ali em nada se assemelhava ou podia

ser aplicado às realidades das escolas nas quais ele e seus colaboradores trabalhavam, estreitamente próximos da pobreza e da miséria, FREINET convidou um grupo de educadores para conhecer sua pequena escola em Saint-Paul de Vence, que ficava próximo a Nice.; e dos sessenta educadores que estiveram presentes, ressalta-se a presença de Roger COUSINET, DELAUNAY, GUÉRRITTE, F. DUBOIS (defendendo o método DECROLY), Lucien WALENS, da Bélgica, RUBAKINE, da URSS, e Otto MÜLLER-MAIN, da Alemanha.

Um clima bem diferente instalou-se nesta visita de um dia, em que os visitantes puderam presenciar as crianças em clima de trabalho; num meio tão precário de condições materiais (faltava luz, água, espaço), o dinamismo entre as crianças e suas produções destacaram-se perante os olhos dos visitantes, que descontraidamente passaram a discutir as condições de opressão da escola popular.

Com a descontração e a cordialidade desse encontro, Roger COUSINET expôs os fundamentos de seu método; F. DUBOIS falou sobre DECROLY e respondeu algumas críticas; Otto MÜLLER-MAIN enfatizou a necessidade de uma ação pedagógica sistematicamente universal e, por fim RUBAKINE contou sobre os grandes problemas da reconstrução soviética. Esse único dia em Saint-Paul marcou cada um dos presentes, que conscientes de suas fraquezas, logo se filiaram à CEL e posteriormente, integrados ao movimento FREINET, passaram a utilizar a imprensa escolar em seus países de origem.

As crianças de FREINET, em sua escola e fora dela, mantinham um grande entusiasmo em suas ações, em suas atividades, nas participações da vida da aldeia e da escola. Como toda criança, eram naturalmente barulhentas, desembaraçadas, ativas e participantes. Essa vivacidade logo chamou a atenção daqueles que achavam que se uma criança não estivesse sentada, quieta em sua carteira, não estaria fazendo nada sério.

Evidente que as aulas de FREINET não comportavam e não pretendiam essa imobilidade física e mental. Seus alunos despertavam cada dia mais para a vida e em especial para a vida em comunidade, a vida na cidade em que viviam, para os problemas que aconteciam ao seu redor.

As crianças circulavam pela cidade observando, pesquisando, conversando, sugerindo providências e muitas vezes

chegando a cobrar providências referentes à vida da comunidade e da escola. Outras vezes buscavam alternativas e soluções com as próprias mãos ou interferiam em algum acontecimento da vila, como por exemplo, atrapalhar a compra, pelo antiquário da cidade, de uma peça de elevado valor histórico e que estava sendo vendida sem que o dono soubesse de seu real valor.

O antiquário sentindo-se afrontado passou a “vigiar” de perto o trabalho de FREINET na escola, chegando a desviar a correspondência da CEL e começou a alimentar críticas ao ensino que estava sendo viabilizado, chegando a dizer que o professor era um simpatizante “dos russos”, funcionando como “espião”.

“Outra inquietação decorria do crescimento das trocas de carta e encomendas provenientes do intercâmbio com outras escolas, até de outros países. Os moradores da cidade, percebendo o grande movimento no correio, passaram a desconfiar até de “espionagem russa”. Convém lembrar que a Europa vivia, nos primeiros anos da década de 30, um clima de guerra, com o nazismo crescendo na Alemanha, o fascismo dominando a Itália e o nacional-socialismo se espalhando por toda a parte”
(FREINET, E. 1979, p. 59).

Então, se, por um lado, o encontro proporcionou uma profunda discussão a respeito da escola pública e dos rumos da educação popular, por outro, catalisou as investidas que a burguesia local vinha pretendendo dirigir contra FREINET e sua pedagogia, dando origem a episódios que ficariam conhecidos como “o caso de Saint-Paul”.

O encontro ali realizado provocou ciúmes à classe rica da cidade, deu margem a comentários de que FREINET era mantido por entidades de países comunistas. Iniciou-se então uma campanha contra o professor comunista que estava supostamente corrompendo seus alunos.

Formam-se dois blocos opostos: os trabalhadores e os burgueses; os interesses eram muito contrários, as divergências são ideológicas. Os jornais da cidade e região passam a divulgar o fato, e

entre os próprios jornais surgem divergências - uns defendem FREINET e outros o atacam, bem como à sua pedagogia - e o episódio espalha-se por toda a França. Educadores e intelectuais franceses enviam manifestos aos jornais em favor de FREINET.

Também o inspetor da escola sofre com todo o caso, é acusado de não ter tomado providências contra a situação criada pelas aulas de FREINET e é destituído do cargo ao mesmo tempo em que FREINET recebe censuras e sofre inspeção pedagógica para caracterizar sua ação como de incapacidade pedagógica. Até mesmo os pais dos alunos passaram a sofrer com o movimento, muitos tiveram até mesmo seus empregos ameaçados, caso não tirassem os filhos da escola. Aos poucos, os pais foram tirando seus filhos da escola, restando apenas três crianças, cujos pais não cediam à pressão que se estabelecera em Saint-Paul. Alguns alunos, escondidos dos pais, tentavam chegar até a escola, mas eram barrados por pessoas do movimento contrário à FREINET.

O caso tomou proporções de batalha, chegaram carros na cidade, apareceram sentinelas às portas dos hotéis, as estradas eram vigiadas: temiam a chegada dos comunistas companheiros de FREINET.

Em alguns dias, FREINET recebeu uma intimação da parte do Inspetor da Academia para que fizesse por escrito, num prazo de três dias, seu pedido de licença. O inspetor ameaçava tomar providências, caso não fosse obedecido. Os sindicatos com os adeptos de FREINET se movimentavam por meio de publicações e manifestos, criou-se “um comitê nacional” (1978, p. 260) a favor de FREINET.

A situação tem seu ápice com a exoneração de FREINET do cargo de professor de Saint-Paul em 21 de junho de 1933. A antiga escola de Bar-sur-Loup, onde iniciara sua experiência pedagógica, insistiu para que ele continuasse lá sua obra. FREINET se emocionou com a acolhida, mas não aceitou o convite pois achava que se retirar seria retroceder o movimento. Em nível nacional foi instaurado um inquérito sobre todos aqueles professores que utilizavam em suas aulas a Imprensa Escolar.

As técnicas FREINET eram cada vez mais comentadas, e os adeptos estrangeiros cresciam. Em 1934, FREINET foi a Barcelona fazer palestras e lá constituiu uma cooperativa de tipografia e, logo após, também a Bélgica onde fundou uma

cooperativa semelhante à Cooperativa de Ensino Leigo que FREINET tanto defendia.

Em 1934, FREINET escreveu um artigo na *L’Educateur Proletarien*, revista da CEL, em que percebemos claramente sua preocupação com o papel do professor no contexto social:

“Apesar de todas as forças reaccionárias e contra elas, os professores primários devem erguer o seu protesto na sua dupla condição de cidadãos e de educadores decididos a integrar completamente a sua tarefa no processo histórico da evolução social.”
(FREINET, E. 1978, p. 280)

Ainda em 1934, alguns amigos ofereceram ajuda financeira para que ele pudesse construir uma escola, com belo prédio, de fazer inveja à cidade que tanto o maltratara, porém FREINET deixou claro que pretendia uma escola única, para atender as crianças da comunidade, sem distinção de classe social. Os amigos, então, desconversaram sobre a pretensa ajuda financeira.

Com auxílio financeiro da família, sua sogra e seus cunhados, FREINET adquiriu uma pequena Propriedade em Vence, que Elise FREINET nos descreve assim:

“Um dia descobrimos, em Vence, no alto de um outeiro, o objeto dos nossos modestíssimos sonhos: uma casinha grosseira, caiada e rodeada de sebes e de arvoredos. Por todo o lado, espaço livre e o silêncio da natureza.”(FREINET, E. 1978, p.291)

Vence era próxima a Saint-Paul, e FREINET continuou seus trabalhos com a cooperativa (CEL) para onde ia todos os dias de manhã em sua bicicleta. A CEL não teve seus trabalhos interrompidos nem mesmo com os acontecimentos que atingiram FREINET, pois ele e Elise continuaram o trabalho de impressão dos boletins e revistas, procurando atender aos colaboradores já antigos e incentivar os novos como o jovem professor STORSTEIN, da

Noruega; TCHATZKI da Rússia; BIECIELESCU da Romênia e outros.

Algum tempo depois a escola montada em Vence atendia a crianças pobres, filhos de camponeses e proletários, assim como a alguns órfãos judeus expulsos da Alemanha, que o casal tomou sob seus cuidados. Também em Vence os problemas políticos os atingiam; em 1936, embora tivesse já 16 alunos matriculados, sua escola foi considerada clandestina.

A Frente Popular, da qual FREINET participava e também fora um dos fundadores, pressionou o tribunal para obter autorização e finalmente conseguiu a abertura oficial da escola. FREINET procurou abrir a escola às pessoas do povo, convidando-as a construir juntos, com tijolos e sacrifícios, suor e sentimentos, uma escola para o povo e mesmo sofrendo extrema falta de recursos, possuía, porém toda a riqueza da liberdade.

A completa interação com o meio, numa escola viva entre a natureza que a rodeia, e enfrentando problemas como o excessivo número de crianças, as deficiências econômicas e materiais, as intrigas administrativas e o acúmulo de trabalho devido a escola e as atividades da CEL, levam FREINET a aprofundar suas idéias de que o trabalho é uma necessidade vital de todos os seres, em especial das crianças.

“Há um jogo, por assim dizer “funcional”, que se exerce no sentido das necessidades individuais e sociais da criança e do homem, um jogo que tem suas raízes no mais profundo devir ancestral e que, indiretamente talvez, permanece como uma preparação inicial para a vida, uma educação que se processa misteriosamente instintiva, não no modo analítico, racional, dogmático da educação tradicional, mas num espírito, por uma lógica e segundo um processo que parecem ser específicos à natureza da criança”(FREINET, 1978, p. 178)

Sempre a vida permeia as idéias e ideais de FREINET, e novamente nos deparamos com essa característica quando ele nos mostra que é por meio do trabalho que o homem será preparado para a

vida e, por meio do trabalho, viverá. Assim, o trabalho deve ser o centro das atividades escolares, para que a intelectualidade se desenvolva por meio de realizações, empreendimentos ligados às próprias necessidades, modificando e aprimorando o próprio meio físico e social. Por meio do trabalho a escola levará à criança os “*eminentes direitos do espírito*”.(1975, p. 158-b)

Considero oportuno fazer uma pequena observação sobre o uso da palavra *espírito* por FREINET. Na filosofia francesa é muito forte a concepção de que espírito é o conjunto de qualidades que diferenciam o ser humano como ser capaz de reflexão, capaz de criar valores. A obra de SARTRE é nesse sentido, marcante. O ser humano é numa síntese espírito encarnado, corpo criador de valores e projetos. E percebemos no trabalho de FREINET, o valor que ele dá aos sentimentos do homem, à busca da essência do homem: inteligência, razão, bondade, justiça, solidariedade, caridade, fraternidade; logo em muitos trabalhos encontramos a aplicação da palavra espírito, mais especialmente nas obras escritas quando ele estava preso nos campos de concentração.

É preciso não nos determos na idéia de um “*grosseiro materialismo*” ou “*manualismo servil*”; o que FREINET busca é a cultura intelectual que, por meio do trabalho, levará as crianças e todo ser humano a ascender, dominar o meio, exercer seu poder de atuação na vida, para que tudo possa ser aplicado na sua experiência por toda a vida, não apenas para trabalhar melhor, mas para viver melhor.

FREINET acredita ser por meio do trabalho que o homem desenvolve total e efetivamente todas suas potencialidades: inteligência, razão, caridade, fraternidade, bondade, justiça, generosidade. O trabalho é inerente às atividades humanas e o elo de ligação entre os homens, fazendo aflorar o que existe em cada personalidade. Segundo FREINET (1975, p. 151-b) “*a verdadeira fraternidade é a fraternidade do trabalho*”. Ainda segundo ele, as necessidades do ser têm sido tratadas em segundo plano, como as necessidades de crescer, de realizar seu próprio destino, para favorecer o instinto de reprodução.

Considerando o trabalho como fator de união e fraternidade entre os homens, também no âmbito familiar sua importância é discutida, demonstrando que uma família é tanto mais unida quando maior for o envolvimento de seus membros em

trabalhos comuns. Estende suas idéias para a concepção da união entre as pessoas de um determinado local, uma determinada aldeia.

FREINET realizou várias análises da força que move o ser humano, que para ele é o trabalho. O trabalho refere-se primeiro à luta que os homens travavam e travam com a natureza, pela sobrevivência diária. O trabalho, ao mesmo tempo que transformou a natureza, transformou os homens. Na luta pela sobrevivência, o trabalho agrupou nossos antepassados e surgiram as sociedades. A grande diferença qualitativa do animal e do homem foi marcada pelo trabalho. E foi por meio dessas análises que se pôde chegar ao valor educativo do trabalho.

O trabalho leva ao desabrochamento do ser, então, o trabalho deverá ser o centro de toda atividade escolar. Não o trabalho exclusivamente manual e alienado, mas o trabalho intelectual também, buscando formar em cada homem um técnico e um sábio. O pensamento de FREINET sobre o trabalho não podia, então, estar dissociado da idéia de motivação, considerada por ele imprescindível para a realização de qualquer empreendimento.

Para ele, quando o trabalho não é apenas uma obrigação servil, transforma-se em agente de transformação; não causa cansaço aos seus executores, pelo contrário, tem então, um caráter libertador, alegre, harmonioso.

Por este tempo continuavam os desrespeitos à criança e muitas manifestações foram organizadas em prol da infância, tendo FREINET participado ativamente da maioria. A técnica da livre expressão valoriza a criança e sua personalidade, assim mais educadores passaram a utilizá-la e a buscar novos espaços para a infância. FREINET em sua incansável busca de novas alternativas que respeitassem o tempo da criança e seu mundo adotou a técnica do “*tempo livre*” que consistia em uma alternativa para as atividades das crianças. A própria criança escolhia o que iria fazer neste momento de “*tempo livre*”. O produto final do tempo livre visava sempre a um produto concreto, que fosse aproveitável e ao mesmo tempo fosse prazeroso.

Não só o plano pedagógico, mas também o social, recebia atenção especial de FREINET, que participava ativamente dos sindicatos e cooperativas. Em apenas dois anos, conseguiu fundar oitenta sindicatos de camponeses, criou diversas cooperativas: de pão, de leite, de legumes, etc. ... A sua escola passou a receber os

camponeses onde, em pequenos cursos, aprendiam os principais dados das cooperativas e aprendiam a se colocar em público, sendo esta última aprendizagem baseada na compreensão dos fatos sociais e econômicos que viviam.

No ano de 1937, a CEL contava com 1500 participantes e todos se preocupavam com os problemas educacionais e sociais, buscando meios capazes de transformar a escola, atendendo às necessidades das crianças do povo. Os professores da escola pública tinham contato com os trabalhos de FREINET por meio de divulgação de obras editadas pela cooperativa. Assim, buscava-se influenciar no sentido de realizar mudanças em benefício das camadas populares.

No ano de início da Segunda Guerra Mundial, 1939, a CEL, em sua busca de soluções para os problemas educacionais, se fez presente no Congresso Anual da Liga para a Educação Nova, onde se tratou do tema “Os educadores e a realização do ideal democrático”. As discussões foram permeadas pela preocupação do avanço do fascismo na Espanha, na Itália e na Alemanha.

Pouco adiantaram as discussões: a guerra eclodiu e levou para a frente de combate muitos colaboradores da CEL, que aos poucos foi sofrendo as conseqüências da guerra, esvaziando-se de seus membros, tendo sua correspondência interrompida, e as internacionais, terminantemente proibidas.

Muitos professores foram mortos, outros presos, acusados de serem terroristas. FREINET era considerado um líder terrorista e a Cooperativa do Ensino Leigo, constantemente visitada por policiais para verificarem se lá guardavam armas. FREINET continuava suas aulas com as crianças. A sua casa foi revistada e alguns livros lá encontrados foram considerados provas de subversão. Foi ameaçado de prisão, e em março de 1939 foi preso e conduzido ao campo de concentração de Saint-Maximin, e seus problemas pulmonares agravaram-se.

Élise, sua esposa, temia pela saúde do marido e mobilizou vários integrantes da CEL que realizam várias manifestações para que FREINET fosse solto; até mesmo políticos de outros países escreveram ao governo francês, porém as tentativas eram inúteis. A insistência pela saúde de FREINET fez com que ele fosse levado ao hospital do campo de concentração. Enquanto isso, Élise mantinha a CEL, resolvia os problemas das dívidas, das

constantes buscas militares, do funcionamento, da correspondência interrompida, dos freqüentes assaltos, quando os papéis eram roubados...

O prefeito ordenou que as crianças fossem mandadas embora e Élise as enviou para os pais, mas ficou com os órfãos para não enviá-los à Assistência Pública, porém a fome era enfrentada todos os dias. Dez meses depois, descobriu que seria detida, e após deixar os órfãos em segurança com amigos, fugiu clandestinamente.

FREINET, no hospital, manteve a linha mestra de sua vida, a educação. Alfabetizou um velhinho, organizou grupos de aulas entre outros convalescentes, preparou palestras, ajudou a proporcionar grupos para trabalhos manuais e artísticos e chegou até mesmo a organizar um jornal, feito à mão, que revelava comoventes histórias (por meio dos textos livres) de outros prisioneiros; o jornal era chamado de Camp 41 (e passava pela censura do campo de concentração), neste momento de sua prática, *“a livre expressão atingirá aí uma valor humano e cultural de primeiro plano”* (1979, p. 120).

Cada vez mais, ele se envolvia com a alma dos homens, com o interior de cada um e refletindo sobre suas constatações escreveu inicialmente Conselho aos pais, e amadureceu as idéias para outros dois livros: Ensaio de Psicologia Sensível (2º volume) e Educação pelo Trabalho (2º volume).

Em 29 de outubro de 1941, FREINET saiu do campo de concentração com a saúde bastante abalada. Embora estivesse em liberdade era mantido sob vigilância, por meio do controle da correspondência e das visitas periódicas da polícia. Durante sua fuga, Élise havia entrado em contato com grupos de Resistência Francesa, e foram eles que, neste momento, auxiliaram FREINET a passar para clandestinidade e também a atuar na frente de Resistência. Enquanto FREINET atuava no Comitê Francês de Libertação Nacional¹, estava sendo organizada na França a Reforma de Ensino, e os organizadores, por considerarem FREINET um traidor, pois dera palestras na Alemanha, deixaram suas importantes idéias e contribuições fora da nova organização das leis do ensino.

¹ Comitê Francês de Libertação Nacional: “organismo constituído em Argel em junho de 1943, sob a presidência comum dos generais de Gaulle e Giraud. Giraud deixou o comitê a 1º de outubro de 1943 e este logo se tornou um verdadeiro governo. Assistido por uma assembléia consultiva, formada de representantes dos partidos da Resistência, tomou em maio de 1944 o nome de Governo Provisório da República Francesa.” (1972: 1785).

Assim, logo que foi possível, FREINET retornou à Vence. Com Élise, encontrou a sede da Cooperativa num amontoado de papéis sujos, tudo remexido; pouco se podia aproveitar... mas o incansável espírito de luta de FREINET se faz presente sempre e, iniciaram a reconstrução da CEL, que deixara de contar com muitos integrantes, mortos nas frentes de luta ou nos campos de concentração.

Em 1947 foi criado o ICEM (Instituto Cooperativo da Escola Moderna) para se dedicar à pesquisa em educação para aperfeiçoamento da CEL e também cuidar das publicações da cooperativa. O movimento encabeçado por FREINET, em busca do desenvolvimento da escola popular foi chamado de Escola Moderna Francesa, para evitar equívocos com o a reforma do ensino que adotara o nome de Movimento da Escola Nova Francesa.

Em 1949, o movimento educacional empreendido por FREINET já contava com 20.000 adeptos e para manter a chama inicial do ICEM, eram promovidos boletins dos relatos das experiências dos professores, realizados encontros regionais dos grupos menores, encontros anuais com mais participantes. Em 1955, fortalecido pela experiência do grupo, realizaram a campanha “25 alunos por classe” que até hoje é defendida pelos professores franceses.

Continuando seu trabalho com as crianças, sua atividade na CEL e no ICEM, trabalhando com os pais dos alunos, pesquisando e escrevendo, FREINET nos últimos meses de sua vida faz críticas aos métodos de ensino do regime capitalista e apresenta alternativas para uma reforma, procurando mostrar “*a contribuição benéfica de sua obra*” (1979, p. 160). Em outubro de 1965, ele escreve na revista L’Educateur (1979, p. 162):

“Tudo deve ser revisto. Idéias muito antigas e solidamente assentadas na tradição e nos livros estão agora sendo abaladas. O exemplo audacioso dos matemáticos modernos deve encorajar-nos em nosso esforço iconoclasta. Mas precisa-se de trabalhadores de espírito livre e capazes de se empenhar naquilo que é para fazer nascer o que deve ser, e que será” (FREINET, E., 1979, p. 169-162).

Com esse pensamento e muita vitalidade mental, FREINET faleceu no dia 08 de outubro de 1966, em sua escola em Vence, entre os pinheiros frescos da região.

Durante toda sua prática, FREINET foi sempre movido pelas preocupações sociais, e conseguiu edificar uma pedagogia com os objetivos da escola ativa, pensando principalmente no desenvolvimento dos interesses e na formação social da criança. Buscava a formação intelectual, social e afetiva de seus alunos.

Sua concepção pedagógica nasceu das angústias e problemas enfrentados por ele durante a guerra e no início de sua carreira como professor primário, quando se deparou com um sistema escolar autoritário, fechado, insuficiente para atender às necessidades de mudança da época. A constatação das muitas mudanças que precisariam ocorrer na escola e nos sistema de ensino leva FREINET a buscar a transformação da ação pedagógica pelo professor.

Entre as muitas constatações de FREINET, uma delas é a de que a classe popular não estava sendo atendida pela educação, nem tendo acesso aos avanços tecnológicos e à produção do conhecimento humano. Sua sensível observação sobre o mundo e os homens, possibilita-lhe elaborar, juntamente com outros educadores, concepções filosóficas, psicológicas e sociais que embasam toda sua prática pedagógica; prática essa que envolve integralmente planejamento da ação, ação propriamente dita, avaliação e reformulação da ação.

A sua prática conquistou inúmeros adeptos de seu pensamento. E seu pensamento foi construído por meio da análise das relações entre a educação e a sociedade, tendo em vista o homem em sua globalidade e o papel da escola em sua formação.

“Na origem, o homem traz consigo um potencial de vida, tal como as infinitas variedades de seres vivos escalonados na hierarquia zoológica, tal como o grão de trigo e a mais ínfima semente.”(FREINET, 1976, p. 17).

Para FREINET, é esse “potencial de vida” que impulsiona o homem para o seu desenvolvimento físico e social. Desenvolvimento esse que dependerá diretamente do meio em que estiver inserido. Um meio favorável, que lhe possibilite alimentação adequada, calor humano, afeto, proteção contra os obstáculos da vida, levará o indivíduo a “desabrochar” para a vida, procurando a luz para todo o longo caminho que tem pela frente, com uma força só equiparável a de uma torrente, que a princípio nasce como uma pequena nervura, mas conforme vai descendo montanha abaixo ganha força e volume. Assim é o homem, quanto mais cresce, mais fortifica, quanto mais anda para frente, mais exalta sua força.

Entretanto, se o meio impõe obstáculos ao crescimento do ser, ainda assim, ele busca livrar-se deles, como uma planta, que busca por uma fresta de luz estendendo seus caules disformes e compridos na direção de uma pequena claridade, por menor que seja. Assim é o homem em sua natureza primeira, procura satisfazer suas necessidades e superar os obstáculos que se apresentam em seu caminhar.

Algumas vezes a força dos obstáculos é tal, que pode gerar desvios de comportamento como sentimento de inferioridade, passividade e outros. Mas a necessidade de *poder* sempre impulsiona o ser humano à plenitude, ao crescimento. A necessidade de poder, como uma lei absoluta e geral, refere-se ao potencial máximo de vida que o indivíduo utiliza na ascensão normal do ser.

A busca constante do homem por seu crescimento precisa ser compreendida no sentido dinâmico da vida que influencia as ações do ser. A vida não pode, segundo FREINET, ser vista como um estado, mas sim como um vir a ser, uma sucessão de atos e ações, técnicas de vida que são resultantes das experiências dos homens ao longo da história da humanidade, transmitidas de gerações à gerações e que favorecem a vida em seu esplendor. Essas técnicas são indispensáveis para assegurar a perpetuação da espécie.

Quando a evolução das sociedades era mais lenta, os indivíduos tinham tempo para se adaptarem; porém, as rápidas mudanças dos dias atuais obrigam também rápidas adaptações dos indivíduos ao meio e às novidades da tecnologia e da sociedade, confundindo uma de suas características: o *instinto* :

“A parte de estabilidade que nos vinha do instinto, lenta e laboriosamente reajustado, aniquilou-se para sempre. Devido a este facto, encontramos-nos perante um problema trágico: reencontrar para lá desse instinto deficiente, as linhas de vida que permitam que o indivíduo viva, apesar de tudo, que dure e frutifique num meio que perdeu a sua estabilidade, que domine esse meio para que continue uma vida poderosa, orientada no sentido do verdadeiro progresso.”(FREINET, 1976, p. 34).

A dinamicidade da vida e a necessidade de poder inerente a cada indivíduo são os impulsionadores do ser na superação, também, desses obstáculos, apoiado na capacidade de aprendizagem e criação que cada um tem. Desde o nascimento as necessidades de poder e a dinâmica da vida se manifestam e, quanto mais bem-sucedidas as tentativas da criança, mais satisfação o indivíduo sente em seu viver, passando a incorporar as experiências que lhe proporcionaram tal sensação.

As tentativas malsucedidas pedem ao ser uma reformulação na ação, tateamento e também são incorporadas, não pela satisfação, mas pela ausência da mesma. Outro recurso utilizado é o da imitação, que reproduz um modelo já pré-estabelecido e não envolve raciocínio, porém antes da crítica é preciso lembrar que os modelos são necessários para auxiliar a criança em sua atuação, não forçando-a a percorrer todos os caminhos já percorridos por gerações anteriores, mas colocando-a de posse de instrumentos que podem resultar em novas aprendizagens.

Parafraseando FREINET, a história nunca está totalmente escrita; as experiências nunca estão verdadeiramente terminadas (1976, p. 227), assim, é preciso distinguir entre a imitação que economiza esforços para serem empregados em atividades mais proveitosas, da imitação que reduz a torrente de vida à espera da ação alheia:

“O indivíduo normalmente educado deve em primeiro lugar recorrer à

complexidade das suas reacções pessoais para triunfar das dificuldades que encontra na estrada da vida. A criança submetida à experiência dos outros esquece os seus próprios recursos e espera em primeiro lugar do meio exterior, dos recursos-barreiras, a solução dos problemas que a si própria se põem.”(FREINET, 1976, p. 181).

De mesmo calibre e, considerado amplamente educativo por FREINET, citamos o exemplo, já que por seu intermédio podemos auxiliar as crianças em sua atuação, analisando o imediato, e em sua formação, tendo em vista a história e a experiência de outros homens. O homem distingue-se dos demais animais por meio das infinitas experiências pelas quais passa no decorrer de sua história, que lhe colocam problemas e a solução destes garantem sua sobrevivência. A solução de cada necessidade gera novas necessidades e isso impulsiona a dinâmica do processo de desenvolvimento. E todos os passos para a satisfação das necessidades devem ser percorridos:

“passar dos primeiros recursos fisiológicos mecânicos para os reflexos sistematizados, do tactear mecânico ao tactear inteligente; imitando os gestos de que é testemunha, sistematizará cada vez mais os sucessos inteligentes até chegar por fim ao limiar do humanizado, à luz do infinito, à procura dum ideal para lá das necessidades, à satisfação das tendências superiores que o elevam até a concepção de actos complexos, ao emprego de utensílios e de símbolos que o farão avançar cada vez mais em direção a esse desconhecido.”
(FREINET, 1976, p. 131)

Para FREINET, todas as aquisições que o ser faz em seu desenvolvimento estão fundamentadas no desejo de aperfeiçoamento e de progresso. Assim, na aprendizagem do andar, a criança não se dá por satisfeita quando engatinha; assim que domina esta forma de se mover, prontamente se lança a novas experiências,

como ficar de pé e arriscar alguns passos. Também na aprendizagem do falar, a necessidade de perfeição a faz ir sempre em frente, não parando nas primeiras aquisições. A tentativa experimental ou “tateio experimental” é o eixo em torno do qual giram todas as aquisições humanas.

Quanto mais saudáveis e equilibrados forem os seres, mais tentativas experimentais realizarão. Consequentemente, maior e mais rápido domínio estarão adquirindo com relação aos vários campos de conhecimento.

As muitas saídas que o homem encontra para a satisfação de suas necessidades contribuem para o progresso da espécie e para o crescimento interior de cada indivíduo que vive as experiências de superação dos obstáculos e barreiras. Essas barreiras transpostas podem ser consideradas como *andaimas* que o indivíduo constrói e usa para ascender na sua formação. Quanto mais alto sobe, mais alto quer subir. E o conhecimento na vida do homem, então, é mais um acessório que deve contar em uma sólida construção baseada no *trabalho*.

Durante a construção de seus andaimas o homem busca caminhos já percorridos, tenta *economizar o esforço* de tentativas inúteis para aplicar o potencial de vida em direções ainda não percorridas por nenhum homem, e que o fará chegar adiante de seus antecessores; busca uma *brecha*, uma fenda por onde possa embrenhar-se e ver florescer a vida e as experiências e, veremos produzir no indivíduo uma tendência a utilizar esta brecha como via alternativa para seus problemas, o que resultará posteriormente numa *técnica de vida*, ou como são chamadas: *tendências*. E as tendências configuram-se nas ações, então é preciso buscar a harmonia das mesmas para que a vida também se desenvolva harmoniosamente.

Mas o indivíduo não se desenvolve isoladamente, sem os condicionantes do meio, pelo contrário, desde o nascimento o ser já está inserido ao ambiente e sendo atingido pelas suas influências. Há uma visão interacionista entre homem e mundo, sendo que nessa interação é dada ênfase ao desenvolvimento do homem, ou seja, todo desenvolvimento do meio deve visar ao bem estar e desenvolvimento do homem. O meio por vezes se apresenta como recurso e por outras como barreira, mas na maioria das vezes é um conjunto indissociado de recursos-barreiras, que por suas características complexas, agem

diretamente no comportamento do ser. Os recursos-barreiras podem ser:

Os recursos-barreiras família
Os recursos-barreiras sociedade
Os recursos-barreiras natureza
Os recursos-barreiras indivíduos

(FREINET, 1976, p. 165)

O potencial de poder dos indivíduos os impele à satisfação de suas necessidades e à superação das barreiras existentes em seu caminhar pela vida afora. Inicialmente eles se valem de suas próprias forças para transpor as barreiras, mas se estas se elevam acima de seu potencial e não conseguem dominá-las, buscam forças em recursos exteriores, em elementos do meio, apelam para os recursos-barreiras família, depois os recursos-barreiras sociedade, recursos-barreiras natureza e por último os recursos-barreiras indivíduos. Se algum desses recursos for favorável, superarão o obstáculo e darão continuidade à torrente de vida; do contrário desenvolverão sentimentos de desamparo, inquietude, desorientação.

Por isso FREINET defende que o meio deve ser sempre favorável, porque “*as regras de vida têm sua origem nas experiências bem-sucedidas*” (FREINET, 1976, p. 188). O processo de aquisição da criança, segundo FREINET, se faz por meio de repetição das experiências bem sucedidas, que se integram aos hábitos de vida, e de abandono das tentativas malsucedidas.

A tentativa experimental acontece graças a “um princípio de vida” que leva o ser humano a crescer, melhorar sempre, galgar degraus mais altos em seu desenvolvimento. E para FREINET, a inteligência e razão seriam faculdades de recordar “*experiências tentadas*” (FREINET, 1976, p. 178), comparar resultados, apropriar-se de experiências dos outros, para cada vez mais satisfazer a própria necessidade de perfeição e progresso.

Na base da produção dos conhecimentos está a experiência tateante, por meio da qual o indivíduo entra em contato com os objetos que o cercam e com as relações estabelecidas entre eles. A partir desse conhecimento o homem pode superar o “tatear” que é incorporado às concepções pessoais quando encontra respaldo nas construções que o indivíduo faz durante a vida. FREINET nos mostra que:

“Uma nova etapa é alcançada no momento em que o homem consegue fixar na matéria a expressão dum pensamento que é resultado da sua experiência.”(FREINET, 1978, p.163)

E cada etapa transposta é base para que o sujeito se lance a novas conquistas, crie instrumentos e utensílios que o auxiliem a transformar o meio em que vive e realizar novas experiências, tendo cada vez mais potencial de ação sobre o meio e com os outros indivíduos com os quais se relaciona. Desse modo, o conhecimento para FREINET se caracteriza por um processo ao mesmo tempo individual, coletivo e histórico, e é a característica histórica que fornece às novas gerações elementos para caminhar mais rapidamente e ir além do já construído.

Dentre os utensílios criados pelo homem para aumentar seu poder sobre o meio, a linguagem oral e escrita é o utensílio por meio do qual ele satisfaz sua necessidade de expressão; ainda garante a permanência e divulgação de suas descobertas, experiências e construções. O conhecimento é assim, algo dinâmico, em constante transformação. No contexto escolar, cabe ao professor favorecer e organizar o meio de forma tal que permita a tentativa experimental.

E as ações estão na base da construção do pensamento e do desenvolvimento da inteligência. Dessa maneira os homens tendem a aumentar o controle sobre o meio, modificando-o e modificando-se por meio de sua atuação realizada basicamente pelo trabalho. E o trabalho permeia toda a vida dos homens.

FREINET enfatiza o trabalho como forma do ser humano ascender, dominar o meio, exercer seu poder, porém alerta para o perigo de levar a criança a aprender para poder trabalhar melhor mais tarde, pois pode ocorrer que neste percurso ela perca o “*sentido íntimo*” e a “*verdadeira significação social*” (FREINET, 1975, p. 106-108-b)do trabalho.

Ele não desvaloriza o trabalho, é claro que a criança deverá aprender, mas é preciso que tudo passe pela experiência de vida, para que o aprendido seja integrado ao ser que aprende, e isso só é possível pela ação, pelo trabalho que é a “*essência do nosso ser*” e o “*móbil do nosso destino*”.

Considero importante ressaltar a distinção que FREINET faz ao exaltar a “*educação pelo trabalho*” (FREINET, 1975, p. 130-b), que não significa “*educação pelo trabalho manual*” e sim a união entre intelectualidade e manipulação, pensamento e ação, concretização de pensamento. Para ele, o desenvolvimento do pensamento lógico e inteligente se faz a partir de ocupações materiais. Por meio do trabalho surgem pensamentos que atuam e influenciam o próprio trabalho dando origem a novos pensamentos e assim por diante.

O trabalho, ocupação material, é para FREINET o degrau para abstração, salvo se houver alguma impossibilidade orgânica na criança. Da “*simplicidade primária de um trabalho*”, a criança passará à “*diferenciação*” e à “*complexidade crescente*” (FREINET, 1975-b, p. 162) resultando nas suas faculdades totais. O indivíduo estabelece relações, descobre leis pela experimentação, conhece prioridades e teorias.

Por meio do trabalho o homem desenvolverá total e efetivamente suas potencialidades: inteligência, razão, caridade, fraternidade, bondade justiça, generosidade. Estas características estão presentes somente no homem que “*pode conservar o sentido do trabalho-jogo*”. Sendo o trabalho o “*elemento mais poderoso*” do comportamento humano faz ligação entre os membros da sociedade, desenvolvendo assim o melhor que existe em cada um, pois ele (o trabalho-jogo) é a satisfação das necessidades primordiais. Assim, segundo FREINET (1975-b, p. 149-151), “*a verdadeira fraternidade é a fraternidade do trabalho*”.

Almejando alcançar o valor educativo do trabalho, FREINET (1975-b, p. 161-160) relata ter buscado analisar a força que move o ser humano. Pensou inicialmente que era a observação, em seguida a expressão, depois a experimentação. Passou em seguida a analisar o interesse, a liberdade, o jogo, o trabalho manual e assim finalmente, chegou ao trabalho, cuja função “*única e diversa*” leva ao “*desabrochamento do ser*”.

Quando FREINET exalta o trabalho, não está se referindo “*forçosamente*” ao trabalho manual, apesar de este ser a origem do trabalho verdadeiro. O trabalho para FREINET engloba toda pesquisa, documentação e experimentação. Ainda segundo FREINET (1975-b, p. 151), é por meio do trabalho que “*o ser se*

exprime e se realiza eficazmente”, garantindo a atividade intelectual, moral e social do ser humano.

O ser humano tem uma necessidade orgânica de se desenvolver, de crescer, de ascender aos conhecimentos e às experiências de vida. É esta necessidade que impulsiona os seus gestos, as suas aprendizagens, seu trabalho. Enfim, *“a vida é uma torrente. O educador não pode opor-se à torrente. É no sentido e ao ritmo da torrente que deve preparar e construir.”* (FREINET, 1975-b, p. 230)

Capítulo II

FREINET NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

“O bom jardineiro, ou o ciclo da educação.

A educação não é uma fórmula de escola, mas sim uma obra de vida.

Se um dia os homens soubessem raciocinar sobre a formação dos seus filhos, como o bom jardineiro sobre a riqueza do seu pomar, deixariam de seguir os eruditos que, nos seus antros, produzem frutos envenenados que simultaneamente matam os que os produziram e os que os comem. Restabeleceriam ousadamente o verdadeiro ciclo da educação: escolha da semente, cuidado particular do meio em que o indivíduo há de mergulhar para sempre as suas raízes poderosas, assimilação pelo arbusto da riqueza desse meio.

*A cultura humana seria, então,
a flor esplêndida, segura promessa do fruto
generoso que há de amadurecer
amanhã.*”(FREINET, 1985, p. 12-13)

Baseando-me na citação de FREINET de que a educação é “*uma obra de vida*”, procuro delinear a postura assumida por ele ante a Escola tradicional e, explicitar técnicas trabalhadas por FREINET que visam uma educação voltada para transformação da escola e da sociedade.

Passo a passo, partindo principalmente de uma observação atenta e sensível de seus alunos, FREINET vai introduzindo novas técnicas e consolidando uma filosofia da educação, preocupado em dar à criança a dignidade e o respeito que qualquer ser humano merece, trazendo para a sala de aula, o que antes ficava lá fora: a vida.

A profunda consciência social de FREINET o leva a abandonar os tradicionais manuais escolares, pois julgava que manuais enciclopédicos não tinham nenhuma relação com a vida e lidavam com os conteúdos de forma fragmentada. Assim criou junto com seus alunos um material de trabalho que respondia às questões que lhes eram impostas pela vida, com a constituição de conhecimentos sobre as diferentes áreas do saber. Ele sugeria que professores e alunos construíssem seus próprios textos e fichas de estudo.

Na Pedagogia do *Bom Senso de FREINET*, as crianças produziam num clima de trabalho cooperativo. Seus alunos lidavam com impressoras, tipos de impressão, com teares, ateliers de artes, com horta e até com a organização de encanamentos que levavam água da aldeia até a escola. No centro da pedagogia de FREINET estavam os princípios de cooperação, solidariedade e autonomia.

Também a livre expressão é muito valorizada na pedagogia FREINET. Nos ateliers os alunos tinham oportunidade de exercitar a criatividade, exprimindo seus sentimentos, suas emoções, suas impressões, suas reflexões. Os suportes para a livre expressão eram variados: a palavra oral e escrita, a música, a pintura, o teatro. FREINET se utilizava de diferentes recursos: máquinas fotográficas, projetor de diapositivos, câmeras, toca-discos.

FREINET não se limitava a ser um mero professor. Participava de estudos e pesquisas, viajava, debatia, escrevia artigos, sempre em busca de práticas pedagógicas alternativas. Animado por FERRIÈRE e pelos teóricos que já debatiam uma nova concepção de infância, de escola e de educação e imbuído das idéias da Escola Nova, FREINET constrói com seus alunos não um corpo pedagógico, mas práticas pedagógicas vivas em sua classe.

Não que fosse um adepto do espontaneísmo, pelo contrário, todo seu trabalho era planejado, havia objetivos a serem atingidos. Um bom planejamento, no entanto, não significava uma “camisa de força”. Deve-se sempre deixar espaço aberto para o inesperado, replanejando-se a ação quando necessário.

FREINET construiu com seus alunos diversas práticas pedagógicas cujo objetivo era aproximar a escola da vida, e por meio de suas críticas aos métodos tradicionais de ensino deixa transparecer sua crença em uma sociedade democrática, na qual todos sejam sujeitos de sua história e responsáveis pelas regras de funcionamento dessa sociedade; assim, a liberdade dos indivíduos seria uma liberdade delimitada pela organização social.

Uma sociedade que, de acordo com FREINET, precisaria ser edificada a cada dia, guiada por meio de vários caminhos, em que o envolvimento pessoal e de classes são fundamentais. Isso justifica o empenho de FREINET por uma educação transformadora, que busque uma sociedade na qual o indivíduo se insira, servindo-a e por ela sendo servido, em busca da harmonia.

As análises das relações entre a sociedade e a educação proporcionadas às crianças e aos jovens, tendo em vista o homem em sua globalidade e o papel da escola nessa formação, dão a FREINET a certeza dolorosa de que a educação que ele desejava não era a que estava se delineando nas tradicionais escolas. A educação que estava sendo vivida pela maioria de crianças e jovens contribuía somente para formação de sujeitos passivos, sem identidade social ou pessoal.

Fazia-se necessária uma luta por transformações. E foi por meio do intercâmbio cotidiano entre ação-reflexão-ação que se compôs o quadro concepcional da pedagogia FREINET, em busca de transformações da escola e da sociedade.

FREINET tece várias críticas aos métodos tradicionais de ensino. Tais métodos, segundo ele, foram criados e experimentados por um meio escolar cuja finalidade era preparar o povo para exercer determinadas atividades que a industrialização impunha. Desta maneira, o perfil da escola fica estreitamente ligado a objetivos econômicos, quando deveria ter um caráter dinâmico para formar pessoas esclarecidas e críticas de seu cotidiano. É o que FREINET chama de meio vivo e, segundo ele, o meio escolar, em se tratando de formar o homem é “*irracional, retardatário*” e defasado em relação ao meio “*social e vivo contemporâneo*”.

“A escolástica preparou-nos para falar, explicar, demonstrar; não nos treinou a trabalhar, a observar, a experimentar, a realizar. Cultivou em nós a atitude do professor que interroga, controla, sanciona e fez-nos perder o dom natural das mães que preparam e suscitam o êxito, que abrem caminhos por onde, com entusiasmo, passa a construção ativa da vida.” (FREINET, 1971, p. 30)

As necessidades do séc. XX impõem transformações na organização da escola, que inserida no meio político e social, visa formar cidadãos para servirem a sociedade vigente. Duas vertentes imediatistas se formam: 1) de um lado, os pais que vêm na educação escolar uma alternativa de ascensão social; 2) de outro lado, a classe dominante que se preocupa com a manutenção dos feitos econômicos do momento.

Não se percebe nesse jogo de interesses nenhuma preocupação real com a criança, objeto primeiro da educação escolar e, segundo FREINET, a criança deve ser o centro de todo o processo, para que possa “*desenvolver ao máximo a sua personalidade*” .

A escola tradicional esteve sempre mais preocupada com a organização formal, as matérias, os programas, a autoridade, a hierarquia, esquecendo-se propositadamente de preparar a criança para enfrentar seu destino de homem inserido num processo histórico-social que se desenrola no tempo e no espaço.

FREINET deixa claro em seu livro *Para uma escola do povo* (1969) que sua proposta é de uma escola popular, centrada na

criança da comunidade em que está inserida. Acredita que a verdadeira escola popular só existirá efetivamente com a ascensão do povo ao poder, aproveitando as “brechas” oferecidas tanto pelo sistema político-social, como pelo sistema educacional, para se realizar as transformações neste espaço.

Segundo FREINET e colaboradores (1977), as transformações no âmbito escolar têm que se dar visando a uma maior adaptação a dois fatores: 1) à clientela a que atende e, 2) aos tempos modernos. De acordo com SALENGROS esses fatores são pontos importantes na questão de democratização da escola, pois quando enfocamos a questão da clientela, verificamos que a escola recebe crianças de diferentes classes sociais e dá a elas o mesmo tratamento, sem levar em consideração que sua origem social a diferenciará desde “a partida”:

“A escola primária deve, pois, trabalhar o máximo que for possível, para corrigir as diferenças fundamentais resultantes das desigualdades dos meios. A criança que viva num meio familiar desfavorável sob o ponto de vista espiritual, deve encontrar na escola um ambiente educativo rico, de forma a poder revelar as suas verdadeiras possibilidades. Isto só é possível no contexto de um ensino moderno, renovado! Na Escola Tradicional, a criança de origem modesta, na maioria dos casos, está vencida à partida!” (FREINET, C. e SALENGROS, 1977, p. 89-90)

Analisando esta colocação é que se ressalta a necessidade de uma escola que desde a base proporcionasse à criança oportunidades de “descobrir e libertar a sua personalidade, os seus gostos e até as aptidões mais concretas”; que de maneira consciente garantisse a aquisição de “técnicas” e “automatismos de base assim como um conjunto importante de conhecimentos em primeira mão, resultante de um trabalho pessoal e de reflexão”; que levasse a criança a expressar seus sentimentos por formas elaboradas, sutis e até “artísticas”; que se preocupasse com o domínio da leitura, do enriquecimento do pensamento, com o aperfeiçoamento da sua

afetividade bem como levar a criança a “*interessar-se*” e respeitar as “*emoções dos outros*”; que buscasse “*métodos de trabalho que lhe permitisse*” resolver problemas por meio de análises, desprezando “*modelos já feitos*”; enfim, que despertassem na criança a segurança em si “*e o gosto exaltante da criação*”, que “*lhe ensinassem que, por meio do trabalho e da perseverança, poderá ser amanhã mais do que é hoje.*”(FREINET, C. e SALENGROS, 1977, p. 83-5)

A escola cujos fundamentos fossem os citados poderia ser um meio rico, capaz de, por meio de sua estrutura e concepção, diminuir as diferenças geradas pela sociedade e sua organização econômica e social.

Quando cito a questão da modernidade a que a escola deve adaptar-se, refiro-me à oposição que FREINET faz à escola Tradicional que, por ser verbalista, autoritária, fragmentada e desvinculada da vida da criança, perde seu valor enquanto agência transmissora dos conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo de seu desenvolvimento. Neste processo, a escola se esquece de procurar uma tática interativa entre ela e a cultura de sua clientela, que está inserida no contexto em alteração e vem acompanhando as mudanças da sociedade e da vida dos homens.

A vida caminha a passos apressados fora da escola; a tecnologia, a ciência e as artes evoluem constantemente, então também a escola deve acompanhar esta evolução ou nunca vai conseguir trabalhar técnicas capazes de preparar a criança para desenvolver o máximo de suas potencialidades.

A escola Tradicional distancia-se da vida, das informações vivas ; chega a coibir a entrada da vida que vem junto com a vivacidade das crianças, porém exerce seu papel de transmissora dos conhecimentos com peculiaridade, valorizando a cultura morta, a memorização e a repetição; mantém-se na superficialidade dos conhecimentos não proporcionando ao aluno verdadeiro contato com os conhecimentos produzidos e acumulados pela humanidade, que lhe serviriam de base para a realização de suas próprias experiências e lhe economizariam caminhos a serem percorridos.

Evidente que essa afirmação não quer dizer que se devam suprimir as experiências e reconstruções pelo indivíduo, mas

refere-se à economia de tentativas infrutíferas citadas por FREINET (1978, p. 180).

FREINET critica a distância entre os programas escolares e a vida da criança, o distanciamento da criança de seu cotidiano. Esse distanciamento impossibilita que haja uma ligação entre a escola e o cotidiano em que a criança vive, mas a escola preocupada com sua função principal: a transmissão do saber, enfoca apenas a necessidade da inteligência para absorção das informações transmitidas.

A escola tradicional vê a inteligência apenas como uma capacidade de acúmulo de conhecimentos. Ao contrário, FREINET defende uma aprendizagem significativa, que possa educar o indivíduo como um todo, levando em conta seu lado afetivo, social, histórico e criativo.

Em suas críticas à Educação Tradicional, FREINET discute a necessidade urgente, já presente naquela época, de recuperar o atraso que pode comprometer a democratização do ensino. E a democratização do ensino passa pela questão de poder acompanhar a evolução técnica que permeia a sociedade. A escola deve, pelo menos, estar no mesmo tempo em que seus alunos, para que seu trabalho não se dê de forma ultrapassada, para que atinja seus alunos com eficácia. E a Escola Tradicional encontra-se exatamente imersa nestes problemas.

O meio escolar, em se tratando de formar o homem que deverá construir e dominar o mundo em que vive, é defasado diante do meio social vivo e contemporâneo. As críticas de FREINET à Escola Tradicional também atingem as técnicas dessa escola. Segundo ele, as técnicas que a Escola Tradicional emprega para o ensino de redação, desenho, cálculo ou música, foram especificamente criadas para o cotidiano escolar, o meio escolar, e por isso mesmo, separadas do meio vivo.

Estabelece-se um hiato entre a escola e o meio e dessa forma a “agência escola” cumpre o papel de transmitir uma cultura falsa, que não contribui para uma formação integrada na vida dos homens.

De acordo com FREINET, a realidade do mundo, considerados o tempo e o espaço como características em constante evolução, necessita de uma escola também atual:

“Eis a nova realidade.

Hoje é preciso que nos preocupemos menos em dar noções, princípios e conhecimentos às crianças, do que em prepará-las para que se adaptem com habilidade e inteligência ao mundo mutante no qual logo terão que integrar-se.

Precisamos preparar os processos válidos para preparar essa adaptabilidade.” (FREINET, E. 1979, p. 164)

FREINET propõe técnicas capazes de articular o conteúdo do ensino da escola à vida dos homens, que sejam ajustadas ao comportamento e exigências sociais do ambiente vivo. A formação do cidadão capaz de atuar numa sociedade democrática é papel de uma escola também democrática e não autocrática; isso supõe uma outra concepção de educação, voltada para o trabalho.

De acordo com FREINET (1975-b, p. 164), o método utilizado tradicionalmente para o ensino da história, da geografia, das ciências ou das matemáticas tem, ao longo dos anos, demonstrado sua “eficácia”: “*desvia*” a criança do estudo, “*abafa*” sua vontade de conhecer, “*aniquila*” sua curiosidade. E estas disciplinas são dados elaborados e reestudados pelo homem na sua ânsia de conhecer, e quando a escola pretende “ensinar” esses conhecimentos sem levar em conta a necessidade de conhecimento dos alunos, oprime a espontaneidade do conhecimento, fazendo com que o saber se torne obsoleto na vida dos alunos, distante do cotidiano vivo e dinâmico de cada dia, de cada situação.

Quando o aluno é colocado num meio separado da vida, é privado dos impulsos que o impelem ao desejo de conhecer e passa a realizar as atividades que se lhe apresentam de maneira mecânica, sem raciocinar. As atividades que ele naturalmente realizaria em sua vida, na escola adquirem uma outra conotação, uma outra perspectiva e são realizadas com esforço e sem alegria de vida.

E segundo FREINET essas atividades trabalhadas pela Escola Tradicional impõem de cima para baixo o pensamento inteligente e lógico, atrapalhando o desenvolvimento natural do pensamento, pois consideram as atividades físicas características

inferiores que deveriam ser substituídas por atividades que privilegiem a razão e a inteligência.

Desse modo bloqueiam a ascensão natural do indivíduo defendida por FREINET, que, pelo contrário, defende que a Escola Moderna deve desobstruir o caminho para que o processo ocorra naturalmente, pois em todo ser, salvo exceções fisiológicas, existe uma força que impulsiona o indivíduo, uma tendência para a “*potência*”, para a realização de empreendimentos que devem ser valorizadas e exaltadas.

Em contrapartida a Escola Tradicional tenta unificar os alunos, reunindo-os em torno de atividades desinteressantes e artificiais, como lições sistemáticas, deveres de casa, leitura obrigatória, cópias impostas, jogos, e memorizações. Nesse complexo emaranhado de técnicas aleatórias o objetivo principal é o ponto de chegada da criança. Para que se atinjam determinados objetivos, a Escola tradicional lança mão muitas vezes de castigos e imposições; também de aprendizagens ou aquisições superficiais que, se não assimiladas integralmente, podem aparentar segurança e auto-suficiência e na verdade serem apenas fictícias. A escola assim, contraria, subestima e negligencia as “*verdadeiras forças que, na criança, vão no sentido da cultura e da vida*” (FREINET, 1975-a, p. 158)

FREINET lembra que os elementos geográficos ensinados às crianças só são compreendidos quando comparados com alguma experiência do aluno. Ao receber estes dados e tendo alguma experiência para servir de base, é que haverá a verdadeira compreensão. Nas escolas tradicionais, esse fator, na concepção de FREINET não é levado em consideração e se observa uma grande quantidade de palavras e conceitos que dizem respeito a coisas que a criança não conhece e conseqüentemente não aprende.

Com relação à História, a Escola Tradicional não leva em conta que esta aprendizagem necessita como pré-requisito da “*noção de tempo e de duração*” e que tais noções só podem ser dominadas por meio da própria experiência. Assim, novamente ouvem-se palavras e mais palavras, sem sentido para a vida real da criança. Para FREINET (1975-c, p. 181), as noções transmitidas por palavras são “*inúteis e perigosas*”.

Para a Matemática e as Ciências a crítica é a mesma e a proposta de FREINET é a experiência. Em vez de lições de ciências

ele propõe a “*medição dos fenômenos da natureza com toda a sua amplitude*”. A aritmética com lições deverá ser substituída pela “aritmética corrente” que é a da vida familiar e social. A técnica de utilização de fichas, na dosagem das dificuldades na aritmética, é proposta por FREINET e desenvolvida por seus seguidores.

Inicialmente as crianças resolvem problemas da vida e posteriormente, por meio de fichas, os problemas imaginados, mas parecidos com os da vida. Os dados para montagem e elaboração dessas fichas deverão partir sempre da problematização que as próprias crianças farão ao questionar os pais e a comunidade, coletando dados que posteriormente são trabalhados e resolvidos pela sala. Dessa maneira perceberão as bases sociais da aritmética e estabelecerão ligações entre os problemas abstratos e a realidade.

Para FREINET a Escola Tradicional não alcança o objetivo a que se propõe: formar o verdadeiro homem que saiba resolver os problemas que a vida lhe impuser. Entretanto, quando a vida se descortina a sua frente e os problemas reais aparecem ele não sabe como resolvê-los, pois a escola formou alunos e não homens. O homem saído desta escola apresenta características de submissão, passividade, ausência de pensamento crítico e de curiosidade. FREINET nos alerta que a Escola Tradicional realiza um expediente anormal pois parte da intelectualidade, usando dados da ciência abstrata, citando teorias para que os alunos cheguem, se conseguirem, à prática.

O que o autor nos coloca é que a escola deveria seguir exatamente o caminho contrário, ou seja, partir da prática, por meio das experiências próprias da vida e do meio da criança, para propiciar sua chegada à lei, à teoria, à ciência.

Com relação à aprendizagem da escrita e da leitura FREINET (FREINET, 1971, p. 38) observou que os métodos da Escola Tradicional partem da teoria, da ciência abstrata para a prática. Com esta técnica, segundo ele, anormal, o aluno desenvolve apenas a decifração, e ao final de tudo não consegue harmonizar a leitura do texto com pensamentos sobre o conteúdo lido. A metodologia correta levaria à leitura correta, à percepção, compreensão e sensibilidade à medida que fosse sendo realizada.

O método Tradicional passa para a mecanização antes das palavras ou frases serem submetidas à sensibilidade das crianças. É uma inversão ao procedimento do Método Natural que “*sobe da*

vida normal, natural, complexa, no sentido da diferenciação, da comparação, da investigação, da lei.”

FREINET (1977, p. 140) afirma também que o ritmo na aquisição de novas palavras, bem como sua correta ortografia, é diferente se compararmos o método tradicional com o método natural. Ele destaca que existe entre os dois processos uma “*diferença de natureza*”. O primeiro está preso à forma, e o segundo está estritamente ligado à “*forma de enriquecimento individual*” e de “*aumento de poder e de vida*” que são realmente seu objetivo fundamental.

O método natural por ser ao mesmo tempo analítico e global, não é compartimentado, o que possibilita à criança ajustar as palavras ao sentido da frase, do texto; é preciso dar vida às palavras.

A crítica aos métodos tradicionais de ensino residem na mecanização do ensino que parte da sílaba ou da palavra. As sílabas e letras são desprovidas de sentido para a criança, principalmente se são impostas por meio de textos fabricados por adultos. A criança até aprende a escrever corretamente, porém como as palavras não têm sentido para ela, não se preocupa em se fazer compreender por meio da linguagem escrita.

Para FREINET a aprendizagem deve inicialmente basear-se na curiosidade infantil, que é permeada pela sua gama de afetividade. Esse método assegurará uma ligação natural entre a linguagem falada e a linguagem escrita.

O método a que me refiro é chamado *método natural*, baseia-se na expressão livre, na imprensa, na escola e na correspondência escolar. Este método, ao contrário dos métodos da Escola Tradicional que enfatizam o erro e o transformam em peça principal no momento da aprendizagem, trata os fracassos como “*apenas uma fase da nossa acção*”, e não como impedidores da aquisição de novas aprendizagens, pois o método procura manter “*a confiança, o ímpeto, o dinamismo*” (FREINET, 1971, p. 35).

De acordo com FREINET, todo ser humano visa alcançar a plenitude da vida, o aperfeiçoamento e o progresso em suas ações. O ser humano não se contenta com suas aquisições primárias, busca sempre um aprimoramento maior, passa por processos de imitação, *tentativas experimentais*, repetições, até descobrir formas de ascender e progredir mediante seus objetivos.

A *tentativa experimental* ou “*tateio experimental*” é um dos eixos em torno do qual giram as aquisições infantis e que acontecem graças ao “princípio de vida” que impulsiona o ser humano a crescer, melhorar sempre, galgar degraus mais altos em seu desenvolvimento, buscando “*adquirir um máximo de poder sobre o meio que o rodeia*” e também harmonizar-se com a coletividade em que está inserido. Quando consegue êxitos em suas ações, em suas tentativas experimentais, essas são transformadas em “*regras de vida*”.

Segundo FREINET (1977, p. 42-43), o processo de aquisição da criança se dá por meio das repetições das ações bem sucedidas, que se integram em hábitos de vida. Algumas pessoas têm necessidade de um número maior de experiências de um mesmo tipo para desenvolver uma aprendizagem significativa, enquanto outras não aplicam esforço algum na aquisição de novos comportamentos.

E a vida é o palco das *tentativas experimentais* de todas as crianças, porém cabe à escola, ir ao encontro da vida e aproveitar a vivacidade, a curiosidade natural, enfim o desejo infantil de subir sempre para aperfeiçoar suas técnicas e tornar-se mais eficiente em seus intuítos.

Para FREINET, a aprendizagem tem relação íntima com o sentimento, a afetividade, a vivência do aluno. A escola deve, então, empenhar-se para entrar em contato com o desejo de conhecer, experimentar e criar que as crianças têm, buscando equiparar-se aos seus interesses para poder acompanhá-las. Ou seja, a escola deve favorecer as oportunidades de tentativas experimentais que partem da experiência prática, ascendem a esferas universais e retornam à vida do ser como um enriquecimento do ser sensível.

Esse processo de aprendizagem FREINET chama de “*tateio experimental*”, em que a teoria e a prática se interpenetram e se fecundam mutuamente.

Cabe aos professores, no meio escolar, facilitarem esse processo, promovendo o êxito dos atos das crianças que sejam verdadeiramente necessários ao progresso de cada uma, tanto em nível individual como social. Em todas as situações, os professores devem estimular os alunos na livre expressão, valorizando o trabalho de cada um, bem como o de todo o grupo. Valorizar especialmente as tentativas bem-sucedidas que encontram respaldo na necessidade de

perfeição e de força para alcançar novos planos do tatear que estão tão presentes na vida das crianças.

Essas considerações atribuem aos professores a responsabilidade de captar a visão que o aluno tem sobre os assuntos a serem estudados, encaminhando-o a experiências que possibilitem reflexão e ampliação de seu referencial.

A motivação almejada pelos professores para que se coloquem em prática as técnicas adequadas à *tentativa experimental* deve levar em conta alguns pontos:

- *“uma intensidade de vida máxima numa escola integrada no meio ambiente;*

- *um material novo, permitindo o trabalho da criança nos diversos estágios da sua evolução;*

- *modelos, os mais perfeitos possível, nos diversos gêneros de actividade: fala, escrita, leitura, música, desenho, comportamento geral;*

- *a actividade essencialmente auxiliar do ambiente familiar, em primeiro lugar, e sobretudo, no que diz respeito, do meio educativo”* (FREINET, 1971, p. 38).

Essa valorização da vida normal da criança é um dos principais objetivos da pedagogia popular de FREINET e por meio do uso de suas técnicas, ele tenta restabelecer o caminho normal do conhecimento, defende a educação que considera e forma o indivíduo como um todo, desenvolvendo sua personalidade a partir do atendimento de suas necessidades e de acordo com a realidade em que vive, procurando proporcionar harmonia e equilíbrio em sua afetividade, sociabilidade, poder de criação, de compreensão e transformação do mundo por sua ação.

A Escola Tradicional, ao contrário, por meio dos tempos tem procurado criar métodos para viabilizar a aprendizagem do conteúdo verbalizado, ignorando que o processo deve favorecer a construção de conhecimentos e não apenas o acúmulo de informações compartimentadas.

FREINET não se baseia num ensino estático, depositário, mas, sim, numa dinâmica de trabalho que favoreça o desenvolvimento, que possibilite aos alunos alcançarem sucesso em suas tentativas de aprendizagem. Para FREINET a base de uma

aprendizagem significativa está na ação transformadora do *trabalho*, com tudo o que ela tem de humano e social.

Essa aprendizagem significativa é garantida por meio da possibilidade de articulação e apropriação dos conhecimentos, por meio de sua manipulação e elaboração, sem abandonar a criança em seu próprio referencial, pelo contrário, auxiliando-a a ligar seus experimentos e criações aos conhecimentos já produzidos pela humanidade, propiciando-lhe ampliar seus horizontes e sua análise de mundo. É o movimento interativo entre a escola e a cultura de seus alunos.

A viabilização de uma educação com a participação efetiva dos alunos em relações interpessoais e grupais, atuando sobre o meio escolar e o meio em que vive, manifestar-se-á por meio da “*Educação pelo Trabalho*”. sendo o trabalho, considerado por FREINET, o grande princípio de sua Pedagogia; é o meio pelo qual se dão todas as aquisições importantes para a vida em sociedade.

Não podemos confundir a “*Educação pelo Trabalho*” como uma formação para o trabalhador mecanizado do futuro, o operário passivo necessário no amanhã das fábricas. O que FREINET busca com a “*Educação pelo Trabalho*” é suscitar em cada ser a necessidade individual e social de produzir algo, criando atividades compensadoras, de realização global, que tenha um significado intrínseco para o aluno. Afastemo-nos da idéia de trabalho alienado, fruto da forma capitalista de produção.

O trabalho *proposto* por FREINET é chamado por ele próprio de “*trabalho-jogo*”, que implica criação, domínio do processo e do produto, que é ao mesmo tempo transformador do referencial que o indivíduo tem de si, de seu papel social, da sua capacidade de transformação desse meio. Assim, o trabalho transforma-se para as crianças, em um meio por meio do qual ela investe sua energia, já que ainda não tem uma participação ativa na vida da comunidade, não é socialmente produtiva. Muitas vezes a criança brinca representando situações da vida adulta e, essa “brincadeira” relaciona-se diretamente com a atividade social.

O indivíduo tem necessidades de viver intensamente seus papéis sociais na família e na sociedade. Então, na representação desses papéis, que proporcionam à criança crescimento, ascensão a novos conhecimentos e novos comportamentos, aumento de poder, estímulo à criatividade, deve a escola procurar criar uma atmosfera de

trabalho, investir em novas técnicas para cada trabalho, fornecer à criança um meio em que ela tenha à sua disposição elementos para construir sua atividade ideal: o trabalho.

O homem preparado para a vida, saudável física e moralmente, cuja intelectualidade desenvolveu-se a serviço de realizações, aprimorando o meio físico e social, será o objeto final da educação pelo trabalho.

FREINET enfatiza que o trabalho é uma das formas pelas quais o ser humano domina o meio, exerce seu poder, ascende a novos patamares do conhecimento e da experiência de vida. Segundo ele ... *“É preciso passar tudo pela experiência da vida”* (1975-b, p. 108), para que o aprendizado seja integrado ao ser que aprende, e isso só será possível pela ação, pelo trabalho que é a *“essência do nosso ser”*, o *“móbil do nosso destino”*.

O trabalho para FREINET favorece o desenvolvimento total e efetivo das potencialidades humanas: inteligência, razão, caridade, fraternidade, bondade, justiça, generosidade. Ele insiste nas virtudes do trabalho-jogo, pois o considera como *“elo efetivo e eficaz entre os homens”*.

É por meio do trabalho-jogo que o indivíduo satisfaz suas necessidades primordiais, supera inclusive a necessidade natural de reprodução da espécie, pois, antes de se reproduzir o homem tem que existir, ser, crescer, permanecer no mundo. Podemos nos referir à citação de FREINET (1975-b, p. 150) que nos diz:

“O trabalho aparece então como o único meio de expressão e de exaltação dessa necessidade do “ser” e, conseqüentemente, como o único elo comum entre os membros da sociedade.”

Ou seja, no e pelo trabalho o ser se coloca, se exprime, se realiza eficazmente.

A origem do trabalho reside na característica do trabalho manual, porém para FREINET, o trabalho em sua evolução, adquiriu outras características que o redefinem. Para ele o trabalho engloba pesquisa, documentação e experimentação. O trabalho prático é que permite ao indivíduo elaborar o pensamento a partir das atividades realizadas levando em conta o ritmo natural de cada um.

Basta nos lembrar de que, como nos coloca FREINET, o homem não se dá por satisfeito diante das conquistas da vida; a não ser quando impedido por graves problemas físicos, o homem busca sempre novas atividades, novas experiências, procura superar-se, resolve problemas, coloca questões, enfim, procura sempre crescer.

Assim pensando, FREINET (1975-b, p. 163) sugere que criemos oportunidades para que a criança possa desenvolver o trabalho-jogo: *“os campos e os jardins, a criação, as oficinas, as ferramentas e as máquinas essenciais, e também os manuais que ajudarão a superar as dificuldades”*.

A criança que se desenvolve verdadeiramente no trabalho-jogo embrenhar-se-á por estágios que deverão interpenetrar-se e completar-se para que satisfaça a necessidade do trabalho que leva ao conhecimento:

“1. A experimentação, sempre que isso seja possível, experimentação que pode ser tanto observação, comparação, verificação, como prova, por meio do material escolar, dos problemas que o espírito levanta e das leis que ele supõe ou imagina.

2. A criação que, partindo do real, dos conhecimentos instintivos ou formais nascidos da experimentação, consciente ou inconsciente, se eleva, com a ajuda da imaginação, a uma concepção ideal do devir humano ao qual serve.

3. Enfim, completando-as, apoiando-as, estimulando-as, a documentação, que é como que tomada de consciência da experiência realizada, no tempo ou no espaço, por outros homens, outras raças, outras gerações.” (FREINET, 1975-b, p. 172).

Esses estágios proporcionam ao indivíduo uma dinâmica de trabalho que o leva a êxitos e ao desenvolvimento, articulação e apropriação de novos conhecimentos. As novas informações, obtidas pela experiência do trabalho, possibilitam ao aluno uma aprendizagem que apreende o mundo em que vive, apropriação que se insere em seu repertório de vida, tornando essa aprendizagem elemento de crescimento individual e social.

A escola tradicional prioriza a inteligência como um acúmulo de conhecimentos, o que se contrapõe à educação proposta

por FREINET, que defende a inteligência como a aquisição de conhecimentos por meio das ações.

Ainda sobre a crítica de FREINET à Escola Tradicional, ele enfoca a estrutura e os “métodos” de ensino utilizados por ela, destacando que sua imposição em patamares metodicamente estabelecidos não favorece o desenvolvimento harmonioso da criança mas, pelo contrário, obriga-as a partirem (todas as crianças) do mesmo ponto, homogeneizando as múltiplas diferenças que se apresentam entre os alunos, conseguindo assim, quase que uma domesticação, no sentido de obrigar que todos os alunos trilhem o mesmo caminho, cheguem ao mesmo destino. Essa postura cicatriza nos alunos uma postura de passividade, anulando a capacidade de iniciativa, de exploração e de construção.

Ao contrário, FREINET pretende que a escola propicie trabalhos com significado aos alunos, para tanto essa deve organizar-se de modo a captar e auxiliar seus alunos no movimento de conquista e ascensão, crescendo como um todo, envolvendo-os no processo escolar de maneira a participar com suas sugestões, críticas, questões, reflexões, análises e avaliações.

Uma nova organização para a escola pressupõe também uma outra organização do material utilizado e dos locais de trabalho, que busque a criação de espaços onde possa haver trocas e interações entre as crianças.

Aparecem então os cantos de trabalho, onde as crianças podem realizar experimentos, escolher suas atividades, criar e documentar seu trabalho. FREINET também valoriza os espaços externos às salas, que são como laboratórios ao ar livre, da vida natural, possibilitando ao aluno experiências que o munirão de capacidade para exercer, durante toda sua vida, participação ativa nas decisões, planejamento, construção e avaliação do processo e do produto alcançado; isso estimula a vivência democrática num grupo de trabalho, em que os alunos arquem com os compromissos e os direitos advindos.

Para viabilizar a realização da almejada educação transformadora, FREINET elabora técnicas que o auxiliarão no trabalho junto aos alunos. É importante ressaltar que não se trata de uma concepção tecnicista, mas sim uma concepção edificada a partir de opções políticas e culturais vividas e escolhidas por FREINET como fio condutor de seu trabalho.

As mudanças na sala de aula são então de grande importância para viabilizar, na cotidianidade dos alunos e da escola, a sustentação do espírito da “ação transformadora”.

Levando em consideração o importante papel que a dimensão social tem sobre a vida da criança, FREINET busca a possibilidade de transformação e adaptação ao meio, à sociedade, captando os avanços que ocorrem no contexto. Ou seja, ele procura meios que tornem a escola cada vez mais adaptada às crianças do povo e aos tempos modernos, à constante transformação da sociedade. Esses meios ele trata de técnicas de vida pelo “tateio experimental”.

As técnicas FREINET da escola moderna são resultado de trabalho cooperativo construído “*durante quarenta anos de tentativas, de esforços e de sacrifícios*” (FREINET, 1977, p. 44) Essas técnicas são colocadas ao alcance de todos os professores, posto que numa primeira discussão, FREINET refere-se aos problemas e dificuldades enfrentados pelos professores que deparam com uma escola de métodos tradicionais a valorizar o desenvolvimento da intelectualidade, da oratória, da disciplina, da autoridade formal do professor, da oposição entre professores-alunos, resultando em professores insatisfeitos, sobrecarregados com as aulas e condenados a míseros salários, que vêem a profissão como insuportável.

Alguns reagem e, com poucos recursos físicos e intelectuais, enveredam por caminhos tortuosos que nem sempre levam ao alto, ao êxito. Por isso, FREINET apresenta suas técnicas para alterar o quadro descrito.

A pedagogia de FREINET baseia-se em instrumentos e técnicas, pois são eles que modificam a atmosfera da aula, influenciam no comportamento do professor e tornam possível o desenvolvimento da liberdade. Formar o homem culto e rico de possibilidades, dentro do espírito de liberdade é o objetivo maior das técnicas FREINET.

Para isso é preciso montar uma estrutura tal e uma organização escolar que permitam a cada um desenvolver-se sem obstáculos, crescer o quanto puder, ascender a patamares superiores na busca dos conhecimentos que permeiam o mundo. Essa estrutura e organização a que nos referimos não são somente materiais, mas também e principalmente aplicada às técnicas utilizadas pelos professores.

FREINET enfoca a necessidade de novas técnicas frente às mudanças tão rápidas que atingem a sociedade, a modernização da tecnologia e dos meios, que afetam a vida das crianças. Em suas técnicas FREINET procura conciliar vida e trabalho, criando um novo clima escolar, melhorando as relações entre as crianças e o professor.

As técnicas de FREINET para a Escola Moderna permitem a manifestação espontânea da vida, a alegria de viver das crianças, sem contudo, perder de vista os objetivos maiores da educação que, segundo FREINET, devem formar o homem em sua totalidade, prepará-lo para a mobilidade do trabalho, da sociedade (FREINET, 1973, p. 34).

Não me atendo neste momento à idéia de que a criança é concebida como um ser que nada sabe e que deve “receber” todas as informações do professor que tudo sabe. Muito pelo contrário, FREINET critica este posicionamento em suas obras, especialmente no livro “As técnicas FREINET da Escola Moderna” (FREINET, 1973, p. 53), salientando-o como um erro pedagógico.

Cabe aqui incluir a crítica aos manuais escolares que determinam o mesmo conteúdo para todas as crianças, com um saber frio, artificial, distante da vida daqueles que o manuseiam, que não se faz presente nas necessidades cotidianas. Eles podem, sim, ser usados como material de pesquisa, documentação para ser manuseada nas Bibliotecas de Trabalho, em que os vários pontos de vista dos autores podem ser confrontados e analisados pelas crianças.

As técnicas FREINET modificam desde a entrada na aula, em que se abandonam os cânticos, as fileiras, a marcha, para dar passagem à vida que as crianças trazem. Algumas vezes se discutem idéias de moral, porém a verdadeira moral será desenvolvida no próprio processo de trabalho da escola e da vida.

No caminhar da aula, têm início os trabalhos de leituras realizadas por dois ou três alunos que prepararam seus textos na véspera, enquanto isso a classe silenciosa ouve e produz desenhos livres ou redige um texto livre ou até mesmo pesquisa. O importante é que os alunos não são obrigados a ficar imóveis, ouvindo, mas podem realizar uma atividade silenciosa de seu interesse e ouvir ao mesmo tempo. Após as leituras, alguns desenhos são escolhidos e colocados no “*livro da vida*” junto com textos também escolhidos pela classe.

O momento de leitura não deve se restringir ao objetivo da nota, pelo contrário, deverá ser o momento de sucesso para a criança, em que a presença do professor se fará especial para auxiliá-lo na escolha do texto, na compreensão do mesmo, na segurança quando estiver ao seu lado para murmurar-lhe as palavras novas ou de grau de dificuldade elevado.

O professor como peça fundamental na aplicação das técnicas FREINET deve valorizar o êxito, o sucesso dos alunos, evitar enfatizar o erro que marca tão facilmente a mente das crianças.

A criança incentivada se sente segura para lançar-se a novas conquistas, ampliar suas possibilidades e capacidades. Essa liberdade será cada vez mais exercitada com a técnica do “*texto livre*”, em que a criança pode escrever livremente sobre o tema que a inspirar.

Não se deve neste exercício impor um assunto ou estabelecer um plano, mas, sim, inspirar-lhe o desejo de escrever, incitar a necessidade de se exprimir, comunicar-se com o mundo. Para isso é preciso estimular a sensibilidade, a segurança de que seu texto é importante, que tem significado para si e para a comunidade. Essa sensibilidade desenvolve-se com a tomada de consciência, pelas crianças, de seu lugar no mundo, na sociedade; desenvolve-se ainda com sua experiência de vida.

A valorização das experiências de vida das crianças não significa falta de material, significa sim integração da vida social à vida escolar, o que possibilita enfocar vários assuntos, uma vez que os conhecimentos de mundo de cada aluno englobam as várias disciplinas a estudar.

Após a produção dos textos livres, o próprio autor trabalha seu texto, que é colocado por ele na lousa e lido para a classe. Nestes momentos são realizadas apreciações pelos outros alunos que sugerem correções e/ou alterações. Durante a leitura o aluno apercebe-se da necessidade do texto bem estruturado, das palavras grafadas de forma legível.

Por meio de voto democrático, escolhe-se um texto para que seja impresso. Muitas vezes o texto eleito não contempla todos os assuntos que o professor gostaria, porém reflete quase sempre os interesses dos alunos que se identificaram com as idéias do autor, uma vez que os assuntos dizem respeito à vida de seus pares, de brincadeiras em comum, de lugares conhecidos, de situações

semelhantes às já vivenciadas por eles, enfim, são textos próximos da vida de cada criança, que por isso são mais facilmente socializados, discutidos e trabalhados.

A organização material de uma escola também é muito importante para propiciar a evolução do ensino e das crianças. Embora FREINET desejasse móveis desdobráveis (para desmontá-los quando se fizesse necessário), bibliotecas infantis, vitrinas, aquários, teares e ainda pequenas oficinas, os poucos recursos financeiros e materiais limitam seus sonhos, e uma das mudanças materiais mais significativa sentida em sua escola é o novo uso que deu ao estrado do professor: arrancou-o do chão e o transformou em uma mesa para o trabalho com a imprensa; sua mesa é colocada próxima às carteiras das crianças e no mesmo nível delas.

Para trabalhar melhor modifica velhas carteiras, um armário na parede e bancos. Só não consegue modificar as janelas que são altas para as crianças e dão à classe um ar de prisão, porém com a nova disposição dos materiais, carteiras, bancos, armário, a sala fica mais arejada, mais prática aos trabalhos. Assim se dão as primeiras mudanças na organização material da sala para que as técnicas de FREINET pudessem ser desenvolvidas.

As práticas fundamentais de seu trabalho são:

“A **correspondência escolar**” que *“alarga o universo infantil, motiva as atividades humanas, responde à afetividade expansiva das crianças, traz unidade de trabalho e de comportamento em classe.”*

“O **texto livre**” que *“libera o pensamento da criança, facilita sua expressão, está na origem de uma literatura infantil autêntica, da qual “La Gerbe” e “Enfantines”(Histórias de crianças reais ou imaginárias) são uma demonstração já positiva.”*

“A **livre expressão**” que *“facilita a criatividade da criança no desenho, na música, no teatro, extensões naturais da atividade infantil, progressivamente responsável por seus comportamentos afetivos, intelectuais e culturais.”*(Os grifos são de Raquel C.F. Sanches)

Partindo desses fundamentos Cèlestin FREINET edifica suas técnicas, que envolvem as aulas-passeios, o uso da imprensa, o texto livre, a correspondência interescolar, os fichários escolares, fichários de auto correção, materiais como audiovisuais (rádio, cinema, música), bibliotecas de trabalho.

A construção, elaboração dessas técnicas passou pelo crivo dos anos de experiência de FREINET, cujo laboratório era a própria escola, no seu cotidiano, com seus problemas, seus fracassos, suas incertezas... mas também com sua força, suas crianças cheias de vida, seus sucessos.

A busca de novas práticas e técnicas tem início com a carreira de FREINET, como professor primário em Bar-sur-Loup, que limitado por deficiências físicas, lança-se a novas experiências, a tateios experimentais que lhe dão como resultado técnicas a serem difundidas por inúmeras escolas no mundo.

As “aulas-passeios” foram a primeira tentativa de FREINET em conciliar a vida com a escola. Saía com suas crianças pelos campos ao redor da aldeia, caminhavam pelas ruas, observavam os trabalhadores exercendo suas diferentes profissões, viam as colheitas, as plantações, os pastores e toda a vida que em seu cotidiano fervilhava de ações, de movimentos, criações.

Nessas aulas ao ar livre a comunicação era fluente, as relações mais próximas e familiares. Os bolsos e a alma voltavam para a escola cheios de novidade, mas, logo depois, esvaziavam-se diante da aridez e obrigatoriedade das técnicas da escolástica.

Após os “passeios” era feito no quadro-negro um balanço do mesmo. Na sua busca de novos caminhos que não possuíssem um obstáculo entre a vida e os conhecimentos trabalhados pela escola, FREINET reflete sobre a possibilidade de transformar os textos sobre os passeios em textos impressos que pudessem ocupar o lugar dos tradicionais textos para leitura (frios e distantes), pois assim, obter-se-ia um texto adequado (impresso) e que despertaria o interesse das crianças, pois trataria de situações por elas vividas, situações de vida reais.

Para isso ele precisou de uma impressora que conseguiu com um velho tipógrafo e, surpreendeu-se ao constatar o interesse dos alunos pelo novo trabalho. Iniciava-se a técnica do “*uso da imprensa*” na escola.

Com a impressora os alunos podiam imprimir seus textos, registrar o pensamento num texto impresso, com status de textos profissionais, o que os estimulava a produzir novos textos, cada vez mais críticos e interessantes. Essa prática culmina com o nascimento do “*texto livre*”.

O texto livre para FREINET deve ser realmente livre, como já discutimos anteriormente, baseado na inspiração da criança, espontâneo, vivo, com uma ligação íntima e permanente com o meio. Para sua construção é preciso inspirar na criança o desejo de escrever, despertar a necessidade de se exprimir e acreditar na capacidade das crianças. Assim FREINET conseguiu firmar a técnica do texto livre que supre na criança uma de suas necessidades principais: a necessidade de criação e expressão.

Os textos impressos eram acrescentados ao “*livro da vida*” ou como também era chamado pelas crianças de livro dos parafusos por conter parafusos de maneira a permitir que a cada dia novos textos fossem incluídos no livro. Suas folhas grandes são montadas pelas crianças, que escolhem os textos, desenhos ou gravuras que contam os fatos importantes na vida da turma, dentro e fora da escola. Dessa maneira o livro constitui-se um documento da vida de cada classe, um documento vivo, para ser lido por quem se interessar: os próprios alunos, o professor, os pais, os amigos, os visitantes.

Para ampliar a audiência da leitura dos textos produzidos e impressos pelas crianças, FREINET iniciou em 1926, a correspondência interescolar com a classe do colega Daniel, de Saint-Philibert-de-Trégnuc, que adquiriu o material de imprensa e também se empenhou na aplicação das técnicas já descritas.

As primeiras correspondências iniciaram-se tímidas mas, pouco a pouco, a vida das duas aldeias se mesclava com as experiências e detalhes relatados nos textos impressos que eram enviados e recebidos. Quando chegou pela primeira vez uma encomenda (pacote com algas, mariscos, coscorões) houve uma verdadeira festa e, logo as crianças, incentivadas pelos pais, quiseram retribuir a encomenda enviando aos colegas de Trégnuc laranjas, azeitonas, textos, desenhos, aquarelas. Este intercâmbio com outros alunos de outras escolas e de outros lugares favorecia o desenvolvimento da livre expressão, tão rica nas crianças quando valorizada e estimulada.

Outro incentivo para a produção de textos livres é a produção do “*jornal escolar*”, pois os textos quando produzidos com uma finalidade real para a criança, tem significado e ela se empenha e gosta de escrever, de contar suas conquistas, suas experiências, sua vida. O jornal é um poderoso instrumento que liga a classe e o grupo

em que o autor está inserido, pois trata da vida pessoal de cada aluno que participa dele e tenta comunicar-se com seu meio, muitas vezes intervindo na vida da sociedade por meio de seus textos, seus apelos, suas opiniões e críticas.

Assim, esta técnica, como as demais, favorece o desenvolvimento do senso crítico, da responsabilidade, da necessidade real de participação na vida da comunidade em que as crianças vivem e da sociedade como um todo.

Os jornais podem ser trabalhados desde a pré-escola, quando são um grande estímulo para a aprendizagem da leitura e da escrita. Sua produção poderá continuar até a faculdade. Para sua confecção podem ser usadas a imprensa, a máquina de escrever, o mimeógrafo ou mesmo o limógrafo (que é um utensílio inventado pelo grupo de FREINET, para ser utilizado em escolas que não tenham poder aquisitivo para comprar outro tipo de material, pois pode ser construído pelos próprios alunos).

Também podem ser usados os jornais-murais afixados em uma parede da sala, sobre uma grande folha de papel que é trocada semanalmente. A folha é dividida em três partes: **Eu proponho, Eu critico, Eu felicito**. Os alunos vão preenchendo as colunas conforme suas opiniões e ao final da semana a sala se reúne para ler as colunas e discutir as idéias ali colocadas. Outro importante exercício de reflexão, responsabilidade e análise crítica.

As produções de textos, os mais variados, deram origem aos “*fichários escolares*”, que em substituição aos manuais escolares, abordam diversos assuntos pesquisados pelos alunos e transformados em fichas para utilização dos próprios alunos. Este material enriqueceu-se sem parar e originou as Bibliotecas de Trabalho - B.T., compostas por fichas e livros compostos pelas crianças, que decidem o tema específico a ser pesquisado e documentado. Depois de elaborado um primeiro esboço da pesquisa, o mesmo é enviado a outras salas de outras escolas para que seja lido, analisado e receba sugestões. Posteriormente, então, os autores, com as sugestões em mãos fazem as alterações e enviam as pesquisas para a CEL (Cooperativa do Ensino Leigo) que, após apreciação e adequações edita-as.

O trabalho com as técnicas FREINET gera uma relativa independência do aluno em relação ao professor e até mesmo as correções assumem um novo caráter. Surgem os “*fichários de auto-*

correção” que possibilitam ao aluno mecanismos de identificação do erro e sua correção sem as repetições da escola tradicional, mas trabalhando com exercícios e novos enfoques dos assuntos, possibilitando aos alunos crescimento individual e em grupo.

Com tantos trabalhos sendo desenvolvidos, técnicas sendo colocadas em prática dentro do espírito de liberdade e criatividade e, principalmente, de respeito à criança, torna-se necessário uma dinâmica que atenda aos vários interesses despertados durante as aulas, para tanto emergem os ateliês, ou cantos de trabalho, espaços internos ou externos da sala que comportam um certo número de alunos para trabalhar em uma determinada atividade.

Essa prática permite uma vida cooperativa entre os alunos, pois como o professor não pode atender a todos ao mesmo tempo, esse fato os estimula a empenharem-se em seus trabalhos individualmente e/ou em grupo, favorecendo o desenvolvimento de sua autonomia e do exercício cooperativo. Os cantos podem ser: da biblioteca (leitura, impressora, material audio-visual, das exposições, do escritório com as fichas para consulta, canto das reuniões) da fantasia, da cozinha, da água, do jornal, da pintura, da construção, do recorte, da colagem, da marcenaria, e outros.

Para que o trabalho com as técnicas dêem resultado, FREINET sugere os “*planos de trabalho*” que primam por deixar o autoritarismo de lado como quando se apresenta um plano pronto aos alunos, sem a participação desses na elaboração dos planos de trabalho. Os planos sugeridos por ele são:

■ *Plano de trabalho geral*: Engloba as atividades fundamentais que fazem parte da vida das crianças e poderão ser trabalhados pela escola levando em conta o meio em que a criança vive, sua cultura, os aspectos geográficos e históricos da região, os assuntos mais pertinentes que atraem a atenção dos alunos daquela aldeia. Os fichários são muito importantes nesta etapa pois permitem encaminhar novas pesquisas, utilizar pesquisas já prontas ou enriquecê-las.

■ *Planos anuais*: são basicamente o programa curricular a ser obrigatoriamente trabalhado em determinada série. Respeitados os conteúdos a serem trabalhados, a rigidez não é a marca dos planos, pelo contrário, eles são abertos à apreciação de

todos os alunos que auxiliam o professor na sua execução e na marcação dos conteúdos já vistos ou os que ainda se falta ver. Assim todos têm responsabilidade na sua execução e no cumprimento de suas exigências. Os conteúdos têm sua carga de obrigatoriedade mas não de seqüência e são cumpridos então, de acordo com a demonstração de interesse das crianças, com exceção do conteúdo de História, no qual se respeita a ordem cronológica dos acontecimentos.

■ *Planos semanais:* tomando como princípio os planos anteriores, organiza-se os trabalhos de toda a semana, logo na segunda-feira, pela manhã, junto com os alunos.

■ *Planos cotidianos:* Ao chegar à escola já há o plano da semana, então o dia é organizado contemplando atividades, pesquisas, passeios, produções, artes, e outras atividades. E cada criança sabe, então, o que precisará trabalhar durante seu dia na escola, com a turma, com o professor ou individualmente. Essa organização do dia de trabalho se dá em uma pequena reunião inicial com o professor. Ao final do dia outra reunião simples avalia os acontecimentos e trabalhos realizados.

Na concepção de FREINET essas técnicas viabilizam a realização de uma educação transformadora, garantido a atuação dos alunos na construção de valores humanos que eles ainda não possuem e que por meio das relações sociais vão estabelecendo e edificando, refletindo uma determinada concepção de mundo e sociedade.

Como pudemos perceber, FREINET não era um defensor do espontaneísmo em educação, todo seu trabalho era planejado, havia objetivos a serem atingidos, porém o planejamento elaborado não significava uma “camisa de força”, havia sempre espaço aberto para o inesperado, então replanejava-se se necessário, mas sempre dentro do objetivo de aproximar a escola da vida, e as aulas-passeios atendiam a esta finalidade e ainda motivavam a criação dos textos livres.

Inicialmente o nome aulas-passeios não obteve a aprovação dos pais, pelo contrário, em suas primeiras tentativas, por outros educadores, recebeu severas críticas, pois os pais a consideravam exatamente o que o nome trazia em seu significado primeiro: apenas um passeio, descompromissado com os objetivos de

uma escola séria, voltada para os conteúdos a serem ministrados e desenvolvidos. Evidente que os pais, preocupados com os problemas que a educação vinha enfrentando, não viam com bons olhos esta nova técnica.

Desde o início de sua atuação como professor, FREINET buscava opções para transformar suas aulas em momentos de vivacidade, de intercâmbio com a vida de fora da escola, para trazê-la junto com os alunos para a sala, durante as aulas. E FREINET percebia que o interesse de seus alunos estava fora da sala de aula.

A técnica da aula-passeio é então, utilizada como maneira de garantir uma estreita ligação entre a escola e a vida; um recurso que possibilitava tanto o despertar das crianças para algum tema de pesquisa, tendo como ponto de partida algo visto, quanto a busca de informações e aprofundamento de algum tema que viesse sendo desenvolvido.

FREINET e seus alunos saíam no início da aula da tarde, quando o esforço da manhã já havia cansado professor e alunos, iam observando a vida da aldeia e de seus trabalhadores. Paravam para admirar o trabalho do marceneiro ou do tecelão. Muitas vezes recebiam instruções detalhadas de como fazer isso ou aquilo. Pelos campos observavam as colheitas, as flores, as ovelhas, o pastoreio, percebiam as diferenças das estações: no inverno, a colheita das azeitonas, na primavera, das flores de laranjeira... Também podiam ir ao teatro, jogar futebol no campo da comunidade, fazer piquenique, ou até mesmo nos passeios-estadia, hospedar-se num camping ou numa pousada. Tudo era observado e comentado.

Uma nova relação se estabelecia entre o professor e seus alunos: deixava de ser fria austeridade e distância, para ser de companheirismo leve, alegre. Crescia um clima de cumplicidade com a natureza e os companheiros a caminhar pela tarde nas observações. Nas palavras de FREINET (1973, p. 24) esta “*brecha luminosa*” proporcionava benefícios para os alunos e para o professor, que num clima espontâneo criavam relações diferentes das relações de sala de aula.

Em princípio ele estava atento às observações das crianças mais por pura curiosidade humana que por preocupações pedagógicas, mas à medida que essas observações foram tomando corpo, percebeu que estavam estreitamente ligadas à vida e aos conteúdos que a escola insistia em trabalhar como conhecimento

estanque, separado do cotidiano, muito diferente do que acontecia naquelas tardes iluminadas pela descontração e pelo companheirismo.

É preciso ressaltar que, para FREINET, a técnica da “*aula-passeio, seja qual for o objetivo da saída, deve ser encarada com muita responsabilidade*” e os alunos ao participarem da elaboração do planejamento das aulas-passeios e participarem das mesmas, vivem um aprendizado natural e agradável, têm a oportunidade de ampliar as formas de relacionamento com os colegas e o professor. A sugestão pelos passeios podem partir dos próprios alunos ou do professor, nas reuniões e as crianças têm liberdade de participar ou não da atividade.

Com as aulas-passeio a porta e as paredes deixavam de ser barreiras, a vida entrava para dentro da classe junto com a luz do sol.

Na volta das aulas-passeio cada aluno queria contar primeiro o que vira, o que sentira, o que encontrara, mostrar o conteúdo dos bolsos... a vida sobrepunha-se à atmosfera fria da escola. As observações das crianças eram ricos exercícios de dicção, de cálculo, de estimativa, de comparação, de crítica. Os muitos conteúdos se mesclavam neste momento com as descobertas do passeio.

Por exemplo, se FREINET realizasse uma aula-passeio para observar aspectos da vida animal, o trabalho em sala de aula não se resumiria à área de Ciências Naturais; aspectos físicos, sociais, econômicos também eram trabalhados de forma integrada. Assim a Matemática, a História, a Geografia, o ensino da língua, tudo estaria relacionado e seria possível trabalhar desta maneira após as aulas-passeio.

Cada novo passeio dava à FREINET a certeza de que o caminho era esse: “colher na própria vida” da criança elementos para o trabalho pedagógico, pois, assim, apoiar-se-ia nos interesses reais dos alunos.

Uma das primeiras visitas sob esse novo olhar foi à oficina do tecelão que, pacientemente, explicou todo seu ofício aos alunos que, por outro lado, mostravam-se muito interessados e curiosos. Procurando ampliar os benefícios da visita, FREINET construiu com os alunos um tear muito rudimentar, que as crianças adoraram; puderam até tecer um cinto para dois colegas da classe que estavam sempre com ar de quem estava a perder os calções.

A partir dessa, muitas outras visitas aconteceram. Foram à oficina do marceneiro, do ferreiro, à padaria, à olaria, à perfumaria e outros. Algumas outras vezes ficavam apenas em contato com a natureza e tinham as mais animadas “lições de geografia, aritmética ou de botânica”.

Aos poucos, FREINET foi percebendo uma espécie de “desnível progressivo entre as aulas extraídas da vida” e as aulas formais dos manuais impostas pelos programas. As aulas extraídas da vida, como tinham ressonância nas experiências de cada criança, resultavam numa aprendizagem mais significativa, de maior contribuição à construção dos conhecimentos pelos alunos.

Em minha prática pedagógica também busquei uma aprendizagem que fosse mais significativa aos alunos, que contribuísse para a formação de sujeitos capazes de atuar no mundo atual. E como FREINET, concebo o papel do professor como elemento fundamental para que se estabeleçam relações favoráveis no processo de ensino-aprendizagem.

Por acreditar que a atuação do professor deve ser a de mediar os conhecimentos que o aluno possui (construídos pela interação com seu meio físico e social) com o saber escolar, e também facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento social e afetivo dos alunos, procurei um caminho que nos propiciasse essa atuação e, então, a aula-passeio surge-me como um ponto luminoso a expandir-se conforme a conhecemos.

A técnica da aula-passeio reflete as preocupações de FREINET em encontrar uma proposta pedagógica que buscasse transformações na escola. Nesse sentido defende que o meio deve ser o mais favorável possível para que exista um desenvolvimento harmonioso do homem.

Em minha concepção concordo com FREINET que o homem é sujeito de sua práxis, o que envolve ação e reflexão sobre o mundo, assim o homem é criador e elaborador do conhecimento, tem uma necessidade natural de poder e superação de si mesmo e de seu meio.

Uma grande preocupação de FREINET e também minha é com a cultura popular, que deve ser valorizada e deve servir de patamar básico à educação, ou seja, a educação deve partir do que é inerente ao povo, do que tem ligação com a vida e a sociedade na qual o indivíduo está inserido e ascender a novos patamares. Assim,

construir uma escola popular, dinâmica, que atenda às necessidades individuais, sociais, intelectuais, técnicas e morais da vida dos homens.

Para que a escola cumpra esse seu papel na formação dos homens, é necessário possibilitar uma participação efetiva dos alunos no cotidiano da escola, construindo seus conhecimentos, interagindo em relações interpessoais e grupais.

Segundo meu entendimento, podemos viabilizar essa dinâmica por meio das aulas-passeio que possibilitam ao aluno a experimentação, satisfazendo a necessidade de conhecer o mundo que o rodeia, necessidade de comunicação, explorando os diversos modos de expressar sentimentos, idéias e conhecimentos; favorecem a cooperação, organizando uma estrutura de trabalho tal em que ele sinta necessidade de estabelecer trocas e unir esforços para atingir objetivos e projetos; favorecem o estabelecimento de relações igualitárias e de ajuda mútua; valorizam a documentação pelo acesso ao que já foi produzido pela sociedade e, por outro lado, como registro das descobertas e produções individuais e/ou coletivas.

Sei que a escola é o produto da sociedade em que está inserida, e que por isso devemos atuar para transformar também a sociedade. Dessa maneira, conciliar a vida com a escola, evitando a dissociação dos conteúdos da escola com as necessidades da vida, é imprescindível.

Acredito ter conseguido essa atuação por meio da técnica da aula-passeio a qual serviu como instrumento de apoio e recurso norteador da minha prática pedagógica desenvolvida durante o ano de 1997 em uma classe de educação de adultos.

No próximo capítulo proponho-me, a delinear a pesquisa sob o prisma da técnica da aula-passeio, sua execução e seus resultados. Nesse processo também enfocarei a forma de trabalho com os ateliês que possibilitaram o elo entre a aula-passeio e as produções e documentação sobre a mesma, sistematizando os conhecimentos produzidos.

Capítulo III

A AULA-PASSEIO COMO TÉCNICA ATUAL.

Após o breve relato sobre a vida e a prática pedagógica de Celèstin FREINET, enfocadas nos capítulos anteriores, considero importante neste momento situar minha pesquisa, com a qual pretendo colocar em prática técnicas empregadas pelo educador citado, principalmente a técnica da aula-passeio.

Antes de tudo, considero importante situar o problema enfrentado pelos alunos sujeitos de nossa pesquisa, uma vez que são educandos adultos, tendo tido já contato com a escola durante parte da infância, porém foram obrigados a abandonar a escola para auxiliar no orçamento familiar e agora retornam ao mundo dos estudos.

Atualmente, tem predominado o discurso de valorização do papel da educação para a solução dos problemas sócio-econômicos das sociedades contemporâneas. Porém, por mais bem intencionada que seja a fala de alguns desses interlocutores, nem sempre suas representações sobre a educação das classes populares respondem às necessidades e interesses reais desses segmentos sociais.

Fazer escola para grupos sociais economicamente privilegiados - crianças bem nutridas, possuidoras de um capital social que faz com que os objetos, as noções e a linguagem da escola lhes sejam familiares - é fácil e de interesse para qualquer empresário da educação. Desafiador é fazer uma escola que atenda às necessidades educacionais dos segmentos sociais empobrecidos e marginalizados, advindos de um universo estranho à escola.

Nas décadas passadas, sob o discurso de democratização da educação escolar, o estado brasileiro deu ênfase à expansão quantitativa da rede pública de ensino sem maior preocupação com a qualidade da educação oferecida. A realidade dessas escolas é a de instalações e professores improvisados, decorrendo daí um ensino de má qualidade, inadaptado às possibilidades e necessidades da maioria da clientela escolar, constituída principalmente por crianças das classes populares.

A democratização do acesso à escola não teve como resultado a democratização do saber e, sim, veio reforçar o “*apartheid*” social brasileiro pela escola. Como conseqüências concretas, há de um lado uma rede de escolas de qualidade para uma minoria privilegiada da população e de outro lado uma rede desqualificada para a maioria. A educação em vez de ser um dos processos recorrentes de superação dos desníveis entre grupos sociais, torna-se um mecanismo de discriminação e de reforço das desigualdades sociais e econômicas.

Estas condições sociais adversas levam inúmeras crianças nos campos e nos centros urbanos, quando deveriam estar freqüentando a escola fundamental, a penetrarem no mercado de trabalho informal precocemente, para ampliar as míseras rendas de suas famílias. Estas famílias não podem prescindir do trabalho daquelas.

Aqui está um dos sintomas claros da desordem estrutural resultante da perversidade da distribuição de renda no mundo. Milhões de trabalhadores são submetidos à espoliação selvagem de sua força de trabalho, sem conseguirem o mínimo para o sustento de suas famílias e educação dos filhos. Processo que vai acentuando as desigualdades e a exclusão social.

Os processos de produção do presente estão cada vez mais a exigir trabalho qualificado. Alguns estudos chegam mesmo a apontar a necessidade de trabalhadores com o mínimo de 11 anos de estudo, o que impõe às sociedades e aos governos a exigência gigantesca de qualificação e reciclagem da mão-de-obra, para que essas pessoas possam ter condições mínimas de concorrerem neste mercado. O avanço tecnológico coloca de modo premente a qualificação da mão-de-obra, pois a formação tecnológica não está adaptada às exigências das indústrias modernas.

E no Brasil, a situação não é diferente, a população ingressa cedo no mercado de trabalho, com baixo grau de escolarização ou mesmo sem qualquer escolarização. Este ingresso, como se sabe, é um momento crucial da carreira, tendo importantes reflexos sobre toda a vida ativa do indivíduo.

E depois, existe a questão da continuidade da escolarização. Parte dos trabalhadores consegue manter-se na escola, enquanto outro grupo deixa os estudos antes mesmo da sua entrada no mundo do trabalho ou faz cessar, após algum tempo, a concomitância.

Neste sentido, existe uma antiga controvérsia a respeito da possível competição entre escolarização e a atividade do trabalho.

A realidade brasileira é um exemplo acabado de contradição entre a Declaração dos Direitos do Homem e a prática social. É inegável que, em razão do tipo de desenvolvimento capitalista que caracteriza o Brasil, existe uma incompatibilidade entre o estudo e o trabalho, principalmente em razão do baixo nível de renda da população, o que exige a entrada precoce no mercado de trabalho para aumentar a renda da família.

Para uns, o trabalho conduz à evasão escolar, enquanto para outros o trabalho é até uma condição para manter-se na escola ou retornar a ela. E isso foi exatamente o que aconteceu aos sujeitos de nossa pesquisa: a empresa em que trabalham lhes proporcionou (material e psicologicamente) o retorno à escola e a possibilidade de completarem o 1º Grau.

Minha pesquisa faz parte do trabalho realizado com alunos da Escola S.E.T.A (Sociedade Educadora do Trabalhador Adulto), durante o ano de 1997; neste período os alunos em questão freqüentaram os Termos 09 e 10. A classe era composta por 25 alunos, com idades variando entre 25 e 49 anos.

A escola citada é parte de um projeto em comunhão com o Programa de Educação de Adultos da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e as indústrias Nestlé para alfabetização de seus funcionários; o que a empresa chama de “Programa de Educação Fundamental Nestlé”. O projeto inicial nasceu em São Paulo coordenado pela Prof. Stela C. Bertholo Piconez. Em Marília, o projeto foi assessorado inicialmente por três professores do Departamento de Didática, da Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Campus de Marília - SP.

Uma das exigências dos professores responsáveis pelo projeto em Marília, é que todos os professores envolvidos no programa sejam pedagogos, o que tem se mantido durante todo o programa. Outra exigência era a presença de uma estagiária por sala, para melhor atender a professores e alunos, entretanto os muitos cortes financeiros que o projeto vem sofrendo, obrigaram, no último ano, que as classes funcionassem com uma estagiária por período apenas.

Na intenção de melhor atender a seus alunos e diminuir as dificuldades que os trabalhadores têm de locomoção dado

o horário de trabalho, a escola funciona em prédio adaptado situado a aproximadamente 50 metros do portão de entrada da indústria; os horários de aulas também são organizados em função dos horários de trabalho, procurando coincidir com os intervalos dos turnos ou ainda com o término do período posterior à jornada de trabalho ou mesmo anterior à mesma. O aluno-trabalhador organiza o horário que melhor lhe convier para frequentar a escola.

Para atender essa demanda todo o grupo procurou desenvolver a consciência da necessidade de uma reflexão crítica do processo histórico-político-social da nossa ação educacional.

Então, buscamos um trabalho pedagógico histórico-crítico, como propõe SAVIANI (1991), que nos permitiria uma ação recíproca, de valor, hábitos e preceitos gerados na vivência escolar cujos resultados serviriam como condicionante social.

Concebido como essência da natureza humana, o trabalho pedagógico, socializante, apresenta potencialidade para superar a enorme resistência à transformação social que o modo capitalista impõe e para garantir o exercício da cidadania e da participação por todos os cidadãos. E cabe aqui, ressaltar que o trabalho com as técnicas utilizadas por FREINET caminha nesta mesma direção, de proporcionar um conhecimento estruturado que instrumentalize o cidadão na sua atuação na sociedade.

Chegamos à conclusão de que ações isoladas, dificilmente permitem que o trabalho pedagógico se torne condicionante social potencialmente capaz de redirecionar a organização social e, portanto favorecer o gozo dos direitos humanos pelos indivíduos e a conquista pela liberdade.

A liberdade a ser conquistada é dependente de um trabalho pedagógico crítico, no uso de uma didática libertadora da opressão social. No entanto, adotá-la exige identificar o tipo de conhecimento que a escola vem reproduzindo, questionar o papel social que a escola vem cumprindo, analisar as relações entre os aspectos organizacionais do ambiente pedagógico e o modo de socialização do conhecimento no interior da escola.

O trabalho com os educandos adultos baseia-se inicialmente em redimensionar a importância dos conhecimentos, não qualquer tipo de conhecimento, mas aquele que propicie atuar na sociedade em que vivem e na qual trabalham.

Buscamos ainda, redimensionar o papel da escola, onde a apropriação do conhecimento, por ser constitutiva da condição

humana, é um direito fundamental e, por isso mesmo, uma exigência da cidadania.

Estamos próximos do terceiro milênio, quando uma nova ordem mundial se organiza e os avanços da revolução científica e tecnológica causam impactos de toda ordem, mas no Brasil ainda temos quase um terço de sua população em estado de pobreza, sendo que 32 milhões vivem em estado de miséria absoluta.

Enquanto a revolução científica e técnica contemporânea, que se solidifica, vem requerendo, em nível mundial, a formação de novos trabalhadores capazes de atuar autonomamente na sociedade tecnológica dominante, no Brasil, o desafio reside, ainda, em prover grande parcela da população ao acesso a direitos básicos sociais, como educação, alimentação, moradia, saúde e trabalho.

A educação de jovens e adultos, no Brasil, é o resultado da miséria econômica e social. Em virtude das precárias condições de vida da maioria da população e dos males do sistema público regular de ensino, constata-se o não aproveitamento da escolaridade na época apropriada. O analfabetismo é criado socialmente.

O contexto da atual realidade econômica e social apresenta níveis alarmantes de desigualdade, o que faz do Brasil, um dos países do continente cuja distribuição de renda se situa entre as mais perversas. Os caminhos do desenvolvimento se mostraram inconseqüentes, os da política limitados, nossos sonhos e modelos do pensar esvaíram-se ou mostraram-se insuficientes. A educação e, dentro dela, a educação de jovens e adultos, acompanha este movimento de indefinições.

Trata-se, ainda, de universalizar o acesso de milhões de brasileiros a um patamar de escolaridade mínima, aí incluindo-se o conhecimento elementar da própria escrita e leitura da língua nacional - a alfabetização.

Um percentual considerável de indivíduos excluídos do sistema formal de ensino, seja por se encontrar em condições de vida precárias, seja por ter tido acesso a uma escola de má qualidade, ou mesmo não ter tido acesso à escola, acaba por se defrontar com a necessidade de realizar sua escolaridade já como adolescentes ou adultos para sobreviver em uma sociedade onde o domínio do

conhecimento ganha cada vez maior importância, pois que uma nova ordem de desenvolvimento se instala.

Assegurar educação para todos ainda é um desafio. No Brasil, apesar da expansão quantitativa ocorrida nos últimos anos, persiste um quadro preocupante. Segundo o MEC (1990), são aproximadamente 3,5 milhões de crianças de 7 a 14 anos, que não têm acesso à escola básica e cerca de 17,5 milhões de analfabetos com idade superior a 15 anos. E podemos dizer que são somados a estes os milhões ditos alfabetos funcionais.

Alfabetos funcionais é um termo utilizado por FOUCAMBERT, J., em A Leitura em Questão (1994, p.119) e refere-se à impossibilidade de compreender e de produzir uma mensagem escrita simples, porém “envolve pessoas com vários anos de escolaridade que dominaram essas técnicas de correspondência grafo-técnicas num certo período de sua vida, mas perderam esse domínio por falta de uso e de exercício”.

A realidade brasileira, bem como a latino-americana, tem apontado para uma diminuição do número de analfabetos absolutos ao mesmo tempo em que se dá um incremento do número de alfabetos funcionais. Aponta também para um rejuvenescimento dos alunos que freqüentam cursos de Educação de Jovens e Adultos, provocado pelo processo de perda de qualidade do ensino regular. Finalmente, estudos recentes apontam para a inadequação da escola atual às necessidades desta juventude.

Pesquisas atuais mostram que tem havido um crescente reconhecimento em termos da legislação, do direito ao jovem e ao adulto que não teve oportunidade de escolarização no período adequado de obtê-la. Portanto, fica cada vez mais explícito o dever do Estado para com uma escola pública de qualidade para os excluídos da escola.

Entretanto, embora tenha havido uma crescente manifestação por parte do Estado, em especial a partir de 1940, em ofertar programas de EDA (Educação de Jovens e Adultos), houve um crescente descompromisso do governo federal por programas de alfabetização, deslocando tal responsabilidade para o plano municipal. Tem havido também um crescente descompromisso no plano estadual, reflexo deste movimento de esvaziamento das políticas nacionais.

Esta tendência à municipalização da oferta de serviços de educação básica para jovens e adultos e programas de alfabetização, tem se realizado de maneira não uniforme, condicionada aos recursos disponíveis nas administrações municipais, bem como ao compromisso político de cada governo com este tipo de ensino. É condicionada ainda por pressões localizadas de demanda ou reivindicações locais.

Por isso, há cada vez maior consciência de que a solução para o analfabetismo adulto passa obrigatoriamente por uma escola infantil básica de qualidade, ao mesmo tempo em que se desenvolvem programas de educação de jovens e adultos de caráter institucionalizado e permanente.

Programas estes que deveriam ser obrigatoriamente voltados às características e necessidades do aluno trabalhador, que lhe dão contornos diferenciados do modelo de escola de educação básica infantil. Portanto, a simples reprodução desta escola no período noturno ou, por outro lado, a simples adaptação formal desta escola não tem produzido os efeitos esperados.

O que há que se buscar é um novo modelo de trabalho que possa estruturalmente estar voltado às necessidades do trabalhador que volta à escola.

Os movimentos populares têm dado um apoio significativo no sentido da obtenção deste direito, bem como no direcionamento e qualificação do tipo de serviço que se oferece. Além do mais, a prática dos movimentos populares em programas de escolarização de jovens e adultos tem sido um instrumento de luta e ganhos de consciência na busca de uma escola pública de qualidade, única possibilidade de universalização de tais serviços públicos de ensino.

Assim, aprender não é somente receber um saber existente, mas também transformar a situação que gera isso, lutar contra desigualdades, buscar condições verdadeiras de cidadania. E, portanto, buscar uma sociedade cada vez mais democrática, na qual os indivíduos se constituam como sujeitos históricos.

Melhor dizendo, construir com os alunos uma atitude crítica diante da realidade, comprometida com o homem, não com o homem abstrato, mas com o homem concreto, com a sociedade tal qual ela se apresenta, dividida em classes com conflitos e contradições. E que essa postura contribua para sua transformação.

Então, uma prática comprometida com a transformação da sociedade, (ao contrário da ordem vigente) requer uma pedagogia fundamentada na recriação dos valores submersos em nossa ordem social, uma pedagogia viva do homem e de sua criação.

De acordo com OLIVEIRA (1991), neste caminho, é que educador e educando devem estar relacionados e neste sentido, buscar uma compreensão de si e da realidade como algo concreto, que é criado e recriado no cotidiano.

Essa concepção vai ao encontro dos questionamentos de FREINET, que também viveu o confronto do papel da escola frente à educação da classe popular, que notadamente não estava sendo atendida pela escola.

Sua prática é forjada no cotidiano da sala de aula, baseada em concepções filosóficas, psicológicas e sociais originárias da sua observação sobre o mundo e do contato e análise de diversas obras de pensadores das áreas educacional e psicológica. Sua proposta envolve integralmente o processo: planejamento da ação, ação, avaliação e reformulação da ação, num movimento de apropriação do trabalho pedagógico.

Para FREINET, é a partir da constatação das insuficiências de um tipo de trabalho que vão ser geradas a necessidade de mudança e a busca de transformação da ação pedagógica pelo professor. Esse pensamento me conquistou prontamente, levando-me para o contato com suas obras, abrindo caminho para reflexões sobre o tipo de proposta pedagógica que buscava e as técnicas que poderíamos utilizar para atingir meus ideais, levando em consideração o importante papel que a vida social tem sobre a formação dos indivíduos.

Em meu tateio para uma didática libertadora que busca a socialização do conhecimento humano, em seu processo de produção e aplicação social, passo pelo conhecimento das contradições da sociedade, que marcam a educação.

O processo educacional brasileiro sempre esteve assentado em visões mecanicistas, a-históricas e reprodutivistas.

Os modelos educacionais brasileiros sempre refletiram os anseios da classe dominante, agro-industriais, dentro de contextos sociais onde os interesses de classe sempre se mantiveram, apesar das “reformas”.

Na escola, o trabalho pedagógico com objetivo de produzir um saber histórico, não ingênuo ao ponto de se cientificizar na sua totalidade, deixando às margens suas relações com os modos de produção, poderá levar seus co-produtores, os estudantes, a tomarem consciência das relações de produção no contexto social, político e econômico. Esta consciência constitui instrumento por meio do qual poderão transformar a realidade e atingirem a liberdade social. As forças subjetivas potencialmente capazes de transformarem as relações sociais emergem da tomada de consciência.

Sem esta consciência, como entender a realidade social em determinados momentos históricos? Os hiatos entre a produção e a aplicação do conhecimento científico, o uso e algumas técnicas em certos momentos históricos, de que forma podem ser explicados?

Nesse sentido, pretendo contribuir para a formação de sujeitos capazes de verem, analisarem, compreenderem e interferirem na sociedade em que vivem e, sua concretização passa pela veiculação a um tipo de saber que garanta a cidadania, a formação de cidadãos conscientes e produtivos.

É na medida que se vive num meio e sobre o qual se é possível agir, discutir, decidir, realizar e avaliar com os outros, que são criadas condições favoráveis de aprendizado e crescimento.

A evolução histórica e os conflitos sociais marcam profundamente o trabalho que se pretende, estreitamente ligado ao homem e seu posicionamento diante da realidade.

Entretanto é preciso analisar esta realidade dentro de um contexto maior, como uma etapa de desenvolvimento do modo capitalista de produção. É preciso submeter nossas concepções e posições teóricas à realidade dos dias de hoje. É preciso entender que o processo de conhecimento se dá de acordo com o processo de socialização pelo qual passam os indivíduos, e a formação de indivíduos “conscientes, críticos”, não será somente fruto de ensinamentos do professor, mas sim resultado do aprendizado do aluno, do seu esforço nas discussões, elaboração de atividades, leitura e discussões de textos, etc. E principalmente da relação entre o conteúdo a ser estudado com a sua vida, os seus problemas e o mundo em que vive.

Para tornar o processo de aprendizagem mais eficiente e o seu resultado mais útil e significativo para o educando, é necessário atender a dois aspectos: selecionar conteúdos que sejam

realmente relevantes aos alunos, relacionados com a vida deles e trabalhar conteúdos desde uma perspectiva interdisciplinar, para que o saber adquirido pelo educando não seja fragmentado, mas tenha sentido.

Motivada pela busca do educando independente, agente do seu crescimento e conhecimento, tenho como ponto de partida a idéia de que a prática da investigação, a partir da elaboração de um projeto coletivo com os alunos, com o objetivo de estabelecermos uma visão de conjunto dos elementos que compõem a produção e a organização dos homens, constitui-se uma importante atividade, que acredito só ser possível de concretizar com a integração entre os agentes do processo: professor e alunos.

Essa postura baseia-se em Thiollent, que afirma que os atores da pesquisa não são simples informantes, mas interessados na própria conduta da pesquisa (1987, p.94).

O homem adquire consciência de si e do mundo e suas mudanças, quando resgata sua própria escala histórica, analisando os passos evolutivos concretamente dados, que se espalham em espaços materialmente definidos.

Minha preocupação não é a de propor aqui caminhos dentro do desenvolvimento do processo pedagógico, como uma receita pronta e acabada, mas sim, levantar pontos para discussão e buscar meios de enriquecer a prática em sala de aula.

Meu ponto de partida será sem dúvida, a sociedade, onde identificamos as relações sociais e espaciais e o homem como principal protagonista.

Admitindo-se que a Geografia, em linhas gerais, seja um dos ramos da ciência ou do saber, que estuda as relações entre a sociedade e a natureza, é natural que se admita que a mesma tenha compromissos maiores com a sociedade. Isso porque a sociedade atua sobre a natureza, transformando-a e possibilitando a formação de uma nova natureza que não é idêntica à primitiva, mas que guarda algumas características da mesma, aglutinadas a novas qualidades.

Quando se procura analisar as relações entre a sociedade e a natureza, observamos que da mesma forma que a natureza se reconstitui com outras características, também a sociedade vive em transformações constantes.

O professor precisa estar consciente, então, que trabalha com um processo e não com um estágio, numa relação complexa em que a sociedade modifica a natureza.

A Geografia hoje, não é mais a ciência que estuda e descreve a superfície da Terra, mas a ciência que analisa e tenta explicar o espaço produzido pelo homem, indicando as causas que deram origem às formas resultantes de relações entre sociedade e natureza.

O homem individualmente, não tem influência na formação de espaço e na utilização do território, mas a sociedade, dispondo cada vez mais de capital e de tecnologia, modifica o espaço natural, o meio natural, criando o espaço próprio que lhe interessa.

Assim, o espaço, que tanto preocupou os geógrafos do séc. XIX, volta a se tornar tema altamente importante nos dias de hoje. As modificações que ocorrem no espaço, transformando as características regionais e locais, se fazem com grande rapidez.

O processo de produção do espaço é, portanto, constante e permanente, nunca concluído, um processo de construção e reconstrução. O espaço produzido não chega a se concluir, ele resulta das relações dialéticas entre a natureza e a sociedade.

Durante muito tempo admitiu-se que o espaço era o resultado da influência da natureza, havendo um determinismo do meio natural sobre a ação do homem. Hoje, o problema espacial é uma preocupação dos cientistas sociais das mais diversas formações face às implicações sociológicas, antropológicas, históricas, econômicas, políticas e não apenas geográficas, que dão forma e conteúdo aos espaços produzidos pelos homens.

O espaço produzido reflete, então, em suas formas, as estruturas sociais existentes, as suas contradições, de acordo com a dominação política, consagra os desníveis sociais e agudiza a exploração das classes menos favorecidas. Ele é um reflexo da sociedade organizada, testemunha e sofre as transformações, que se exercem nesta sociedade. A organização do espaço é assim, então, eminentemente social.

Assim, ao educador, cabe o papel de extrair da cotidianidade os germens para reflexões posteriores sobre a ocupação e a produção do espaço físico e social. São as reflexões sobre a Geografia que produzirão no aluno bases para suas primeiras reflexões de maneira a viver conscientemente o crescimento na forma de

objetivações e apropriações , ou seja elevar-se para a não-cotidianidade, para o conhecimento produzido pela humanidade em seu desenvolvimento.

Em outras palavras, o educando necessitará partir da Geografia física, prática, empírica, para atingir o princípio da totalidade, de uma Geografia crítica, dinâmica, que precisa de constantes reflexões.

A escola trabalhará, assim, seu papel mediatizador entre a prática extra-escolar e a prática-escolar, de modo a suscitar novos posicionamentos e ações que resultem em transformação social. Em meu caso, mediatizar a visão de espaço do particular para o social, enfocando a sociedade e sua evolução, de modo a contribuir para reflexões sobre a melhor distribuição do espaço e da sociedade como um todo.

Pensando que a Geografia é uma ciência de observação e explicação (ou compreensão) do espaço real, do espaço produzido pela complexa rede de fenômenos sociais e naturais, propus um trabalho de pesquisa, observação e produções a partir de uma aula-passeio, técnica formulada por FREINET que proporciona aos alunos um maior contato com o próprio meio, permitindo descobertas, produções e elaborações.

O ensino dinâmico da Geografia, se de um lado exige a atualização constante do professor, de outro leva (ou deverá levar) o aluno a perceber que o seu estudo não é um conhecimento acabado. Pelo contrário, é constantemente reativado e renovado.

A formulação de hipóteses e o processo de observação, a análise dos dados, a explicação teórica dos fenômenos observados desenvolvem-se juntos e vão se estimulando reciprocamente durante todo o trabalho. É um procedimento empírico e um conjunto de reflexões que se multiplicam e interagem.

Nessa metodologia de aprendizado, a construção de significados a partir da experiência, pesquisa do aluno, e situações problemáticas estimulam a ação, o trabalho cooperativo entre os alunos, essenciais ao ensino vivo que se reflete num pensamento vivo, atual e estimulante para os alunos.

Vale destacar aqui PAULO FREIRE que nos diz que:

"O homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação." (FREIRE, 1975, P.76)

Então, visou em minha prática pedagógica colocar os alunos em relação direta com as conquistas do homem em sua evolução histórica situadas na não-cotidianidade, pois existe no processo pedagógico intenção consciente de atividades envoltas de conhecimento científico.

Como estratégia de pesquisa, adotei a pesquisa-ação porque nela os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas, no acompanhamento das ações desencadeadas em função dos problemas; e ainda, exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação que seja do tipo participativo. De acordo com THIOLENT *"com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados."* (1986, p.16).

Pretendi com minha pesquisa, criar uma ampla e explícita interação entre pesquisador e pessoas implicadas na situação investigada, e desta interação emergiu as soluções e o acompanhamento dos passos do trabalho realizado com o grupo.

A prática da pesquisa-ação necessita muito da elucidação de seus objetivos que podem ser:

- Objetivo prático: procura contribuir para o melhor equacionamento do problema central da pesquisa com levantamento de soluções e propostas de ações para transformar a situação problema.
- Objetivo de conhecimento: busca obter informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos, aumentar o conhecimento de determinadas situações.

Buscando um equilíbrio entre os dois objetivos, encaminhei minha pesquisa voltada para a produção de conhecimentos que não seja útil apenas para a coletividade considerada na investigação local. Trata-se de um conhecimento a ser cotejado com outros estudos e suscetível de parciais generalizações: *"conhecer para agir, agir para transformar"* (Grifos de Raquel C. F. Sanches)

Retomando a preocupação de C. FREINET em unir a vida do aluno na escola à sua vida fora dela, de maneira a encará-la e tratá-la como unidade que envolve um processo contínuo de formação e desenvolvimento, organizei a aula-passeio e os ateliês concomitantes a ela.

Dessa maneira procurei construir uma ponte entre o conhecimento adquirido por meio da experiência da aula-passeio e de interações com o meio, em conteúdos sistematizados pelos alunos.

Desde o início das atividades docentes da escola S.E.T.A, a aula-passeio foi uma das técnicas utilizadas pelos professores, porém sem que se utilizassem os embasamentos teóricos de C. FREINET, nem os ateliês que tanto a enriquecem, bem como aos alunos.

Dado o êxito que as atividades extra-classe obtinham junto aos educandos adultos, sua importância foi tomando corpo e me impulsionando na busca da teoria que a embasasse. A aula-passeio e os respectivos ateliês descritos a seguir já se deram sob a luz da orientação das leituras de FREINET.

A pesquisa aqui relatada foi realizada no 1º semestre do ano de 1997.

Na programação curricular (que no caso dessa escola é semestral e não anual como se refere FREINET, em suas obras, na discussão sobre a necessidade de planos norteadores do trabalho) estavam incluídas aulas destinadas ao estudo de formas de energia; ocupação do espaço e transformação da natureza.

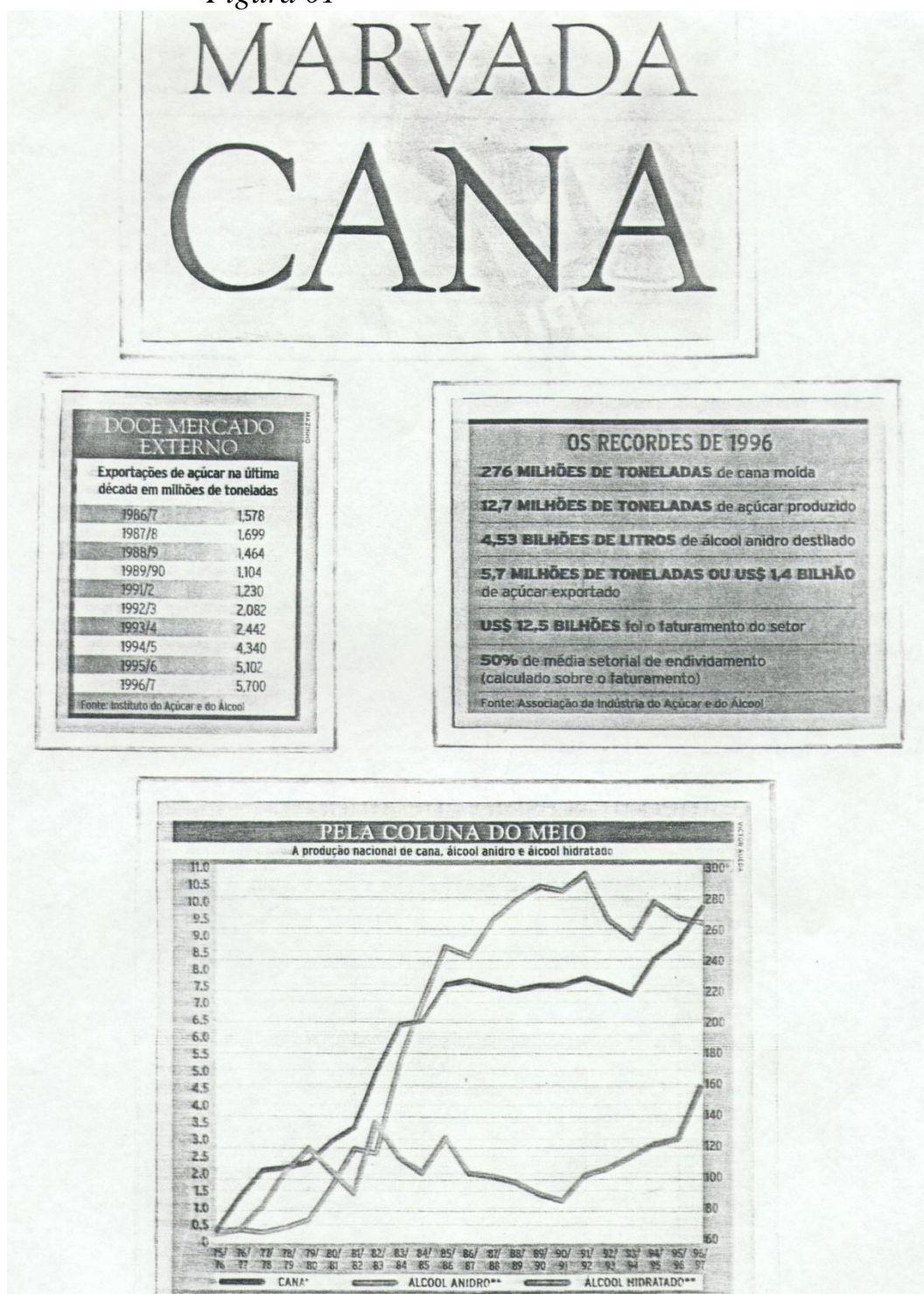
Com a aula-passeio à Usina, puderam ser contemplados os temas acima mencionados de maneira a interligá-los.

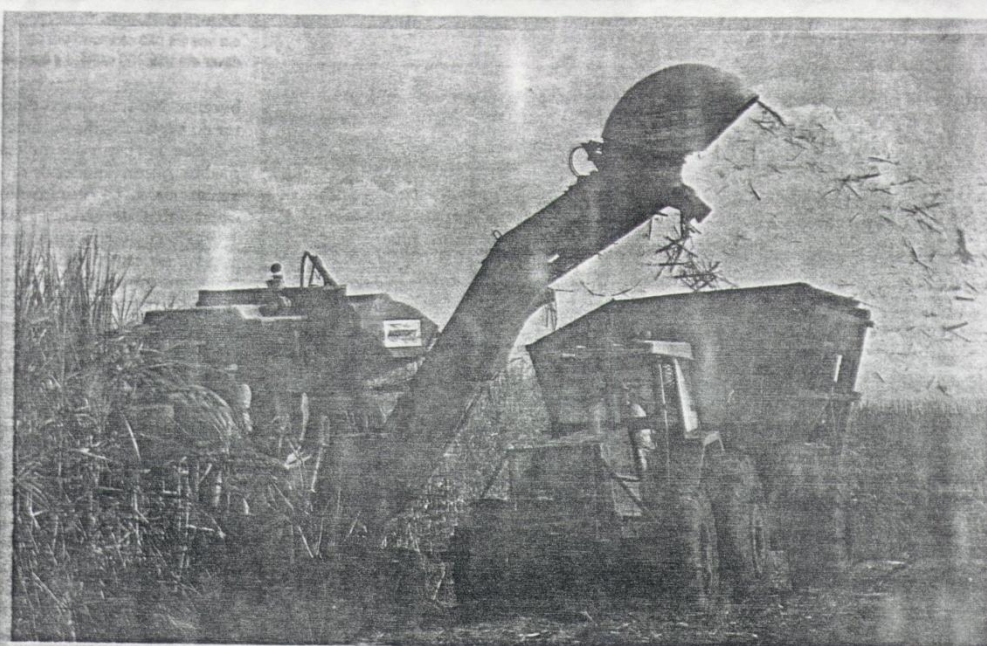
Como o trabalho nesta escola é realizado tendo como base o Material do Telecurso, foram, primeiro, trabalhadas as aulas e os vídeos, sobre a divisão regional do Brasil em setores de atividades econômicas. Essas mesmas aulas (n.º 23 - As fontes de energia - n.º 26 Brasil: o setor primário da economia - n.º 27 Brasil: o setor secundário da economia - n.º 28 Brasil: o setor terciário da economia) serviram de embasamento para as discussões acerca da aula-passeio.

As salas têm em comum um mural, utensílio tão utilizado por FREINET, que utilizamos para veicular informações consideradas importantes. E após o trabalho com os temas e aulas citados, foi afixado no painel um texto (exibido a seguir) que tinha

como objetivo primeiro, enriquecer o limitado trabalho das aulas dos livros norteadores da estrutura da escola naquele momento.

Figura 01





Máquina em ação na Usina São Martinho (SP). "Elas estão nos peneirando", compara um sindicalista ligado aos trabalhadores

As colhedoras estão chegando

Elas fazem o trabalho de 80 homens. Precisa dizer mais?

Esguias e cada vez mais soberanas, elas vão dar o tom da paisagem dos canaviais do centro-sul de maio em diante, durante a próxima safra. Com até quatro vezes a altura de um cortador de cana, as colhedoras estão cada vez mais roubando o espetáculo da queimada na colheita da cana-de-açúcar. Cada uma delas substitui até 80 trabalhadores e recupera um método antigo, pesado para as mãos humanas, mas mais leve para o ar que todos nós respiramos — o do corte da cana crua.

Ao preço de R\$ 230 mil cada uma, elas têm feito a glória na faturamento do engenheiro mecânico Luiz Antônio Ribeiro Pinto, presidente da Santal Equipamentos, empresa de Ribeirão Preto, uma das duas únicas fabricantes de

colhedoras no País. Na região, onde a topografia dos canaviais permite mais facilmente o trânsito dessas máquinas do que no acidentado relevo da zona de Piracicaba, as vendas desse sexagenário que convive com o setor desde jovem avançam como nunca. Entre 1990 e 1995, Pinto colocou 30 delas nas plantações das usinas. Este ano, deve negociar entre 35 e 40 unidades, o que lhe permitirá ampliar em 45% o faturamento de R\$ 10,1 milhões obtidos em 1996.

Não fossem os tempos de dinheiro raro e caro, que mergulharam as usinas na busca de ganhos de produtividade e redução de custos fixos, e a legislação ambiental da região de Sertãozinho, que impôs a substituição da queimada pelo corte da

cana crua, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sertãozinho, Alcídio Ferreira, não teria por que lamentar o sucesso de Pinto. "Eles estão nos peneirando", lamenta o sindicalista, como se atuasse em uma lavoura de grãos, ao constatar que seus pares estão fazendo as malas e voltando para as cidades de onde migraram um dia.

Em Sertãozinho, a prefeitura chegou a contabilizar em 1994 um desemprego de 17%, três vezes superior à média nacional. Hoje, a situação talvez já não seja tão grave na cidade — até porque muita gente saiu dela.

"Enquanto der, não demito ninguém para substituir por máquina", promete em Guaira, cidade próxima a Barretos, no norte paulista, o jovem usineiro

Eduardo Junqueira Motta Luiz, dono da Usina Açucareira Guaira. Em 1996, Luiz moeu 1,349 milhão de toneladas de cana. Fez 70 mil toneladas de açúcar e manteve-se fiel à produção exclusiva de álcool hidratado. Preferiu reduzir custos com expedientes mais humanos: instalou, por exemplo, um bôfômetro no horário de entrada do trabalhador, do canavial ao pessoal administrativo. Garante que ganhou em produtividade.

Luiz sabe que terá um dia de mecanizar sua produção, mas resiste galhardamente em nome do que define como preocupação com o social. Afinal, a redução de mão-de-obra na colheita da cana-de-açúcar e no processo industrial das usinas em tempos de definição de políticas para o setor como o atual não é o melhor dos negócios para quem representa o setor. O caráter empregador sempre foi argumento de primeira linha para usineiros que se batem pela reativação do Proálcool.

Cabe aqui ressaltar que embora o projeto inicial, que propiciou o funcionamento desta escola de alfabetização de adultos tenha sido pautado no material citado, a orientação para o trabalho, mediante nossas concepções e postura pedagógica não nos permitia considerar suficiente apenas o trabalho com o "Manual do Telecurso".

Sempre buscamos partir das “sugestões” das aulas e ampliá-las com diversos outros trabalhos como filmes, pesquisas, leituras complementares, questionamento de textos, trabalho com jornais, visitas, palestras, artes e outras atividades.

O título do informe afixado: “Marvada Cana”, chamou a atenção dos alunos e os comentários sobre o artigo desencadearam discussões que resultaram na sugestão para uma visita a uma Usina de Álcool. A idéia, prontamente aprovada pela sala, acabou sendo formalizada sob o título: Visita à Destilaria Califórnia e os reflexos nos estudos de Geografia (título escolhido pelos próprios alunos).

Neste momento da discussão, tornou-se oportuna a abordagem de problemas, como:

- a necessidade social de uma destilaria de álcool e açúcar;
- problemas de poluição e ambientais;
- monocultura e suas conseqüências sociais e econômicas;
- relevo da região onde se instala uma destilaria;
- questões relativas à mão-de-obra:
 - tipo de contrato de trabalho
 - bóia-fria
 - criação de empregos na região;
- reflexos da ação canavieira nas cidades vizinhas;
- mecanização;
- situação dos usineiros no Brasil.

Dado o interesse percebido nas discussões, os próprios alunos pesquisaram a existência de uma usina na região de Marília. Embora a idéia da atividade tivesse atraído o interesse da maioria, muitos lembraram da dificuldade de data disponível, pois a empresa em que trabalham funciona em sistema de rodízio, o que dificulta a concentração de folga num mesmo dia e período.

Após várias hipóteses, o dia 29 de Maio (quinta-feira) seria um feriado próximo e poderia ser utilizado. Para os alunos em foco, a organização do seu trabalho é de vital importância, daí a preocupação primeira ser a de adequar a data para depois se voltarem para a elaboração do projeto.

Tendo sempre a preocupação de realizar um trabalho interdisciplinar, procurei envolver todas as disciplinas nos projetos de estudo.

Os professores envolvidos no trabalho pedagógico da escola S.E.T.A. trabalham com projetos de estudo segundo Josette JOLIBERT (1994, p.33). Segundo JOLIBERT, é quando: “se vive em um meio sobre o qual se pode agir, no qual se pode - com os demais - discutir, decidir, realizar, avaliar... que se criam outras situações mais favoráveis para a aprendizagem.” Salienta ainda que os educandos que vão à escola devam trabalhar em um lugar que tenha sentido para eles e possam se engajar em sua própria aprendizagem (em lugar de serem submetidos ao ensino).

Essa postura ajusta-se também ao pensamento de FREINET, que em todos os momentos valoriza a participação efetiva dos alunos na vida da classe, na gestão de procedimentos, na organização da aula, enfim, atuam na elaboração do conhecimento.

Além disso, a pedagogia de projetos permite viver em uma escola apoiada no real, aberta para as muitas relações com o exterior. Essa prática permite aos educandos:

- não depender apenas das escolhas do professor;
- decidir e se engajar depois de terem escolhido um tema, uma tarefa, etc.;
- projetar-se no tempo e planejar as ações e aprendizagens necessárias à execução do projeto;
- assumir responsabilidade e distribuir tarefas;
- ser agentes de suas aprendizagens, produzindo alguma coisa que tenha sentido e utilidade.

O projeto descrito aqui demanda atividades complexas em torno de uma meta definida. A meta estabelecida pelos próprios alunos refletiu-se muito bem no tema proposto para os estudos da unidade em que estavam trabalhando: Visita à Destilaria Califórnia e os reflexos desta nos estudos de Geografia. Podemos perceber por detrás do título que o que se pretendia era conhecer melhor aspectos do meio e aliar os novos conhecimentos à vida e aos conhecimentos produzidos na escola.

Novamente, pautei-me em FREINET para identificar a necessidade de integrar a vida e a escola. Vale destacar outra vez que esta é a grande meta de FREINET: integração da vida à escola.

Assim, após as discussões sobre o tema montamos o projeto de visita à destilaria Califórnia. O projeto ficou assim estruturado:

Projeto de visita à Destilaria Califórnia	
da visita;	<ul style="list-style-type: none"> ■ Produzir uma carta para solicitação e comunicação
ônibus e da visita;	<ul style="list-style-type: none"> ■ Aguardar resposta à solicitação; ■ Saber quais os meios de locomoção, horário de
Destilaria;	<ul style="list-style-type: none"> ■ Fazer um roteiro de curiosidades; ■ Realizar a visita e fazer anotações; ■ Observar o trajeto de ida e volta da escola até a
assunto da visita;	<ul style="list-style-type: none"> ■ Quem não puder ir deverá realizar pesquisas sobre o
	<ul style="list-style-type: none"> ■ Após a visita realizaremos atividades como: <ul style="list-style-type: none"> - discussões orais - confecção de cartazes - painel de pintura - painel de Fotos - conferência - construção de maquete - exposição de textos de pesquisa - exposição dos trabalhos - produção de textos - leitura de livros de literatura brasileira. - confecção de jornal

Este projeto, elaborado com os alunos, foi copiado e posteriormente colocado na parede da sala como um cartaz. A cada momento em que íamos eliminando uma etapa, relíamos o projeto e assinalávamos o que já estava pronto.

Lembrando o trabalho interdisciplinar que se pretende implantar e que FREINET conseguiu contemplar tão bem com a aula-passeio, expusemos aos outros professores da escola o tema

emergente e fomos discutindo o que poderia estar sendo feito pelas outras disciplinas.

A professora de Língua Portuguesa ficou responsável em orientar os alunos na elaboração da carta à destilaria solicitando a visita; em trabalhar com a leitura de clássicos de nossa Literatura que focalizaria o cultivo da cana-de-açúcar e em produzir os textos resultantes das leituras e pesquisa.

À disciplina de História coube o resgate histórico da produção açucareira no Brasil e sua influência no país e no mundo, que envolveu posteriormente várias aulas em pesquisas, leituras e discussões.

Em Ciências seriam levantados os processos de produção do álcool, fermentação e poluição identificados na região.

Os cálculos com os gastos da viagem, com a quilometragem percorrida, o volume de álcool e a quantidade de açúcar produzidos, enfim todos os cálculos ficaram sob a responsabilidade da Matemática.

Nesse momento acredito ser necessário destacar que minha pesquisa pautou-se no trabalho com a disciplina de Geografia e que embora a responsabilidade da disciplina fosse de outro professor, como eu já vinha participando do projeto da Escola desde sua implantação, pude realizar os trabalhos sobre a pesquisa aqui relatada.

A Geografia preocupou-se inicialmente em viabilizar a aula-passeio de maneira a tornar mais ricos todos os estudos relativos ao tema realizados doravante como: as discussões sobre a paisagem, sobre a produção de combustível, sobre a cultura canavieira, sobre as relações humanas envolvidas no processo, sobre a ação do homem na natureza.

E assim estruturados para a realização da visita a professora de Português elaborou com a classe a carta solicitando a visita, como é possível observar na figura seguinte:

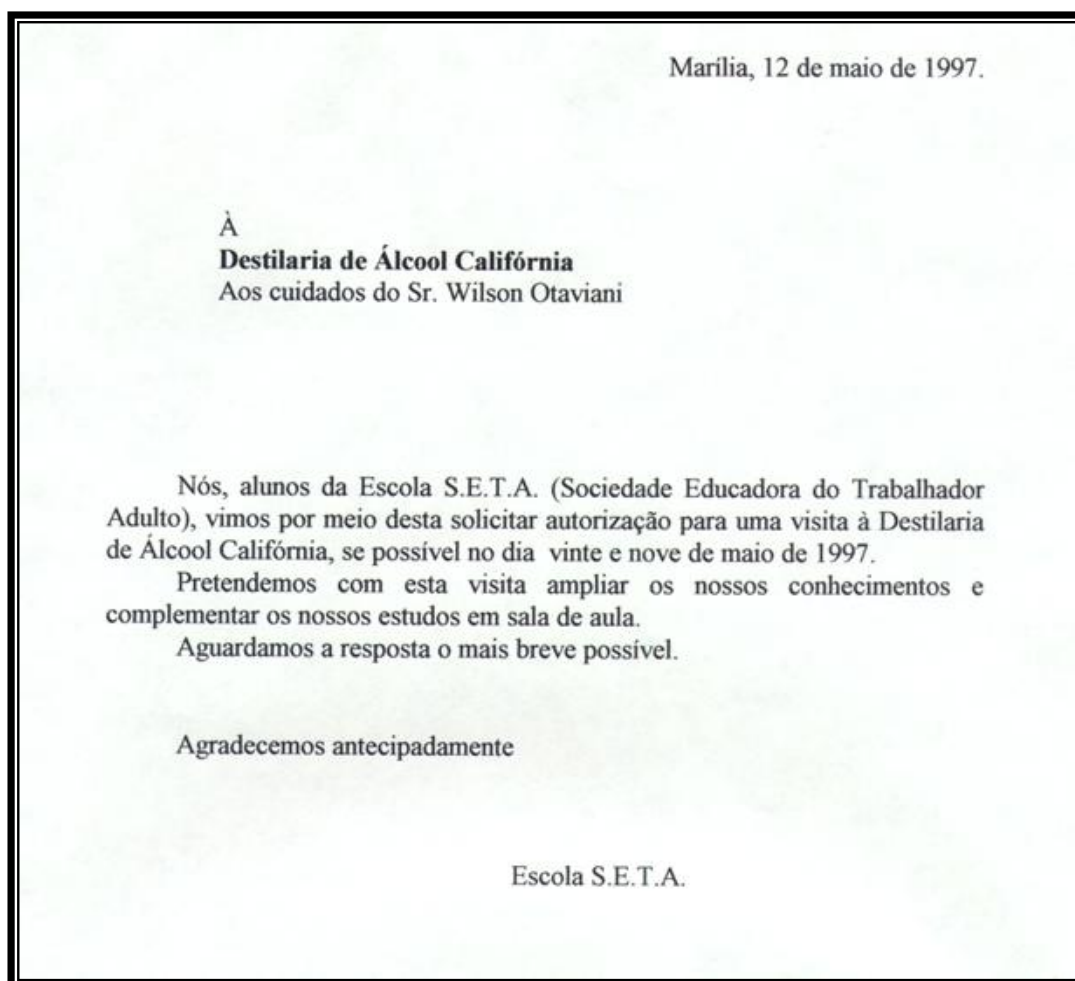


Figura 02

Aguardamos a resposta afirmativa e iniciamos os preparativos, dentre os quais se destacava a necessidade de providenciar o meio de transporte já que o objeto de nossa visita à destilaria situava-se em outro município.

Um dia antes da visita elaborei com os alunos um roteiro de questões que eles consideravam importantes para que pudéssemos recolher o maior número de informações:

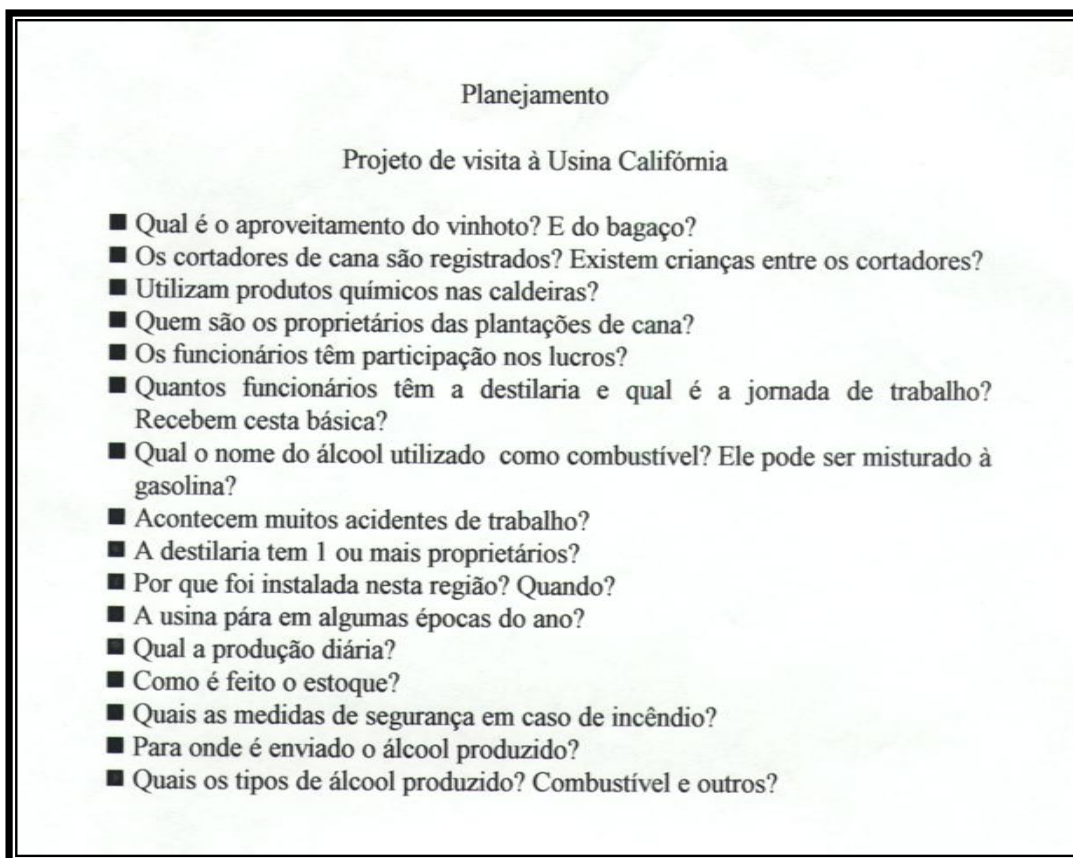


Figura 03

No dia 29 de maio de 1997 professores e alunos da escola SETA (Sociedade Educadora do Trabalhador Adulto) reuniram-se em frente ao prédio da escola por volta das 7:00 h e partiram (em dois ônibus alugados) em direção à Destilaria Califórnia próxima as cidades de Tupã e Parapuã.

Durante o trajeto de ida os alunos estavam bastante animados e aproveitei o entusiasmo para levantar questões sobre as paisagens.

— *Como vocês podem descrever os lugares por onde estamos passando?*

Muitas foram as respostas já que estavam todos muito falantes, e as respostas estavam sempre coerentes com a questão e com o que estavam vendo, sentindo. Ex.:

— *Aqui a paisagem é bem paisagem mesmo, não tem casas, não tem plantações...*

— *Ah! Mas é porque estamos numa região que tem vales, que é difícil de plantar, olhe mais prá frente que já dá prá ver os pastos . . . disse outro aluno.*

Fizeram então, muitas observações sobre as plantações, as casas no meio das árvores, as pastagens em locais mais íngremes como encostas dos vales.

À medida em que nos aproximávamos das cidades o número de casas aumentava e chamei a atenção dos alunos.

— *Como podemos chamar a paisagem onde percebemos construções, benfeitorias, plantações...?*

Dúvidas, discussões e um aluno arriscou:

— *Acho que é paisagem do homem...*

— *Não, acho que o certo é paisagem humanizada, não é professora?*

Antes mesmo que eu respondesse outros alunos argumentaram em favor desta resposta e já começaram a discutir as diferenças percebidas entre a paisagem humanizada e a paisagem natural vista momentos antes nos vales de difícil acesso.

Após alguns quilômetros questionei sobre quais os tipos de plantações que haviam visto e obtive como resposta:

— *Cultura de milho, pastos, laranja, feijão e café.* (característico da região)

Entretanto uma aluna destacou que já há algum tempo só estava vendo plantações de cana-de-açúcar. Todos os alunos se dedicaram a observar o trajeto por alguns quilômetros e a paisagem era uma só: cana-de-açúcar. Um aluno até então bastante silencioso questionou:

— *E se algum sitiante não quiser plantar cana? Ninguém respondeu, todos se limitaram a observar novamente a paisagem, absortos nos próprios pensamentos e na questão colocada.*

Quando estávamos a uns 10 Km da Destilaria avistamos uma fumaça escura que manchava o céu. Muitos alunos, indignados, já arriscaram dizer que era da Destilaria. Quando nos aproximamos mais puderam comprovar suas hipóteses, e teceram, antes mesmo de chegar, severas críticas sobre poluição.

Continuando a nos deparar com plantações de cana-de-açúcar e solo preparado para o seu plantio, chegamos à Destilaria por volta das 8:30 h:

Figura 04



Fomos recebidos por um engenheiro da Destilaria, encarregado de nos mostrar o funcionamento da mesma que, à primeira vista, causou grande impacto nos alunos, silenciando-os:

Figura 05



Os alunos foram divididos em duas turmas para melhor aproveitamento das explicações, uma vez que o barulho das máquinas era ensurdecedor. Assim, fomos acompanhando de perto as explicações e conhecendo os equipamentos e seus respectivos funcionamentos:

Figura 06



Uma preocupação constante dos alunos, girava em torno dos trabalhadores e suas condições de trabalho, jornada de trabalho e segurança. Muitas fotos foram tiradas pelos próprios alunos buscando focar o trabalho humano:

Figura 07



Durante as explicações os alunos acompanharam de perto a chegada da cana, pesagem, lavagem, moenda, sobras, enfim, todo o processo até que se obtenha o caldo-de-cana para a destilação:

Figura 08*Figura 09*

Após a extração do caldo-de-cana ele é armazenado em grandes tanques para que ocorra o processo de fermentação e destilação:

Figura 10



A Destilaria recentemente iniciou o processo de fabricação de açúcar, que também pôde ser observado pelos alunos, embora a produção seja modesta despertou grande interesse.

Figura 11*Figura 12*

Durante toda a visita, silenciosamente, os alunos indagavam com os olhos os prejuízos da fumaça que viam sair das

chaminés, até que se pôde conhecer de perto as caldeiras que utilizam como combustível o bagaço da cana depois de seco.

Figura 13



A energia conseguida nas caldeiras é utilizada para movimentar muitas máquinas e aquece a água que movimenta outras bem como é utilizada em muitas etapas do processo de obtenção do álcool.

Figura 14



Após conhecer a parte operacional da Destilaria os alunos foram levados a uma sala de reuniões para receberem maiores informações e formularem novas perguntas.

Nesse momento questionaram muito sobre os poluentes e foram informados de que a fumaça que viam, estava sendo filtrada e o que ia para a atmosfera era o mínimo possível; em relação à água, a mesma é reutilizada pela usina, não sendo desperdiçada ou lançada em rios, sofre processo de decantação, resfriamento e volta aos canos, outra parte é utilizada nas represas para a criação de peixes que abastece o refeitório da destilaria e restaurantes das cidades próximas. Para provar a reciclagem da água nos foi mostrado a água da torneira

do banheiro, que saía com cor esverdeada. A água para ser bebida na destilaria tem de ser comprada.

Outra questão melhor detalhada foi sobre o vinhoto, que é armazenado em grandes tanques no solo, espera-se a decantação e a evaporação, o que sobra é usado na fabricação de fertilizantes.

Mesmo após as explicações os alunos não se satisfizeram e registraram a fumaça para que pudessem na volta mostrar aos outros alunos e discutir a poluição causada pela mesma.

Figura 15



Figura 16



A viagem de volta foi mais silenciosa, porém o assunto principal era a destilaria. Muitos alunos vinham registrando nos cadernos o que lembravam da visita.

Como a visita realizada extrapolou o horário da aula, os alunos não podiam retornar à sala de aula, como fazia FREINET com sua turma, para que pudéssemos iniciar os trabalhos sobre a aula-passeio.

Na aula seguinte antes mesmo de entrarmos nas salas, ouvíamos os comentários sobre a visita, as impressões, as novas descobertas. Quando entrei e dei início ao resgate da visita o assunto nem precisou de introdução, pois já borbulhava nas conversas dos alunos.

Depois dos cumprimentos, o assunto sobre a visita logo se impôs e se instalou. Todos falavam ao mesmo tempo, queriam contar aos companheiros que não foram, explicar os processos de destilação, discutir a poluição...

Intervim e questionei se aquela seria a melhor maneira de retomarmos a visita.

Prontamente os alunos concordaram que seria mais interessante que nos organizássemos, falar um de cada vez e depois

iniciar as atividades previstas no projeto elaborado antes da visita e que estava afixado na parede da sala.

Destaco aqui a questão da ordem e da disciplina que FREINET enfoca em seus trabalhos:

“Na escola deve-se conservar ordem, disciplina, autoridade e dignidade, mas a ordem que resulta de uma melhor organização do trabalho, a disciplina que se torna solução natural de uma cooperação ativa no seio de nossa sociedade escolar” (FREINET, 1985, p.90)

Essa visão de disciplina implica a negação da cobrança do silêncio pelo silêncio e da falta de movimentação por parte dos alunos, pois o trabalho significativo envolve troca entre os sujeitos envolvidos na aula, no trabalho, como também movimentação natural inserida na construção e na produção individual e coletiva, caracterizando portanto uma disciplina dinâmica, pautada no interesse e na ação do aluno.

O papel do professor não será mais o de “vigilante cioso e severo” que está à procura apenas dos erros, mas será aquele que organizará, auxiliará e assegurará o desenvolvimento do trabalho dos alunos.

Nesse sentido coloca-se por terra o conceito tradicional de disciplina em sala de aula. Ela não pode mais ser entendida como algo a ser controlado pelo professor que vigia, pune e recompensa os alunos. Isso seria o modelo de uma sociedade autocrática, como nos coloca FREINET, mas, ao contrário, o que se deve buscar são intenções para uma sociedade verdadeiramente democrática.

Essa consciência de disciplina como responsabilidade de todos pela organização do grupo e dos trabalhos a se realizarem, foi um trabalho facilmente construído com os educandos adultos, dada sua posição frente à necessidade de acesso ao saber elaborado.

Além do mais, a responsabilidade que a vida adulta e familiar lhes impõe, configura-se em ponto positivo para aplicação dessa postura disciplinar.

Então, de posse da responsabilidade de organizarem a sala para melhor socialização das experiências pessoais e coletivas

sobre a visita, os alunos chegaram à conclusão de que deveriam dar início às atividades planejadas, partindo da colocação na lousa pela professora, dos pontos principais da visita, que foram sendo levantados pelos alunos. Depois copiaram em seus cadernos e acharam melhor já dar início às atividades elencadas no projeto.

Alguns alunos que não puderam participar da visita por motivos particulares expressaram a vontade de conhecer mais detalhadamente o assunto, assim ficaram responsáveis por pesquisas sobre o tema da visita. As pesquisas foram realizadas na própria escola, com material previamente selecionado para que pudessem melhor aproveitar o tempo. Textos anexos, p. 188 à 197.

Figura 17



Enquanto isso em outro espaço da mesma sala outro grupo de alunos iniciava um painel de pinturas sobre a visita.

Figura 18*Figura 19*

À princípio percebemos uma certa resistência em participarem todos juntos, num mesmo painel, ficava claro a

delimitação do espaço de cada um, entretanto fomos colhendo oralmente informações que poderiam ser utilizadas no painel, e salientávamos cada vez que a informação de um, completava a do outro e vice-versa de maneira a deixar claro que também no painel isso poderia ser feito.

Figura 20



Aos poucos eles foram se soltando e participando coletivamente do desenho, discutindo tudo até mesmo tonalidades e proporções.

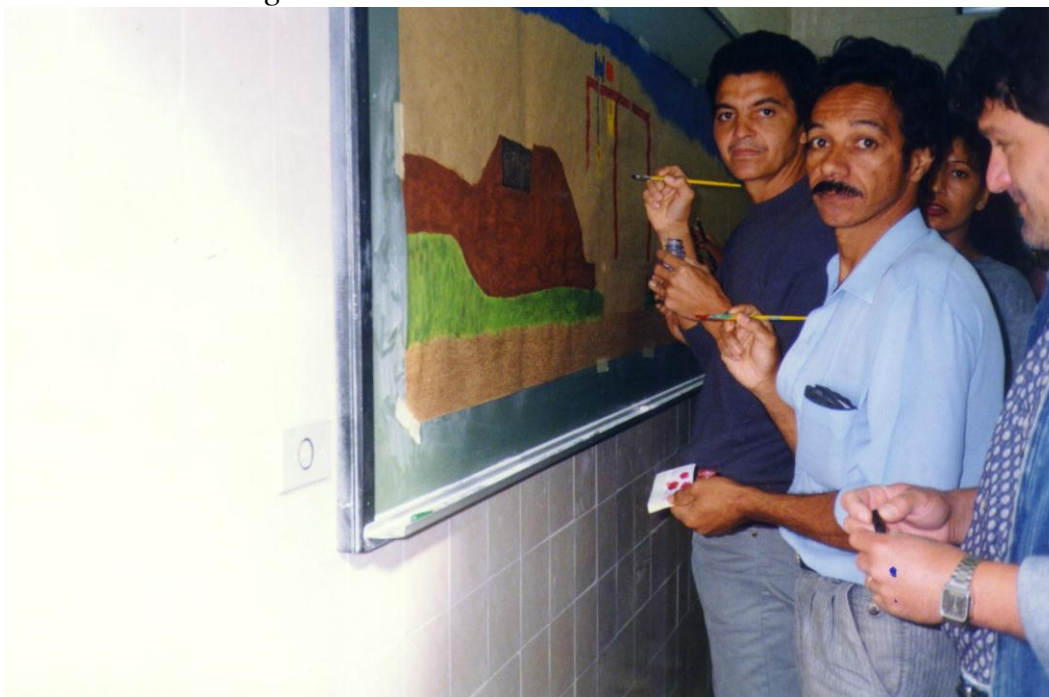
Figura 21*Figura 22*

Figura 23



Não elogiaram o resultado final, mas salientaram que procuraram destacar todos os detalhes e que era uma modesta representação da realidade. Nas palavras de uma aluna:

“ —A gente não é bom pintor, mas quem foi na visita se interessou e prestô atenção fica fácil entender, não é igual aquele negócio que os ricos chamam de abstrato, não!” sic.

Risos na sala.

Figura 24

Essa atividade ocupou todo o período da aula e ao final da mesma os alunos decidiram que a próxima aula seria destinada à montagem do painel de fotos, pois isso já iria dando uma noção melhor da visita àqueles que não participara da mesma.

A próxima aula foi reservada ao trabalho com o painel de fotos. As fotos utilizadas foram dos próprios alunos que as mandaram para revelar na semana anterior, uma vez que as aulas de Geografia se dão uma vez por semana.

Para iniciar o trabalho espalhamos as fotos e as analisamos, procurando identificar do que cada uma tratava e, sobre uma placa de isopor, elas foram sendo dispostas, organizadas e reorganizadas.

Figura 25



Depois de organizadas e afixadas em placas de isopor, os alunos ao observarem o resultado final do painel, consideraram que ele estava pouco compreensível para quem não tivesse participado da visita e já que, em discussões anteriores havíamos lembrado que os painéis, textos, cartazes, etc. deveriam considerar os leitores que haviam participado da visita e os que não participaram. Portanto seria necessário acrescentar um roteiro escrito.

Figura 26



(Figura 27)



Durante as discussões eu ficava sempre um pouco distante procurando observar e só interferir quando as discussões perdiam o curso da aula ou o consenso parecia distante.

Após acrescentarem as informações escritas consideraram que o painel estava “um pouco” melhor e quiseram o registro como o grupo

Figura 28



Etapa seguinte centrou-se mais no trabalho de um aluno que se ofereceu como voluntário para “contar” aos outros alunos que não foram à visita os tópicos principais do trabalho. A decisão de ser o palestrante ou o conferencista foi tomada pelo Sr. Odilon Valú quando partimos para a visita e discuti com os alunos (no ônibus) as estratégias que usaríamos depois para resgatar o trabalho. Entre as estratégias coloquei a necessidade de um aluno que fizesse anotações claras e precisas para depois expor aos colegas que não estavam participando da visita.

De imediato o Sr. Odilon manifestou o desejo de participar do trabalho como conferencista. Durante toda a visita observei-o de caderno em punho, fazendo anotações de cada detalhe. De volta à escola forneci material de pesquisa e o auxiliei na montagem de sua conferência.

Numa das aulas de Geografia marquei a 1ª conferência, que foi muito bem realizada pelo aluno, utilizando um texto de apoio:

Figura 29***Texto de apoio para Palestra***

Palestrante: Odilon Valú

Tema: Visita à Destilaria Califórnia

No dia 29 de maio de 1997 fomos visitar a Destilaria Califórnia que fica próxima a Osvaldo Cruz no Estado de São Paulo, mais ou menos 110 Km de Marília.

A destilaria não produz apenas álcool, mas também açúcar, porém a produção de açúcar é recente apenas um ano.

Durante a viagem fomos observando a paisagem, a região que por muito tempo cultivou o café, hoje é quase toda coberta por pastagem para criação de gado, fomos discutindo as mudanças que ocorreram na paisagem.

Depois que voltamos, na aulas seguintes os estudos giram em torno do que vimos, estamos desenvolvendo muitos trabalhos ligados à visita e que isso tem enriquecido nossos estudos, facilitado a compreensão de tal forma que se não fosse ter participado da visita ficaria difícil. Por exemplo posso dizer coisas que antes eu não sabia como:

O álcool só começou a ser produzido no Brasil depois de 1975 em resposta à crise dos preços do petróleo. Os usineiros, donos das usinas receberam muitos incentivos do governo para iniciarem a produção. Porém os preços do petróleo estabilizaram-se com a descoberta de novas jazidas e hoje para que os usineiros se mantenham recebem subsídios do governo, e quem paga é o contribuinte, inclusive quando consome gasolina, pois no preço da gasolina está embutido um imposto para subsidiar o álcool.

O álcool como combustível para automóveis comuns é chamado etanol, porém para os consumidores o nome fica álcool mesmo.

Para nós brasileiros os produtos derivados da cana-de-açúcar são comercializados desde o séc. XVI (16). O Brasil oferece todas as condições favoráveis ao plantio da cana.

Até o século XVII (17) a atividade canavieira foi a principal e atraiu grande volume de investimentos em terras, equipamentos e escravos.

Foi um ciclo econômico tão importante que muitos livros de nossa Literatura contam histórias daquela época e em situações que aparecem bem o engenho e a produção de açúcar. Em história estudamos muito isso. Até novela desta época nós temos.

Voltando a falar da usina, para quem nunca visitou uma destilaria a impressão não foi das melhores; em volta do setor de usinagem não tem asfalto, calçada ou coisa semelhante, enfim, é chão. Mas percorrendo toda a extensão da indústria acabamos achando muito interessante.

O engenheiro químico responsável pela produção, nos deu todas as informações necessárias com um conhecimento de 22 anos no setor.

No final do percurso ele expôs numa forma bem simples todo o processo da indústria na fabricação do Alcool e do açúcar, como este que coloquei no cartaz: (o aluno utilizou-se do cartaz afixado na lousa para ilustrar suas explicações)

Pudemos perceber com a visita a forma como o homem transforma a natureza para o seu benefício; muitas vezes ele destrói e prejudica o meio ambiente, outras ele só explora, mas nunca pensa em repor o que extrai. Lá na usina pudemos ver desde a poluição do ar, o aproveitamento de um produto natural: a cana-de-açúcar; a exploração da terra com um só produto, como vimos naqueles campos todos preparados para o plantio.

Enfim enriquecemos muito nosso conhecimento.

Toda a conferência foi filmada para ser retomada posteriormente quando novos trabalhos fossem iniciados. O aluno realizou sua palestra ou conferência em todas as outras salas e termos da escola.

Em seguida à primeira palestra, realizada com sua própria turma, abrimos espaço na aula para uma pequena discussão entre os alunos, lembrando alguns itens da visita, pois visava enriquecer o conteúdo a ser discutido pelo aluno, uma vez que o mesmo realizaria essa conferência aos outros alunos da escola.

Após as outras conferências, o Sr. Odilon recebeu muitos elogios, o que o deixou bastante satisfeito e falante, sempre sobre a destilaria.

As professoras das outras salas salientaram que após a conferência o envolvimento nos assuntos e trabalhos relacionados a visita ganharam nova intensidade. Outros alunos até manifestaram o desejo de também realizar uma conferência, o que assinala uma mudança muito grande de postura, já que se expor, mesmo em trabalhos diários na sala, é sempre bastante complicado.

Depois de assistirem a conferência, os alunos concordaram prontamente com minha sugestão sobre a produção de cartazes variados enfocando a visita.

A produção dos cartazes realizada junto com a professora de português, também orienta-se em JOLIBERT (1994, p. 72) que nos diz que:

“O que é interessante no cartaz é, em primeiro lugar, seu lugar e seu papel, ou papéis, em toda a teia de comunicações complexas que os projetos de classe permitem que seja estabelecida com o exterior”.

Trabalhando a produção de cartazes trabalhamos aprendizagens específicas como:

- função informativa e, em contraste, a função incitativa da linguagem;
- procurar ser o mais profundo possível, economizando os termos empregados (o lado da escrita telegráfica do cartaz);
- saber escolher as palavras com maiores conotações;
- ser capaz de hierarquizar informações.

Relembrados os aspectos fundamentais do passeio para a confecção dos cartazes os alunos se dividiram em grupos para trabalhar.

Figura 30



(Figura 31)



Figura 32



Figura 33



Os materiais foram fornecidos pela escola e o trabalho ficou livre, as poucas orientações estavam presentes nas discussões

prévias sobre o que deveria ser retratado, quais os pontos importantes da visita que deveriam ser vistos e lembrados.

Assim, os grupos decidiram que seriam feitos os seguintes cartazes:

- Desenhos sobre a matéria-prima (cana-de-açúcar) e o produto final (álcool e açúcar)
- Desenho sobre a Usina de álcool e os caminhões

Figuras 34



Figura 35



■ Um outro grupo achou conveniente expor os textos pesquisados sobre a produção de álcool e outros textos informativos sobre o mesmo tema.

Figura 36



Ao final do trabalho os cartazes foram expostos em uma das salas para serem visitados pelas outras classes.

Figura 37

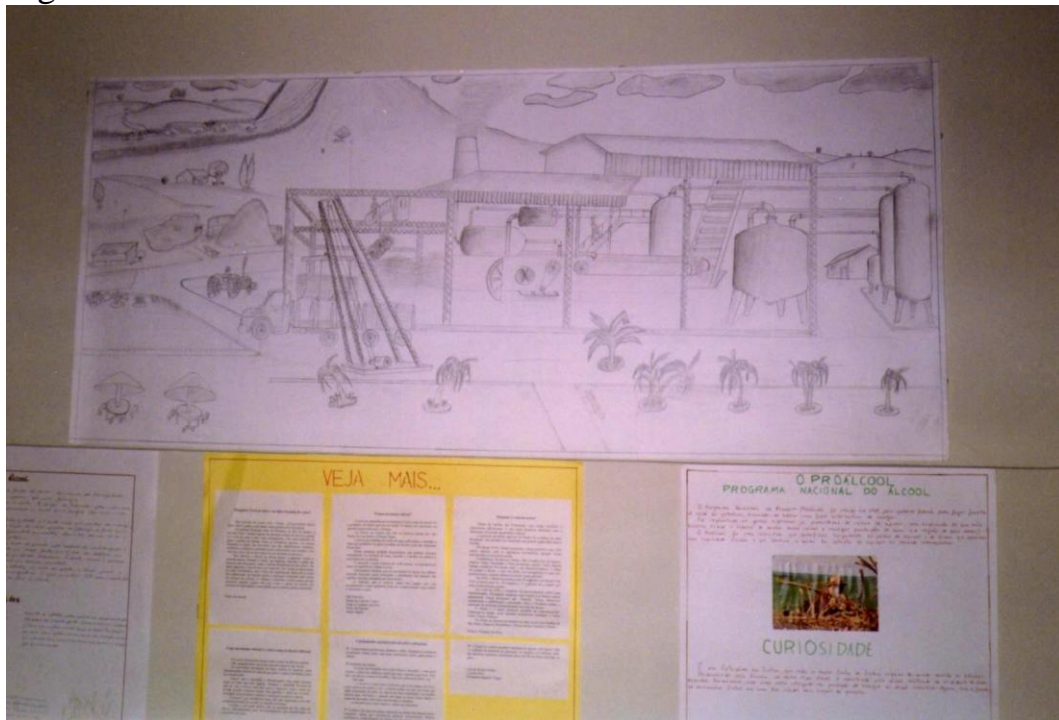


Figura 38

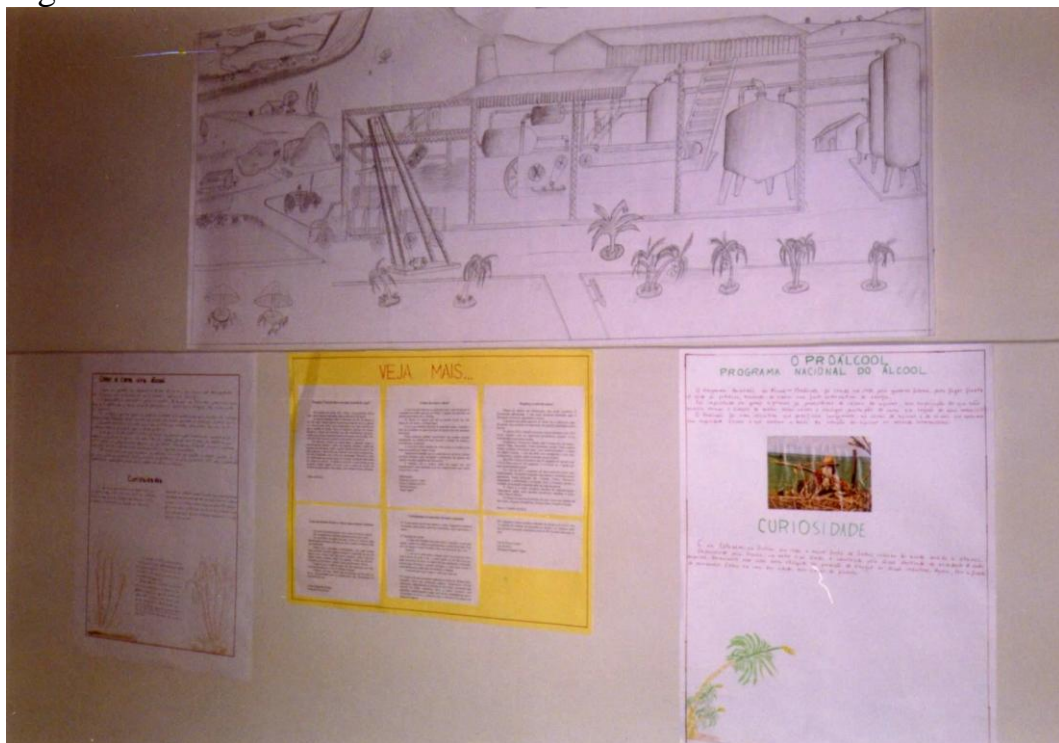


Figura 39



Um dos nossos alunos que não pôde comparecer à visita manifestou o desejo de elaborar e montar uma maquete, mas disse que precisaria de ajuda, já que ele não fora à destilaria. Muitos alunos se dispuseram a ajudá-lo fornecendo fotos, explicando detalhes e processos.

O passo seguinte foi colocar no papel os itens principais que deveriam constar na maquete:

- A matéria-prima;
- Caminhões transportando a matéria-prima;
- Tanques de destilaria;
- Tanques de armazenamento;
- Caldeira;

- Chaminé;
- Elemento humano.

Aliás, na opinião dos alunos o elemento humano deveria ser o principal, já que a destilaria em questão não funciona sem mão-de-obra humana, porém, representá-los em maquete estava se constituindo no elemento de maior dificuldade.

Sobre uma placa de isopor fizeram marcações, construíram com isopor e papelão o galpão das máquinas; os tanques também foram construídos com papelão e depois encapados com sulfite para terem maior firmeza; a guarita na entrada da usina foi confeccionada com caixinhas e depois colorida com guache; o chão recebeu sobre o papel, uma fina camada de areia; a matéria-prima foi representada pelas folhas da própria cana trazida por um aluno, bem como os bagaços, conseguidos num vendedor de caldo de cana; os caminhões foram “roubados” do filho do construtor da maquete.

Mas o problema da representação humana continuava. Alguém apareceu com miniaturas de super-heróis que ficariam de pé mas que, definitivamente, não representariam o trabalhador da usina. Um comentário registrado demonstra a idéia de trabalhador que construíram:

“— Eles só são super-heróis se você levar em consideração como conseguem sobreviver com um emprego tão difícil, mas se você for ver como são tratados, acho que não são nem considerados cidadãos”. (sic.)

Com esse problema para resolver os alunos foram embora insatisfeitos...

Na aula seguinte o aluno que não fora à visita e que estava se responsabilizando por edificar a maquete apareceu com a solução: trouxe figuras encontradas em revistas e jornais que retratavam trabalhadores no corte da cana. Imediatamente a idéia foi aceita e as figuras foram colocadas como pano de fundo na maquete (Figura 40).



O resultado final foi muito elogiado pelos próprios alunos e apresentado às outras classes como produto de um trabalho de orientação dos alunos que participaram da visita à destilaria a outro aluno que não tivera a oportunidade de participar dessa aula-passeio. Discutiram também, a importância das pesquisas e dos outros trabalhos feitos com atenção e responsabilidade.

Na intenção de contribuir com nosso trabalho pautado nas técnicas de FREINET, também a professora de Matemática buscou partir da vida, dos fatos concretos da visita e também da livre expressão, da representação das idéias.

A pesquisa referente aos cálculos que resultaram da aula-passeio possibilitou aos alunos a percepção de que eles podem descobrir e construir a Matemática em sua vida cotidiana e o que mais os surpreendeu é que estas descobertas podem ser autônomas, sem a “instrução” direta do professor.

A professora de Matemática orientou os alunos que neste trabalho deveriam considerar o evento em questão: a visita à Destilaria Califórnia e que fossem colocando no papel todos os dados que eles consideravam “matemáticos”.

A princípio os trabalhos iniciaram-se individuais, mas depois transformaram-se em pesquisa oral coletiva. Muitos foram os dados levantados e identificados como ligados à Matemática.

A próxima orientação foi para que transformassem os dados levantados em situações-problemas. Essa atividade ocupou três aulas de Matemática, mas rendeu problemas e exercícios para todo o semestre. Os exercícios foram desde representações de distância e peso, seus múltiplos e submúltiplos, até a elaboração de problemas envolvendo equação do 1º Grau.

A professora de Ciências, em suas aulas também resgatou os temas que lhe eram mais adequados e pôde partir do assunto da visita para dar início a muitos outros assuntos pré-determinados para o semestre em questão, enriquecendo os conteúdos com os conhecimentos adquiridos durante e após a aula-passeio.

Outro trabalho realizado foi a elaboração do “jornal escolar” tendo como eixo principal o tema da aula-passeio. Esta técnica também foi muito utilizada por FREINET em sua prática pedagógica, buscando sempre trazer a vida para a sala de aula e aliá-la à construção do saber.

É preciso salientar nesta etapa o auxílio da professora de Língua Portuguesa que, baseada no livro: O jornal na sala de aula, de Maria Alice Faria (1992), encaminhou a confecção da Primeira Página do jornal da sala.

No encaminhar do trabalho o primeiro passo foi orientar as discussões sobre a visita à destilaria lembrando dos vários aspectos que podiam ser enfocados:

- econômico
- político
- social
- histórico
- geográfico

As discussões foram calorosas, evidenciando as várias opiniões dos alunos. Dessas discussões levantei a hipótese de fazermos reportagens sobre os diferentes pontos de vista e posteriormente publicá-las. Essa idéia agradou muito aos alunos e marquei para a próxima aula o início da confecção do jornal (marquei para a próxima aula porque o tempo de uma aula apenas de Geografia é muito pouco e nesta aula as discussões foram bastante extensas).

No intervalo de tempo entre uma aula e outra, os alunos já foram pensando nos trabalhos que poderiam realizar, figuras e fotos que poderiam colocar no jornal e algumas curiosidades.

A aula destinada à confecção do jornal propriamente dito começou com muita discussão já que muitas idéias sobre textos estavam em disputa.

A professora de Língua Portuguesa conversou com os alunos sobre um trabalho futuro, em que todos os textos em discussão seriam escritos e, neste momento os textos deveriam ter um caráter mais jornalístico.

Estabelecidos os parâmetros da situação ficou decidido, então, que seria elaborada apenas a primeira página e que os textos com as várias opiniões seriam o corpo do jornal, publicado posteriormente.

Outra discussão girou em torno do nome do jornal que ao final ficou: Informativo Rural. Uma aluna forneceu a foto que ocupou a posição principal enfocando a visita à Usina.

Em seleção na própria sala, foram eleitos os textos da Primeira Página com críticas, curiosidades, relatos, tabelas e informações.

Cada aluno ficou responsável por um trabalho: colagem, diagramação, escrita dos textos, correção, legendas, etc. E assim a Primeira página ficou pronta na forma de um cartaz, que foi exposta junto com os outros trabalhos.

A cada final de semestre a escola, juntamente com seus professores, promove a Semana S.E.T.A - que é uma semana de arte e cultura, onde procuramos reunir os trabalhos produzidos durante o semestre e expô-los para todas as salas, nas paredes do salão onde se realiza o evento. Também são convidadas pessoas para ministrarem palestras sobre temas diversos como: saúde, política, direitos, saneamento básico, astrologia, depoimentos pessoais, orientação psicológica e sexual.

Ainda são realizadas oficinas de pintura, de poemas e de teatro.

Ao final do 1º semestre de 1997 na realização da Semana S.E.T.A foram expostos todos os trabalhos sobre a visita à Destilaria Califórnia, para satisfação dos alunos participantes. Também apresentamos o vídeo realizado sobre a visita, com a conferência realizada pelo aluno e os trabalhos sendo realizados.

O trabalho neste momento ainda não estava concluído, pois faltavam os textos opinativos e a conclusão do jornal, trabalhos

estes que foram incluídos no planejamento do semestre seguinte como forma de dar continuidade ao trabalho.

Já no segundo semestre retomei com o auxílio dos alunos os aspectos principais da visita, revimos o vídeo e demos início ao trabalho de montagem do jornal, já que no semestre anterior havíamos montado apenas a Primeira Página.

Para montar o corpo do jornal, os textos selecionados pelos alunos, foram antes trabalhados como outro momento da retomada da aula-passeio, na perspectiva do texto livre, da “livre expressão” como destaca FREINET, e que será enfocada mais adiante, a partir do depoimento de uma ex-trabalhadora dos canaviais.

Novamente nos pautamos em JOLIBERT (1994) para realizarmos a etapa da reescrita dos textos produzidos. A reescrita pode ser descrita como um processo utilizado na escola, em que os textos retornam para os alunos para que leiam e percebam inicialmente os erros mais aparentes. Por meio de fichas com informações referentes a normas gramaticais os próprios alunos, sob orientação do professor, podem analisar lingüisticamente seus textos e identificar problemas, buscar soluções e reescrevê-los.

Depois dos textos já produzidos e realizado o trabalho de reescrita, optou-se por selecionar quais textos iriam para o jornal, já que não seria viável colocar os 25 textos. O processo de seleção foi simples: cada aluno lia seu próprio texto para a classe e ao final das leituras escolheram os que acharam mais interessantes e coerentes com a proposta da aula-passeio. Os textos encontram-se nos anexos (p. 198 à 213)

De posse dos textos e da Primeira Página já elaborada, nos reunimos para discutir como poderíamos confeccionar o jornal: material de impressão, tipo de impressão, formato do jornal, diagramação.

A primeira sugestão foi a de que deveríamos datilografar, recortar os textos e, depois montar sobre outra folha e xerocar. Dado o trabalho previsto com esta técnica a mesma foi reservada, até que se conseguisse outra alternativa. De fato muitas outras surgiram, mas não agradavam a maioria dos alunos. Logo alguém colocou:

“— E o computador? Não dá prá fazer nele? Um amigo meu que mexe com computadores disse que tem um programa para jornal que os textos já saem em colunas como no jornal.”

Confirmei a existência do programa e logo percebi o interesse da turma aumentar para que usássemos o computador, assim pudemos definir neste momento, que o jornal teria o formato de uma folha de sulfite, seria impresso então pela impressora do computador e poderíamos fazer as cópias necessárias para cada aluno.

Os custos também foram discutidos e calculados, feita uma previsão orçamentária que seria encaminhada à direção da escola.

O primeiro passo foi tomar contato com o computador. Se em sua época FREINET utiliza a impressora como um recurso moderno, representante da tecnologia do momento, para trabalhar com seus alunos, hoje utilizamos outro recurso tecnológico: o computador. Cada época tem uma tecnologia que lhe é própria.

Diante do computador realizamos, eu e uma estagiária, uma demonstração rápida de ligar, desligar, procurar um programa, digitar, apagar, operar com o mouse. Cada aluno arriscou-se um pouco diante do teclado e do olhar atento dos companheiros. Todo o período da aula foi utilizado nas descobertas com o computador.

Um comentário nos chamou a atenção:

“— Eu ouvia falarem tanto nesse negócio de computador que achava que era coisa do outro mundo, agora tô vendo que até eu, lerda como eu sô, posso aprender mexê nele. Isso é demais gente!”

Muitos risos entre a turma que também se identificava naquelas palavras.

Infelizmente o pouco tempo disponível para a confecção do jornal, dado o compromisso de outras disciplinas e do currículo mínimo obrigatório que respeitamos, não foi possível proporcionar a aprendizagem necessária para que os próprios alunos pudessem manusear o computador, mas isso não os impediu de acompanhar de perto a digitação, a diagramação, a montagem e a impressão, como editores atentos e preocupados com a qualidade e o futuro das impressões.

A inclusão das fotos e figuras no jornal não foi possível de ser realizada no computador da escola, então foi por mim concretizada em outro computador e trazida de volta à escola para apreciação e aprovação dos alunos.

O jornal pronto passou pela revisão de todos os alunos e ao final de mais esta etapa foi impresso. Cada aluno recebeu uma

cópia que vi serem guardadas com todo cuidado, para que, depois a família pudesse observar o resultado final.

Figura 41

INFORMATIVO RURAL

Jornal Mensal - Marília, (SP), Agosto de 1997 n.º 1 R\$ 1,00

Responsáveis: Alunos do Termo IX e Termo X

Escola SETA - Sociedade Educadora do Trabalhador Adulto

"Açúcar e Alcool no Brasil"

O Brasil é o maior produtor mundial de açúcar e de álcool. Dos 13 milhões de hectares de plantações no mundo, 4,5 milhões estão em território nacional. Representam cerca de 8% da área cultivada do País.

Inês Marinho

"Alcool e Gasolina"

Com menor, ou maior intensidade, mistura-se álcool à gasolina no país desde o início da Século. Extraído da cana-de-açúcar, cultura farta no Nordeste já nos tempos coloniais, o álcool foi testado como combustível na década de 20, sempre como alternativa energética, nunca como preocupação ambiental.

Neide L. Castro

MECANIZAÇÃO

O trabalho do bóia-fria é comparado ao trabalho escravo do séc. XVII e agora poderá ser substituído pela mecanização.

Rosa A. F. Silva

Visita à Destilaria Califórnia

No dia 29 de maio às 7:50 hs saímos de Marília para visitar a Destilaria de Alcool Califórnia (DACAL).

Fomos de ônibus da empresa Santo Antônio e chegamos às 9:30 hs da manhã.

Fomos bem recebidos pelo gerente industrial Sr. Olair.

Atenciosamente ele explicou todo o processo de fabricação da indústria. Apesar de ser

uma empresa moderna, tem muito barulho e faltam alguns equipamentos de segurança para o uso dos funcionários.

Achamos interessante o descarregamento para os cilindros, a descoloração do caldo que vai transformar-se em açúcar e também o resfriamento da água que será reaproveitada.

Apesar de ter só sessenta e cinco funcionários na fábrica, ela produz 2000

sacos de açúcar de 50 kg e 200 litros de álcool pronto para o consumo por dia.

Ao terminar a visita fomos ao refeitório, eles serviram um cafezinho e biscoitos. Depois da refeição o Sr. Olair teve a gentileza de fazer um gráfico e explicou em detalhes o funcionamento da usina. Saímos de lá às 12:30 hs e chegamos às 14:30 hs.

Termo IX



Alunos da Escola S.E.T.A. foram conhecer no último dia 29 de maio a Destilaria Califórnia.



QUEM É ESSE HOMEM SOFRIDO?

Assim serão os trabalhadores após a mecanização da lavoura canavieira.

PROÁLCOOL

O Programa Nacional do Alcool, Proálcool foi criado em 1975.

Curiosidades: A rota da Cana



Fonte: Revista de Economia Rural, out. / dez. 1981.

VOCÊ SABIA?

Que no período colonial os escravos eram os responsáveis pelo cultivo e corte da cana-de-açúcar para a produção de açúcar que depois era exportado e todo lucro ficava com os senhores de engenho.

ATIVIDADES SUBSTITUÍDAS PELA LAVOURA CANAVIEIRA EM ALGUMAS ÁREAS DO ESTADO DE SÃO PAULO A 1988

Atividade substituída	Baixa Média	Centro	Ribeirão Preto
Policultura	71,30%	61,50%	63,94%
Produtos da Agricultura de exportação	8,76%	21,22%	13,07%
Produtos agrícolas utilizados diretamente no mercado interno	19,94%	18,27%	22,23%

Pesquisa: A cana-de-açúcar

Planta da família das Gramíneas, cujo nome científico é *Saccharum officinarum*. O seu caule presta-se sobretudo para a fabricação de açúcar, aguardente e álcool.

A primeira atividade agrícola do Brasil foi a cultura de cana-de-açúcar, cujo produto era exportado em grande quantidade para a Europa.

No século XVII o Brasil tornou-se o maior produtor

e em 1554 tomou impulso com as capitanias hereditárias, quando foram introduzidas as primeiras mudas.

Pernambuco, Recôncavo Baiano, São Vicente, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Maranhão e Pará produziam açúcar. Essas regiões tinham condições favoráveis para o seu desenvolvimento, o clima era quente e úmido, o solo era fértil, rios navegáveis, e com isso, proporcionou o grande desenvolvimento desse produto.

Em 1560, o Brasil já contava com 50 engenhos de açúcar e em 1630 já havia mais de 150 engenhos. O Nordeste era a região que mais comercializava açúcar.

Por volta de 1930 o complexo da agro-industrial sofreu uma transformação, foi quando surgiram importantes e modernas usinas açucareiras (cujas prin-

cipais são: Catende,

Tiúma, Bar-

reiros) au-

mentando e

melhorando

a produção.

Hoje o

Nordeste

perdeu a

condição de

principal in-

dustrializador da

cana-de-

açúcar.

O Brasil é o maior produ-

tor mundial de cana-de-

açúcar. Destacam-se

ainda, como grandes produ-

tores mundiais a Índia,

Cuba, China e México.

No Brasil as maiores produ-

ções de cana ocorre nos

estados de São Paulo,

Alagoas, Pernambuco,

Minas Gerais, Paraíba e

Paraná.

Rosa A. Fulaneto da Silva

“A primeira atividade agrícola do Brasil foi a cultura de cana-de-açúcar, cujo produto era exportado em grande quantidade para a Europa.”

Curiosidades

1ª- A cana matava as árvores, arrastava o índio, afugentava e destruía os animais: outras, tatus, capivaras, tamanduás, onças, gatos-mato, e outros.

2ª- O cultivo da cana-de-açúcar expandiu-se muito nos últimos anos, ocupando terras que produziam gêneros alimentícios. Muitos municípios, especialmente no Estado de São Paulo, reduziram suas culturas de feijão, mandioca, arroz e outros alimentos para plantarem exclusivamente a cana. Isso trouxe conseqüências para a alimentação do povo e contribuiu para a elevação dos preços dos alimentos básicos.

3ª- O Brasil é o maior produtor mundial de açúcar e de álcool. Dos 13 milhões de hectares de plantação no mundo, 4,5 milhões estão em território nacional, representa cerca de 8% da área cultivada no país.

Ama de S. Gomes
Luís da Silva
Floreana S. Vargas

OS RECORDES DE 1996

276 Milhões de Toneladas de cana moída

12,7 Milhões de Toneladas de açúcar produzido

4,53 Bilhões de Litros de álcool anidro destilado

5,7 Milões de Toneladas ou US 1,4 Bilhão de açúcar exportado

US 12,5 Bilhões foi o faturamento do setor

50% de média setorial de endividamento (calculado sobre o faturamento)

Fonte: Associação da Indústria do Açúcar e do Alcool.

Mecanização na colheita de cana-de-açúcar

O caos na agricultura

Sabemos que a mecanização vem para evoluir e transformar a agricultura de cana num tremendo caos.

Muitas famílias hoje já pensam, o que será deles, daqui a 2 anos, quando estiver estabelecido a

tabelecido a mecanização.

Analisamos esse ponto de vista e sabemos que tem mais de 20 mil lavradores que trabalham nas lavouras de cana-de-açúcar nessa região do Estado, que será mecanizada brevemente, que é a região de Ourinhos.

“ com essa evolução e com mais 20 mil lavradores desempregados daqui a 2 anos, nossas regiões vão se transformar num campo de fome e miséria. “

Hoje já não tem trabalho para todo o povo do Estado, com essa evolução e com mais 20 mil lavradores de-

Como é feita a colheita da cana-de-açúcar

Hoje a colheita da cana-de-açúcar é feita pela mão-de-obra dos trabalhadores bóia-fria e também pelos clandestinos que vem de fora.

No século XVII negros e escravos arrancavam do massapê fértil a cana e os alimentos na lavoura ou fora dela, era a carga mais pesada de trabalho que cabia a eles.

O dia de trabalho durava do raiar ao pôr do sol e vigiados pelo feitor os escravos cuidavam do canavial.

Durante a colheita cada es-



sempregados daqui a 2 anos, nossas regiões vão se transformar num campo de fome e miséria.

Para que não aconteça, isso esperamos por uma reação magnífica do nosso Governo.

Ana S. Gomes

O que causa a População

É uma prática comum o uso de queimada do canavial para a retirada das folhas a fim de aumentar o rendimento do corte da cana e para a fertilização da terra. Mas essa queimada também é muito prejudicial à saúde da população das cidades vizinhas por causa da concentração de ozônio. Os municípios e usinas acataram esse alerta e afastaram as queimadas da cidade. O professor titular de medicina afirma, que na época de queimada aumenta muito as doenças como, as do aparelho respiratório, que são: asma e broncopneumonia, etc...



Maria Ap. da Mata

MECANIZAÇÃO CHEGA AO CANAVIAL

Trabalho Mecânico ou Manual?

A cada início de safra aumenta o número de colhedoras de cana, que são vistas por lado com tanques de guerra destruidoras de empregos e por outro lado como um grande avanço tecnológico que significa o fim da escravidão dos cortadores de cana.

Acredita-se que com a globalização é indispensável o uso da mecanização

Emprego e Mecanização

No Brasil, uma grande parte da sociedade defende a não mecanização no corte da cana-de-açúcar, tendo como argumento que um resultante desse processo é o desemprego. Muitos afirmam até que é melhor ser explorado do que ser um desempregado.

Não podemos esquecer que, com o avanço comercial, industrial e tecnológico em todo o mundo, é importante que o Brasil participe dessa evolução.

Ao contrário do que muitos pensam, a mecanização no corte da cana-de-açúcar, faz com que as usinas possam competir, aumentando a sua produtividade e melhorando a qualidade, gerando empregos em outros setores da sociedade.

Portanto a mecanização da lavoura é imprescindível para que todos possam ingressar numa sociedade moderna e competitiva. O problema é que precisamos fazer uma reforma fiscal urgente para se adequar à nova realidade, fazendo com que esse lucro seja melhor distribuído.

Júlio C. Mazzola

no campo. A introdução das colhedoras de cana é sem dúvida sinônimo de desenvolvimento, pois o uso das máquinas dispensa a queima da cana o que ajuda no controle da poluição do meio ambiente.

Essa afirmação é importante porque o trabalho significa o ganha pão e a dignidade destes cidadãos, além disso sabe-se que as leis trabalhistas nem sempre são aplicadas e muitos menores são sacrificados pelo trabalho no campo tirando-lhes a oportunidade de estudar e em muitos casos são frustrados até o atendimento à saúde. Essa situação pode ser solucionada com o emprego das colhedoras.

Portanto com a modernização na colheita de cana, vai aumentar a produtividade e aliviar o sofrimento destes que usam a força do braço para executar suas

tarefas.

Entretanto, o corte manual da cana apesar de ser penoso, oferece emprego a milhares de pessoas desprotegidas do país, que não tem nenhuma qualificação profissional, evitando o êxodo rural. É preciso lembrar ainda que com toda essa mudança vai surgir uma grande quantidade de mão-de-obra disponível destes trabalhadores que uma vez desocupados podem se tornar marginais na tentativa de sobrevivência.

Vê-se bem pelo que precede, que as máquinas são importantes, mas o ser humano é a fonte de vida e precisa ser tratado com respeito e dignidade.

Odilon A. Való

“Portanto com a modernização na colheita de cana, vai aumentar a produtividade e aliviar o sofrimento dos bóias-frias”

Máquina toma lugar do cortador de cana

Desde há quase 500 anos que a cana-de-açúcar chegou ao Brasil, trazida pelos colonizadores, ela foi e continua sendo explorada na produção de açúcar e álcool, antes pelos escravos e atualmente pelos bóias-frias. Este sistema era usado pelos donos de engenhos, para conseguir um produto com mão-de-obra a baixo custo, pouco importava de que maneira conseguiam este produto, pois visava somente o lucro.

Com a globalização, continuam os sofrimentos dos cortadores de cana, porque com a tecnologia cada vez mais avançada a máquina está tomando o lugar dos cortadores de cana, e além disso tirando o emprego de vários pais de família e provocando o êxodo rural.

E com estes trabalhadores desempregados os mesmos não têm estudos suficientemente para vir morar na cidade e conseguir empregos, eles vão ficar sofrendo cada vez mais. Portanto, a sociedade precisaria estar preparada para acolher estes trabalhadores e pensar na saúde e criação de escolas para garantir a competitividade dos mesmos.

Iraci A. Primo

EMPREGO E MECANIZAÇÃO

A mecanização pode tirar emprego, mas também pode gerar trabalho mais digno.

Muitas pessoas pensam que a mecanização vai tirar o emprego dos cortadores de cana, e que é preciso garantir o trabalho dos mesmos.

Há quem diz que esta garantia significa trabalho e dignidade ao cidadão, e que o corte manual da cana auxilia no controle do êxodo rural, outros ainda dizem que as colhedoras tiram o emprego de milhares de trabalhadores pois de família, e que o mercado de trabalho não oferece condições para acolher estes trabalhadores que são dispensados.

Portanto é preciso haver um controle desta mecanização para que não elimine o emprego dos cortadores de cana. Mas é preciso ressaltar que cortar cana é um trabalho muito desgastante e sofrido, e que as colhedoras são econômicas e produtivas e representa tecnologia moderna para sobreviver entre a globalização.

O atraso tecnológico e a colheita manual não garante emprego, mas sim o fim dele por causa do processo de globalização.

Portanto é preciso educar e investir na área da saúde para que os trabalhadores estejam preparados para exercer novas funções de trabalho disponíveis no mercado.

João J. Costa

BÓIA FRIA X MÁQUINAS

Desde o advento da chegada da cana de açúcar ao Brasil, este tipo de cultura é explorado com mão-de-obra desqualificada, no começo pelos escravos e atualmente pelos mal pagos bóia-frias e suas famílias.

Apesar dessa exploração de mão de-obra ser considerada por muitos como brutal, pois somente usa a força dos trabalhadores e não sua inteligência, há ainda, aqueles que alegam que somente assim, com esse método arcaico de produção, é que irão garantir o emprego desses trabalhadores rurais no campo, e também barrar o êxodo rural.

Pois pensando desta maneira, é que esses elementos, achando que a introdução tecnológica moderna no setor canavieiro irá trazer um verdadeiro caos

entre os milhares de cortadores de cana, pois os mesmos iriam ser substituídos por possantes colhedoras, pois as mesmas têm a capacidade de substituir dezenas de cortadores.

No entanto, apesar desses argumentos terem fundamento, é imprudente e quase suicídio continuar pensando e agindo dessa maneira, pois com o corte manual da cana, os seus subprodutos serão produzidos a um custo elevado, que jamais poderão competir com aqueles produzidos com a moderna tecnologia.

E foi assim que Fidel Castro há mais de trinta anos deve ter pensado, implantando em seu país, de regime comunista, a tecnologia capitalista. Iniciou-se desta maneira em Cuba o trabalho mecanizado no canavial,

através das colhedoras batizadas de "Libertadora".

É dentro desse raciocínio que o Brasil deve agir, pois do contrário a falsa garantia de emprego, tão propalada por uns, será o desastre total, pois temos o exemplo dos produtores falidos do Nordeste, que não garantiram empregos de ninguém além de grandes prejuízos aos seus Estados e a União. E, finalizando, dentro da globalização reinante, o que se vende é o bom e barato, somente conseguido com tecnologia e inteligência, não com força bruta.

José P. Costa

Modernização e Desemprego

Com a globalização e com a tecnologia avançada que existe hoje no país, muitos trabalhadores braçais vêm sofrendo as consequências desse avanço, como é o caso dos cortadores de cana, que trabalham duro nessa atividade e vêm sofrendo muito com o desemprego, pois, com a mecanização do corte de cana, vão deixar muitas famílias desempregadas. Entende-se que os usineiros precisam acompanhar a modernização, para que possam compe-

tir no mercado. Do contrário, as usinas podem fechar e gerar mais desempregos.

A classe trabalhadora, como os cortadores de cana, que são pessoas simples e de pouco estudo, já não são bem aceitos no mercado de trabalho. E se não houver uma expansão desse mercado de trabalho, para gerar mais empregos, a situação vai piorar cada vez mais.

É bom lembrar que os cortadores de cana dependem desse trabalho.

Pois na maioria das vezes não tem outra opção. É no corte de cana que tiram seu sustento, e de sua família.

Concluindo, é certo que a modernização está aí, e que já faz parte da vida de todo ser humano, mas, por outro lado, é preciso lembrar que todos os trabalhadores precisam de emprego. Sem emprego não há dinheiro e sem dinheiro não há sobrevivência.

Helanice A. Oliveira

PARABÊNS aos alunos do termo X por mais uma conquista: a "conclusão do primeiro grau"

A técnica da produção do texto livre tornou-se uma das técnicas mais populares da pedagogia de FREINET e marca uma reviravolta na pedagogia da época, pois é o primeiro momento em que concede créditos e confiança à produção dos alunos.

As produções de textos livres surgiram com a técnica da aula-passeio: quando regressavam e, entusiasmadas, as crianças relatavam os acontecimentos do passeio, FREINET ia escrevendo no quadro o resumo do que tinha acontecido; depois as crianças copiavam o texto e o ilustravam. A atmosfera da aula foi se modificando e a cada dia o interesse em escrever sozinhas o texto sobre o passeio apaixonava as crianças que logo assumiram a tarefa.

As características essenciais do texto livre são: espontaneidade, vida, criação, uma ligação íntima e permanente com o meio, a expressão profunda da criança e do jovem. Para que se atinja essas características é preciso que sinta vontade de escrever. Não podemos esperar que o desejo de manifestar-se pela escrita nasça do nada, apenas porque tem liberdade, mas é necessário que exista uma necessidade para satisfazer, que a criança perceba que seu texto, sua produção é importante, tem um significado. *“Não basta, por conseguinte, dar à criança liberdade para escrever, é preciso inspirar-lhe o desejo de o fazer, despertar-lhe a necessidade de se exprimir”* (FREINET, 1973).

Baseada nesta citação trabalhei a produção de texto a partir de leituras e discussões sobre o tema o qual estávamos trabalhando. Para isso foram destinadas duas etapas da aula: uma para as leituras e discussões com a presença de um trabalhador característico do corte da cana, e outra para retomada das idéias principais e produção de texto. Este trabalho foi realizado junto com a professora de Português que ficou responsável por conduzir o questionamento e as discussões, enquanto eu procurava documentar essas etapas do trabalho.

O primeiro dia de trabalho, iniciou-se pela leitura individual de dois textos previamente escolhidos pelo professor: *“Mecanização é igual a emprego”* Arnaldo Adans Ribeiro Pinto (Jornal da cana, maio, 1997) e *“Bye bye canavial em tempo de mecanização”* Luiz Felipe de Alencastro, Revista Veja, 16 de julho de 1997.

Figura 42

08 OPINIÃO **Jornal Carta** Maio de 1997

Mecanização é igual a emprego

Máquina no campo significa trabalho, dignidade do cidadão e controle do êxodo rural

Amaldio Adalms Ribeiro Pinto

A cada safra que se inicia aumenta o desfile das colhedoras de cana. Como vedetes de um show, elas recebem da imprensa todas as atenções e holofotes, como se essas soluções da engenharia mecânica fossem tanques de guerra para a eliminação de empregos.

Neste momento, surgem os defensores daqueles empregos que julgam ser tão valiosos e nobres, mas na verdade essas pessoas não se deram ao luxo de acompanhar a vida de um bóia-fria. Motivos para sua defesa existem e muitos: o trabalho, a dignidade do cidadão e o controle do êxodo rural são alguns deles.

Mas a comunista Cuba descobriu, há mais de 30 anos, que certas tarefas manuais devem evoluir, e não persistiram em soluções menos inteligentes. Atualmente, 65% dos canaviais de Cuba são cortados por máquinas. Seu primeiro modelo de colhedora chamava-se "Libertadora", pois apresentava o dom do "podão".

Hoje, estamos assistindo no Brasil um crescimento de cerca de 20% ao ano no parque de colhedoras de cana, taxa que deverá se manter estável nos próximos anos. Trata-se da implementação dos "tanques de guerra" não contra empregos, muito pelo contrário, pela guerra da sobrevivência. Assim como os computadores nas tarefas administrativas, as colhedoras de cana são mais econômicas, produtivas e

representam uma grande ferramenta para a viabilidade dos produtos de cana do Brasil e do mundo. Uma empresa, em qualquer lugar do mundo atual, tem necessidade de que investidor em tecnologias modernas se quiser sobreviver à globalização.

Nos dias de hoje, cada usina ou destilaria que é desativada, fato que tem ocorrido com frequência, leva, junto inúmeros empregos, os "bóias-frias" e trabalhadores da indústria expressiva de vagas das centenas de fornecedores de máquinas, insumos e serviços espalhados pelo Brasil, que com a carona do Proálcool, cresceram e estabeleceram níveis de competitividade internacional. Isto significa que a

manutenção do atraso tecnológico e da colheita manual pode, ao contrário de garantir empregos, significar o fim dos mesmos

manutenção do atraso tecnológico e da colheita manual pode, ao contrário de garantir empregos, significar o fim dos mesmos.

A globalização da economia é fato consumado. O Brasil não pode entrar nesta competição com seu complexo de inferioridade, mantendo discursos e pessoas mais interessadas na eleição de amarrã ocdo.

É preciso levantar a bandeira, sim! Mas a verde e amarela, a do orgulho e capacidade dos brasileiros em enfrentar a concorrência de forma inteligente e competitiva. Não vamos pensar que ao azitar os "empregos" dos cortadores de cana de Pernambuco, que não podem exceder o corte de 3 toneladas de cana por dia, estaremos contribuindo com seu futuro e o da indústria açucareira local. Qual a lógica "social" de imaginar que o neto deste "bóia-fria" estará cortando cana no futuro?

Esta força, energia e vontade de seus defensores tem que estar voltada à criação de escolas e saúde, formação básica para a competitividade.

A sociedade precisa oferecer novos empregos que usem mais a cabeça e menos o braço, e que irão valorizar o Brasil, principalmente o setor sucroalcooleiro.

Amaldio Adalms Ribeiro Pinto, é superintendente da Santal Equipamentos S.A. de Ribeirão Preto-SP



Bye bye canavial em tempo de mecanização

Luiz Felipe de Alencastro Ensaio

Pior do que ser explorado pelo capitalismo é não ser explorado pelo capitalismo

Esta época do ano, corta-se cana-de-açúcar no Brasil. É assim há quase 500 anos, desde que a cana entrou aqui, trazida das ilhas do Atlântico, junto com os engenhos e os escravos africanos. Tudo veio importado: a planta, a tecnologia, os técnicos, os proprietários e os trabalhadores. De fora veio também o sistema que tocava as coisas para a frente: a escravidão. Existe essa triste sina por cima dos canaviais.

Da Idade Média até a contemporaneidade, o açúcar sempre foi extraído na base da coerção e do duro trabalho dos homens, das famílias, das crianças. Um vocabulário sinistro, desqualificador, serviu, e serve ainda, para designar os cortadores de cana: "fôlego vivo", "enxada", "braço". No sul dos Estados Unidos, no Caribe, na América do Sul, na África, na Ásia, em toda parte onde crescem canaviais, tem sido a mesma coisa. No ano passado, um seminário reuniu especialistas internacionais na Ilha da Madeira, um dos focos de irradiação da cultura canavieira no Atlântico quinhentista, para estudar as conexões entre as diferentes formas de trabalho compulsório e o açúcar.

Além de todo o dano já feito nos campos e na vida dos homens do campo, a cana causa estragos nos cidadãos que residem perto das zonas de plantação. Estudos realizados pelas universidades paulistas mostram que as internações hospitalares provocadas por doenças respiratórias aumentam fortemente em Ribeirão Preto, Campinas, São José dos Campos nos meses de junho e julho, época da queimada dos canaviais.

No entanto, de uns anos para cá, vêm ocorrendo mudanças decisivas. Depois de

muitos ensaios técnicos fracassados, apareceram máquinas colheitadeiras que dispensam o uso das foices e dos facões. Por ricochete, cada colheitadeira desemprega, no mínimo, 35 cortadores de cana. Não há dados precisos sobre o número de colheitadeiras nos canaviais brasileiros. Mas as previsões dos sindicatos indicam que, a médio prazo, no interior do Estado de São Paulo, o maior pólo produtor de açúcar e de álcool do país, entre 80 000 e 120 000 trabalhadores rurais perderão o emprego por causa da mecanização do corte de cana.

Cedo ou tarde o mesmo processo se estenderá às outras zonas canavieiras, deixando desempregados milhares de indivíduos que compõem os trabalhadores menos qualificados e mais desprotegidos do país. Parte dessa gente migrará para as cidades ou para as novas fronteiras agrícolas. Muitos podem ficar definitivamente sem emprego, confrontados com o problema de civilização mais cruel deste final de milênio. Problema cujo enunciado, tirante as abstrações econométricas, é o seguinte: pior do que ser explorado pelo capitalismo é não ser explorado pelo capitalismo. Nessa altura, a nação deverá lembrar-se dos usineiros. Sucessores de bens e propriedades penduradas há 500 anos nas tetas estatais e sempre prontos a anunciar a própria falência se as subvenções oficiais cessarem, os donos dos canaviais poderão pagar alguma taxa para a qualificação profissional dos cortadores de cana.

Como se vê, as colheitadeiras resolvem uns problemas aqui e criam outros lá adiante. Mas não deve haver dúvidas sobre o sentido das mudanças que elas anunciam. Quaisquer que sejam as dificuldades futuras, a mecanização da colheita de cana-de-açúcar reduz o uso do trabalho bruto, a mão-de-obra infantil, a exploração nos grandes canaviais. Séculos de desperdício da força e da inteligência humana irão sumindo do meio da cana junto com as foices e os facões. Que o diabo os carregue.



Após a leitura silenciosa os textos foram lidos novamente, agora oralmente, pelos alunos que paravam sempre diante de alguma idéia nova para discuti-la. Depois das discussões a Sra. Vitalina (ex-cortadora de cana) foi convidada pela professora a dar o

seu depoimento de como era sua vida enquanto trabalhadora nas lavouras de cana.

O diálogo iniciou-se tímido, mas aos poucos os alunos foram se soltando, assim como a visitante e a conversa fluiu mais tranqüila.

Figura 43



Muitas perguntas foram formuladas pelos alunos e a todas elas D. Vitalina ia respondendo como sabia, como podia. Um clima diferente instalou-se na classe, um sentimento de identificação das dificuldades enfrentadas pelos bóia-frias.

Inicialmente levantamos a questão da procedência dos textos:

Prof.: — *Será que esses textos são imparciais ou se dirigem a um público específico?*

Aluno 1: — *Esse da Veja é prá mais gente ler, então acho que é mais imparcial, ele fala mostrando coisas boas e coisas ruins da mecanização. O outro não é tão conhecido assim e só fala coisas boas da mecanização.*

Prof.: — *Então vocês acham que eles são tendenciosos? Defendem mais uma idéia do que outra?*

Aluno 2: — *Esse outro do Jornal da Cana acho que é bem mais do que o da Veja.*

Prof.: — *Então vamos nos lembrar do que já discutimos: devemos desconfiar de um texto, procurar ler nas “entrelinhas” buscar a intenção do autor. E do que falam esses textos?*

Aluno 1: — *Fala da cana-de-açúcar...*

Prof.: — *Sim, mas fala o quê da cana-de-açúcar?*

Aluno 3: — *Fala da tecnologia avançando nos campos de cana-de-açúcar... Pausa. — Falam também da globalização...*

Prof.: — *Isso! Falam da tecnologia chegando aos campos, aos canaviais. A questão da globalização e da tecnologia, da evolução da ciência da computadorização e da robotização das máquinas não acontece só nas indústrias como estão notando no local de trabalho de vocês, há outros setores da economia que passa pela mesma problemática: mecanização ou não da indústria e da agropecuária.*

E sobre os títulos dos textos? Eles tem algo a ver com texto? Por exemplo: Bye Bye canavial em tempo de mecanização... é sugestivo esse título? Por que usa Bye Bye?

Aluno 3: — *Bye Bye quer dizer adeus, então adeus canavial com a mecanização, com as máquinas que vão cortar a cana, a mecanização vai tomar conta do trabalho dos bóia-frias.*

Prof.: — *Isso... e o outro texto: Mecanização é igual a emprego. Será?*

Aluno1: — *Acho que não, acho que eles vão embora prá cidades...*

Prof.: — *E como se chama esse movimento de saída das pessoas do campo para a cidade?*

Aluno 3: — *Êxodo rural.*

Prof.: — *Muito bem! Então como podemos falar do objetivo principal dos dois textos?*

Aluno 2: — *Acho é que tá nos colocando a questão da globalização e da mecanização da lavoura e é fácil perceber que eles são a favor da mecanização...*

Prof.: — *Muito bem! Eles realmente argumentam em favor da mecanização, discutem a questão do corte da cana, os prós e os contras da mecanização, os prós e os contras de uma usina, de um combustível alternativo, enfim, relaciona-se como assunto da visita que realizamos à destilaria Califórnia.*

Quando eles enfatizam as máquinas no campo isso significa trabalho ou desemprego? Dignidade do cidadão ou aceleração do êxodo rural?

Aluno 4: — *Bom, os textos falam bem das máquinas eu acho, principalmente quando ele fala que quem é contra deveria se colocar no lugar de um bóia-fria, nunca sentiu na pele as dificuldades de um cortador de cana.*

Prof.: — *Exatamente, e é exatamente sobre isso que a Sra. Vitalina irá nos falar depois. Também percebemos pelos textos outras idéias, quais são?*

Aluno 3: — *Falou também de Cuba que já há mais de 30 anos consideram que certas tarefas manuais precisam evoluir, hoje 95% dos canaviais de cuba são cortados por máquinas. E o que eu achei mais interessante foi o nome da primeira colhedeira: Libertadora.*

Aluno 1: — *É sim, fala que elas tinham “o dom do podão” então libertava o trabalhador desse serviço, deve ser por isso que tem o nome de Libertadora.*

Prof.: — *Acredito que você tenha acertado aluno 1.*

Aluno 4: — *De primeiro eu achava que Cuba era ruim...*

Prof.: — *Vocês lembram-se dos depoimentos que nossas amigas professoras da escola que foram à Cuba nos deram? Lá o índice de analfabetismo é zero, a situação econômica é mais favorável que a nossa, a distribuição de renda é mais favorável à vida das pessoas... diferentemente do Brasil, lembram-se do texto do autor Clóvis Rossi que falava sobre “apartheid comprovado” em que dizia que o Brasil fica em último lugar no campeonato da justiça social., lembram-se do gráfico que o texto trazia?*

A professora vai até a lousa e reproduz o gráfico do texto passado, visando uma recordação do assunto focado, retomando também o conceito de renda per capita, a situação

miserável de milhares de brasileiros, a grande injustiça de distribuição de renda, que provoca o apartheid social.

Prof.: — *Então vemos que socialmente Cuba é completamente diferente do Brasil, não tem essa separação social gritante como no Brasil; lá quando se raciona luz, quando bairros ficam na penumbra, as pessoas ficam felizes, pois sabem que mais uma pessoa está sendo atendida pelo sistema de saúde, e aqui? Quanta diferença né, gente? Bom, então vimos que Cuba, há 30 anos atrás, viu uma forma inteligente de tirar as pessoas do canavial, que era visto como um dos trabalhos mais sacrificantes ...*

Aluno 6: — *Só que pelo texto aqui, eles tinham emprego para ir quando tiraram eles do canavial, pelo que entendi. Agora aqui é bem diferente, professora, lembra dos nossos colegas que foram mandados embora no último “facão”? Quase ninguém arrumou emprego registrado, a maioria tá trabalhando de servente de pedreiro. O Orico mesmo... da nossa classe, foi mandado embora e tá dando uma de pedreiro, acho que nem vai continuar estudando...*

Prof.: — *Já mandamos recado e até carta para que ele volte e possa se formar, já que nossa formatura será no final do ano.*

Aluno 8: — *É professora, mas o pior a senhora ainda não sabe, tem mais duas linhas paradas e já tão falando em reunião, logo depois das reunião tem sempre facão e gente que é mandado embora, e o duro é quando manda a gente que já tá velho e ninguém quer mais dá emprego, vamos tudo virá servente de pedreiro.*

Aluno 1: — *Sabe eu não gosto nem de pensar nisso, às vezes eles garantem que ninguém vais ser mandado embora e logo depois lá vai gente prá rua, me dá até pavor.*

Murmúrio pela sala.

Prof.: — *Diretamente ligada a essa questão do desemprego e subempregos que tanto nos preocupam, podemos relacionar a questão, novamente, da utilização das colhedeiças de cana no Brasil, que é uma questão de modernização frente ao processo de globalização que está se infiltrando em todos os setores das sociedades. Agora que vocês já leram o texto, acham que o Brasil tem infra-estrutura para adotar as colhedeiças?*

Aluno 8: — *O Brasil, não tem, não! As indústrias não garante emprego nem prá quem já tá empregado, quanto mais prá quem vai ficá desempregado.*

Toda a classe concordou.

Prof.: — *Mas como vocês podem discutir o outro trecho do texto que diz que:*

“a manutenção do atraso tecnológico e da colheita manual pode, ao contrário de garantir o emprego, significar o fim dos mesmos.”

Silêncio na sala.

Prof.: — *Segundo o texto, se não houver modernização, daqui a pouco indústrias internacionais estarão exportando álcool para o Brasil; é preciso que nosso país seja competitivo, então é preciso modernizar e deixar os preços também mais competitivos. Mas como fica a questão social? Hoje nós defendemos o trabalho do bóia-fria, mas o próprio texto diz: qual a lógica de imaginar o neto desse trabalhador cortando cana no futuro? Nada vai mudar? Os netos desses trabalhadores não poderão ter um futuro melhor?*

Aluno 10: — *É... ele defende a mecanização mas eu não sei como ficaria com os empregados de hoje.*

Aluno 8: — *Eu também fico preocupado com os cortadores de cana, mas a gente já viu em história e nesse outro texto que é assim a quase 500 anos... Acho que tem que ter progresso, sim! Naquela época tinha escravidão, mas hoje a vida do cortador de cana não é muito diferente não! Isso tem que mudar.*

Aluno 7: — *Bom, nessa parte que fala do trabalho difícil, que tá no outro texto, dá prá concordar; olha só como se refere aos trabalhadores: “fôlego vivo, enxada, braço”. É tão triste isso...*

Aluno 1: — *Mas ele fala que 120 mil trabalhadores, vão perder o emprego, que cada colheideira desemprega 35 bóia-fria! Isso também é triste.*

Prof.: — *Vamos reler o trecho que fala do capitalismo?*

“Pior do que ser explorado pelo capitalismo é não ser explorado por ele”.

Reflexões pela sala.

Aluno 9: — *Acho que aí diz que já que a gente vive no capitalismo, é melhor ter um emprego que explora a gente do que não ter emprego nenhum.*

Aluno 10: — *Mas é um serviço muito bruto, que precisa ser modificado, concordo quando ele fala no finzinho: “que o diabo os carregue”, quem sabe os homens lá de cima, os grandão não dão um jeito das coisas começarem a melhorar?*

Aluno 2: — *Mas você sonha mesmo! Acha que alguém lá de cima vai se preocupar com o pobre?*

Aluno 10: — *Não sei, mas acho que seria bom!*

Aluno 3: — *Acho difícil dar uma opinião se deve ou não ter colhedeiros, se tem coisas boas de um lado, tem coisas ruins do outro!*

Prof.: — *Bom, o objetivo de trazer esses textos para que vocês os leiam é justamente de fazê-los refletir... pesar os prós e os contras de um assunto, enfim tentar pensar melhor sobre as situações.*

Prá ajudar a gente a pensar melhor nós teremos ainda o depoimento de Dona Vitalina, que já foi uma trabalhadora no corte da cana, e em seguida leremos um trecho do livro Açúcar Amargo. Já viram ou sentiram o sabor de um açúcar amargo? Por que será que o livro tem esse título?

Vamos ver a introdução; que são as palavras de um bóia-fria que o autor aproveitou e colocou em seu livro:

“O açúcar é doce pros donos dos canaviais.

Prá nós ele é azedo e amargo que nem dá gosto”.

Porque ele é amargo? Açúcar é amargo?

Aluno 3: — *Não, açúcar é doce, mas aí ele é amargo porque é conseguido com muito trabalho do cortador. O doce que ela fala aí é o dinheiro que vem pros donos das usinas.*

Prof.: — *Isso mesmo! Agora vamos ouvir então D. Vitalina que nos contará um pouco sobre sua vida quando era cortadora de cana.*

D. Vitalina: — *Boa tarde!*

Prof.: — *A senhora pode ficar à vontade, contar sobre seu trabalho, de onde a senhora veio e nós iremos fazendo perguntas também!*

D. Vitalina: — *Bom, eu trabalhei bastante tempo na cana, antes eu fui servente de pedreiro, agora eu sou doméstica, que é bem melhor do que trabalhar na cana.*

Prof.: — *E como era trabalhar na cana?*

D. Vitalina: — *Bom, a gente tem que levantar às 4:00 h da manhã, fazia o almoço, saía de casa às 5:00 h prá pegar o caminhão, ultimamente tinha ônibus, que é mais seguro. A gente gastava 2 horas de viagem, porque saía de Marília e ia lá prá Nova América, que fica perto de Assis, de Lutécia. Saía daqui 5 ônibus. E de tarde saía de lá às 5 horas da tarde e chegava aqui no ponto em Marília às 7 horas da noite. Na hora de ir até que o motorista tinha mais pressa, mas na volta vinha mais devagar. Tinha que levar a marmitta e a água. Quando era tempo de queimada não tinha nem uma sombra, então a gente comia no sol quente mesmo. Agora quando era prá cuidar da cana que ainda tava verde a gente tinha um pouquinho de sombra. O mais difícil mesmo é na época do corte da cana.*

Aluno 3: — *E quando alguém tinha uma diarréia, por exemplo? Risos pela sala.*

D. Vitalina: — *Ah! Tinha que se virar por lá mesmo, banheiro não tinha não! Prá lavar as mãos tinha um tambor com água e só!*

Aluno 2: — *Trabalhavam crianças, menores como a gente ouve falar na televisão?*

D. Vitalina: — *Lá só pegava de 14 anos prá cima, a minha filha mesmo tinha 14 anos e trabalhava comigo.*

Aluno 8: — *Vocês ganhavam por empreita ou por dia?*

D. Vitalina: *Era muito difícil trabalhar por empreita, era quase sempre por dia; e tinha sempre uma metragem mínima prá cortar que dependia do tipo da cana, que eles chamava de compasso.*

Aluno 8: — *E o que era compasso?*

D. Vitalina: — *É um negócio de madeira que mede dois metros e eles vão medindo prá pagar e prá ver quem dava conta do serviço. Dependia muito do chefe também, às vezes pegava um*

muito chato que exigia muito compasso e a gente quase se matava prá dar conta.

Aluno 5: — *E como era o corte?*

D. Vitalina: — *Dava dois cortes, um embaixo e outro em cima, no olho da cana, na ponta, depois a gente amontoava pró caminhão pegar.*

Aluno 6: — *E acidentes aconteciam? Como socorria?*

D. Vitalina: — *De vez em quando alguém se cortava, mas tinha ambulância por perto e logo eles levava o doente. Mas o duro não era só os acidentes mas também outras coisas, por exemplo, eu no final já não agüentava mais cortar cana porque minhas mãos foram gastando as juntas, doía muito e inchava.*

Murmúrios na sala.

Aluno 10: — *E bicho, tinha bicho, cobras?*

D. Vitalina: — *Antes das queimadas tinha sim, até escorpião, mas depois das queimada morria tudo. A queimada era duro, aquele carvão todo no ar, na gente, mas depois era melhor prá cortar ela, era mais limpo, as folhas sem queima corta tudo a gente, e com o fogo os bichos acabavam, né?*

Aluno 9: — *A senhora achava o serviço difícil?*

D. Vitalina: — *Olha, a gente acaba acostumando porque precisa do serviço, do dinheiro, e só parei porque não agüentava mais a dor da mão, porque o salário era melhor do que o de doméstica.*

Aluno 1: — *E quando chove, esconde onde?*

D. Vitalina: — *Não esconde não! Continua trabalhando.*

Murmúrios pela sala.

Aluno 3: — *E tinha brigas?*

D. Vitalina: — *Bom, de vez em quando, saía um arranca-rabo, mas não era muito sério não. Mas ali tinha gente de todo lugar e toda espécie, né, então... Tinha até gente de São Paulo, tudo drogado mesmo, que não conseguia emprego em São Paulo e vinha prá lavoura.*

Aluno 3: — *Então é verdade essas coisas que a gente vê no noticiário, que têm drogas até no corte de cana?*

D. Vitalina: — *É sim! Eu mesmo vi eles fumando muitas vezes e o duro é que os moço, as moça daqui são meio bobos e cai na deles, começam a fumar também.*

Aluno 1: — *D. Vitalina a gente ouviu falar dum tal de “gato”, quem é ele?*

D. Vitalina: — *Gato é como um feitor, ele que toma conta do serviço que a gente pega, ele que leva a gente; os patrão nem se preocupa, o “gato” organiza tudo. Ele ganha sem pegar no pesado.*

Prof.: — *E a senhora considerava o seu serviço pesado?*

D. Vitalina: — *Depende do costume da pessoa, mas tem que ter força, quer dizer, nem tanto força, mas tem que ter prática prá ser rápido com o facão, fazer o monte, pegar com o facão, com aquela voltinha que tem na ponta e limpar e limpar o olho da cana, porquê a máquina vem pegando e não pode pegar o olho da cana; tem que cortar a cana bem baixinha. No começo quando eu não tinha prática achei que não ia dar conta, mas depois fui pegando experiência.*

Aluno 9: — *Quando corta e deixa baixinho, fica um toquinho né? Esse toquinho brota?*

D. Vitalina: — *Brota sim! Brota e dá outra produção, acho que ela agüenta 3 anos, depois precisa de muda nova.*

Prof.: — *A senhora nos disse que já trabalhou em vários outros tipos de empregos, então o que acha melhor, o corte da cana ou outros serviços?*

D. Vitalina: — *Se for ver o dinheiro, até que é melhor, na época da safra, a cana, mas o tipo de serviço é muito castigado, muito sofrido, acaba com a gente. Veja minhas mãos, nunca mais vai ser igual.*

A entrevistada mostra as mãos deformadas e a classe comove-se.

Aluno 4: — *Então a senhora é a favor ou contra as máquinas para cortar e colher a cana?*

D. Vitalina: — *Acho que sou contra, porque tira o emprego de muita gente; o serviço é ruim mas sem o serviço é muito mais ruim, vai ter muito pai de família passando fome.*

Prof.: — *E a classe, o que acha das colhedei- ras?*

Aluno 3: — *Tem seu lado bom e seu lado ruim, por exemplo, de um lado é bom mas por outro cria muito desemprego; o lado bom é tira o homem do trabalho duro ele tem que aplicar menos força no trabalho, menos pessoas trabalhando. É mesmo uma faca de duas pontas; de um lado menos esforços, do outro o desemprego.*

Aluno 6: — *É! Em Cuba foi diferente, eles implantaram as colhedei- ras mas criaram condições de sobrevivência, criaram outros empregos, agora aqui no Brasil a realidade é bem outra, é tudo uma rouba- lheira danada. Acho que aqui não vai dar certo não!*

Prof.: — *Mas então, qual seria a melhor solução para acabarmos com o serviço tão pesado como o do cortador de cana?*

Silêncio na sala.

Aluno 2: — *Sabe, eu não sei bem o que é pior... “fazê” um serviço tão ruim ou “ficá” desempregado...*

Aluno 8: — *Alguma coisa tem que mudar, isso eu sei! Bem agora eu sei, porque antes eu achava que não tinha jeito nenhum, mas agora estudando a gente vai conhecendo outras coisas... como o caso de Cuba, então acho que o jeito é pensar mais, pensar melhor, ter boa vontade por parte dos políticos e eu acredito que alguma coisa poderia ser feita.*

D. Vitalina: — *Bom o que eu sei disso tudo é que a vida de bóia-fria é muito difícil, muito sofrida e a gente não tem prá quem pedir socorro... nem registro a gente tem!*

Silêncio na sala.

Aluno 10: — *E quanto a senhora ganhava, ou quanto que o pessoal tira em média?*

D. Vitalina: — *Bom a gente hoje ganha por tonelada, cada tonelada é R\$ 1,80 então, se o sujeito colher mais o menos 6 toneladas por dia dá mais ou menos R\$ 9,00 por dia. É um trabalho difícil e hoje não dá nem prá ganhar mais que uma doméstica.*

Aluno 10: — *Já teve época bem melhor né?*

Muitos alunos concordaram; as perguntas cessaram.

Prof.: — Bem, então gostaríamos de agradecer a D. Vitalina pela presença, pelo depoimento e pelo enriquecimento aos nossos conhecimentos.

Aluno 6: — Nós também em nome dos alunos, agradecemos a presença da senhora.

D. Vitalina:— Eu é que tô agradecida de poder contar um pouco da minha história, mesmo que seja da parte mais difícil que é o trabalho, mas hoje em dia o mundo tá de um jeito que as pessoas não têm mais tempo prá conversar com ninguém né? Bom, até logo prá vocês.

Figura 44



Após a despedida de D. Vitalina os alunos saíram para dez minutos de intervalo e enquanto a professora preparava as folhas que seriam distribuídas aos alunos, ouvia-se na cozinha ao lado, considerações sobre o depoimento de D. Vitalina. Embora estivessem em momento de descanso o assunto continuava a girar em torno dos acontecimentos da aula, confirmando as apreciações de FREINET que nos relata sobre o entusiasmo que atinge os alunos quando se trabalha com conteúdos pertinentes, com significado, que faz parte da vida deles.

De volta à sala, os alunos receberam folhas para que pudessem produzir os textos. A professora orientou que os textos poderiam ser produzidos naquele momento, na sala de aula, ou posteriormente se julgassem mais conveniente. O texto deveria focar aspectos que eles achassem importante sobre o relato de D. Vitalina e deveria ainda, seguir algumas normas de gramática, lembrando que no momento estavam trabalhando a estrutura dos textos argumentativos, esperava-se que os textos a serem produzidos seguissem o mesmo molde.

Nesta orientação ressaltou o cuidado de seguir as orientações de FREINET quanto ao estímulo à produção do texto, mas com liberdade para que o aluno escolhesse o momento oportuno, sem atrapalhar a dinâmica da aula; também há o respeito ao *plano anual* que foca conteúdos obrigatórios a serem trabalhados durante o ano.

A maioria dos alunos iniciou, então, sua produção, uma aluna pediu licença para sentar-se do lado de fora da sala, próxima ao muro, pois estava muito calor, outros dois decidiram fazer seus textos em casa. Os alunos que optaram por produzir seus textos depois, foram orientados a trabalhar com o material de pesquisa disponível na sala de aula.

Instalou-se uma atmosfera tranqüila de trabalho na sala, com todos os alunos absorvidos em sua tarefa que se estendeu até o final da aula. Alguns terminaram e outros disseram que terminariam em casa e depois entregariam. Como de fato fizeram logo na aula seguinte.

Infelizmente não foi possível realizar o trabalho com a leitura dos clássicos da Literatura Brasileira enfocando o período canavieiro devido às barreiras naturais de leitura extra-classe e a outros trabalhos de Língua Portuguesa.

Capítulo IV

A ATUALIDADE DE FREINET

A profissão marca-nos, dizia por entre dentes, o velho pastor, afastando os ramos com o cajado. Olha, lá em baixo, à saída da aldeia, aquela figura a passar na linha acinzentada do caminho, é o sapateiro. E a outra, afadigada diante da garagem, é o estalajadeiro.

E tu, como todos os professores, ficas marcado, mais do que os outros, pelas exigências formais da tua profissão, como se cada dever que corriges, cada traço de tinta vermelha, cada lição que repetes, cada reguada sobre a mesa, cada punição generosamente distribuída, cavassem em ti o sulco indelével.

Abandona a cátedra e pega na ferramenta, alinha matrizes e prepara uma tiragem, extasia-te perante o êxito; sê, simultaneamente, operário, jardineiro, técnico, chefe e poeta; reaprende a rir, a viver e a emocionar-te. Serás um outro homem. (Freinet, 1985, p. 109)

Num mundo que apresenta muitas e rápidas transformações, o ambiente escolar deve ser o local da "leitura" da realidade. No entanto observamos professores intimidados diante dos acontecimentos, apáticos ao processo de modernização, de interpretação dos fatos.

Ao mesmo tempo é ingenuidade acreditar que somente pela ação pedagógica possam ser eliminadas todas as

barreiras que dificultam ou impedem a Escola de cumprir seu papel a contento. Entretanto, é admissível, para um educador, a posição imobilista de quem fica aguardando que grandes transformações ocorram na sociedade para questionar a qualidade de sua ação educativa?

Uma dentre as minhas maiores preocupações com o desenvolvimento dessa pesquisa foi em relação à promoção de uma aprendizagem significativa, e procurei desenvolvê-la por meio da mediação entre o conhecimento experiencial e cognitivo dos alunos e a utilização da pedagogia de FREINET à alfabetização de adultos.

Propus, nessa pesquisa, configurar o percurso da prática pedagógica em sua dinâmica, partindo de sua gestação e chegando a sua concretização, com base em uma pedagogia definida.

Meu trabalho pautou-se numa organização de vida cooperativa, na qual a atividade do sujeito aprendiz é determinante na construção de seu saber, agindo em constante interação com os meios ao seu redor. A técnica da aula-passeio foi por mim empregada para auxiliar o educando a tentar compreender o mundo.

Em outras palavras, a realidade educacional não pode ser dissociada da sociedade em que esta está inserida. A consciência desse vínculo entre escola e meio, além de possibilitar o êxito da educação, favorece o surgimento de algumas das condições necessárias à transformação da sociedade como, por exemplo, a compreensão da realidade e a prática cooperativa e democrática como foi possível observar com a aplicação de uma das técnicas de FREINET.

Posso melhor exemplificar isso, com a continuidade de meu trabalho, que se deu mesmo sem estar prevista. Na previsão inicial, meu trabalho se encerraria com a produção do último ateliê proposto: a confecção dos textos para a publicação do jornal da classe. Entretanto, o impacto do depoimento de D. Vitalina produziu ecos não esperados e que mereceram ser trabalhos, pois refletiam exatamente os buscados por mim: o desenvolvimento da consciência da possibilidade de transformações da sociedade.

Mesmo após o trabalho de produção de textos para o jornal, o assunto sobre as condições de trabalho dos “bóia-frias” continuava a ser o tema das conversas entre os alunos. Os textos não foram suficientes para esgotar o assunto, embora já tivéssemos realizado vários ateliês a partir da técnica da aula-passeio. Assim

considerarei adequado para este momento aplicar uma auto-avaliação baseada no trabalho cooperativo.

Um trabalho cooperativo, que se propõe levar em consideração o ritmo individual da aprendizagem e do desenvolvimento do aluno, além de prever um outro esquema organizacional, pressupõe formas e instrumentos diferentes de controle e avaliação, que permitam a cada aluno melhor situar-se no curso de seus avanços e também possibilitem ao grupo, ao professor, e a cada aluno acompanhar a evolução operada na qualidade e no nível da organização dos trabalhos da classe.

Na concepção aqui dada ao ensino, o essencial é desenvolver nos alunos o senso de responsabilidade na condução e na avaliação do seu trabalho. Esta é a razão pela qual a autocorreção, a auto-avaliação e a crítica construtiva do grupo me parecem fundamentais em matéria de controle.

Nessa perspectiva, a auto-avaliação é concebida como:

- um instrumento valioso para o professor e positivamente significativo para os alunos;
- um meio para alicerçar, sobre bases mais seguras, a próxima vivência de aprendizagem;
- uma maneira de ressaltar os aspectos que necessitam ser tratados com mais atenção e dedicação – tanto pelo professor como pelo aluno – para facilitar o trabalho de superação das dificuldades;
- uma oportunidade de se verificar e de se valorizar os progressos realizados pelos alunos, de se considerar suas habilidades, seus esforços, sua dedicação, suas atividades e sua capacidade de aplicar, em diferentes situações e circunstâncias, os conhecimentos dominados;
- uma possibilidade de o aluno perceber, pela experiência, a necessidade e a relatividade que envolve a fixação de critérios de avaliação.
- uma forma de promover a crescente autonomia dos alunos e estimular o desenvolvimento do espírito de solidariedade no grupo.

Trabalhei, então, a auto-avaliação, valorizando a livre expressão do aluno, o que significa dar a palavra ao aluno, dar-lhe meios de se expressar e de se comunicar. Significa também criar um ambiente – por meio da dinâmica da classe – em que a *palavra* do aluno seja acolhida, ouvida, discutida, valorizada.

A expressão livre, que é um fator fundamental no processo de aprendizagem, não é apenas ponto de partida, um meio, mas um fim. E, enquanto meio, cria condições favoráveis para o aluno:

- desenvolver ao máximo suas potencialidades;
- ampliar cada vez mais a sua capacidade de criar, de se comunicar e de se expressar;
- adquirir o hábito de buscar por si só os meios para superar seus bloqueios e dificuldades;
- decidir pelo caminho a trilhar;
- desenvolver o senso de responsabilidade;
- aprimorar a sua capacidade de reflexão individual e coletiva;
- aprimorar sua capacidade de interagir, de participar, de aprimorar;
- avançar o máximo possível na construção do saber;
- tornar cada vez mais independente e capaz de enfrentar, com o máximo de realização, o seu destino de homem e de cidadão.

No entanto não basta dizer: “Vocês são livres para manifestar seus sentimentos, sonhos, desejos, aspirações, dúvidas...” e esperar que a expressão do aluno se torne de fato livre e brote espontaneamente na sala de aula.

Enfim, uma prática baseada na expressão livre, precisa levar em conta a existência de condições e situações facilitadoras, de técnicas pedagógicas estimuladoras e a revisão de noções e valores tradicionalmente admitidos nos meios escolares. Como já estava trabalhando nesta perspectiva, o processo de auto-avaliação foi uma etapa tranqüila e os alunos puderam se manifestar com muita autenticidade.

Este exercício pôde ser trabalhado nos moldes da *reunião cooperativa*, que de acordo com FREINET atende a três princípios básicos:

- 1 – abordar, analisar, discutir, rever periodicamente diferentes aspectos do relacionamento do grupo no desenvolvimento dos trabalhos da classe;
- 2 – planejar e organizar os trabalhos a serem desenvolvidos num determinado espaço de tempo;

- 3 – avaliar os resultados obtidos na execução do plano de trabalho conjuntamente elaborado.

Este tipo de reunião permite o estabelecimento real e efetivo do trabalho escolar cooperativo. É por meio dela que afloram: diferentes aspectos do comportamento individual; a percepção do estágio de desenvolvimento dos trabalhos e informações pertinentes, até então ignoradas pelo grupo.

Ela funciona, ainda, como instrumento possibilitador de análise e tomada de decisões coletivas; organização e previsão dos trabalhos; detecção de falhas na organização geradoras de problemas e conflitos no desenvolvimento das atividades; registro, verificação e avaliação das decisões tomadas.

Na aula reservada para a reunião, os alunos sentaram-se em círculo, somente com as cadeiras, sem as mesas ocupando a frente de cada um. O espaço de tempo utilizado foi mais uma aula de Geografia, previamente discutida com a professora da disciplina que não participou das discussões, deixando-me livre para conduzir com os alunos participantes a atividade.

As discussões relatadas aqui foram gravadas e depois transcritas da forma mais fiel possível. Não se registrou marcas de oralidade, nem tampouco as faltas de concordância, os erros. Após os cumprimentos, a conversa iniciou-se direta:

Pesquisadora: — *Bom gente, como havíamos combinado, hoje faremos uma auto-avaliação dos trabalhos sobre a Visita à Destilaria Califórnia, que desenvolvemos juntos. Tudo bem?*

Todos concordaram.

Pesquisadora:— *Na semana passada, quando eu vim trazer os exemplares do jornal, estava chovendo, vocês se lembram? Ao entrar encontrei com o Sr. Pedro e ele me disse o seguinte: “Sabe professora, agora toda vez que chove como o dia de hoje, eu me lembro do testemunho daquela mulher, a d. Vitalina que tomava chuvas como essa”. Neste momento eu achei que seria muito interessante se pudéssemos incluir em nossa pesquisa essa auto-avaliação, que é um trabalho que vocês já estão acostumados e que pode nos auxiliar ainda mais a compreender alguns pontos do nosso trabalho. Eu gostaria de ouvir de vocês a opinião de cada um sobre as atividades que fizemos e se*

houve, com essas atividades algumas contribuições no crescimento da aprendizagem de vocês. Vamos lá, quem poderia começar?

Risos entre os alunos, pois nenhum deles gosta de iniciar a auto-avaliação. O aluno citado na fala anterior resolve começar:

Aluno 1: — *Bom, já que fui eu que mais ou menos dei a idéia de você retomar com os trabalhos com a gente, acho que eu devo puxar a fila, né? Eu sempre gosto muito de aprender coisas novas e quando você nos explicou que iria fazer uma pesquisa prá Faculdade e se poderíamos participar, fiquei muito entusiasmado e curioso. É, curioso sim, pois vocês sempre inventam umas coisas bem diferentes prá gente fazer. Fazer a visita foi muito interessante, a gente aprende muito olhando as coisa lá no lugar delas, sem ser só nos livros, mas depois que a gente voltou, você não deixou a gente descansar. Risos. Foi tanto trabalho, que no final eu não sabia mais qual matéria estava fazendo, pois todo mundo tava fazendo os seus trabalhos, só se falava na Visita, mas olha, fizemos muita coisa. Desses trabalhos todos, o que eu mais gostei foi do jornal, que ficou uma beleza, parece de verdade, deu prá dizer um monte de coisas lá. Outra coisa muito boa foi ouvir a D. Vitalina, ela fez muita gente pensar no seu trabalho, dar mais valor prá nossa vida. Não que a nossa vida seja fácil, não, mas a dos bóia-frias é muito mais sofrida, é um trabalho quase igual ao do período canavieiro e que existe até hoje, com poucas mudanças, será que vai ser assim até quando? Aquela discussão sobre a substituição dos bóia-frias pelas colhedeiças me fez ver que é preciso mudar sim, claro que antes é preciso criar mais empregos, senão ao invés de ajudar elas vão só prejudicar. Minha nota é “A”.*

Aluno 2: — *Eu não sei dizer onde é que estaria a solução mas sei que minha posição é a favor das colhedeiças, a gente tem estudado que a evolução é uma coisa que na maioria das vezes vem para ajudar. Eu sei muito bem que os bóia-frias não podem ficar sem emprego mas não dá prá fazer de conta que os tempos não mudaram...*

Muitos alunos concordaram

Aluno 2: — *Acho que esse trabalho todo, a visita, os cartazes, as pinturas, a palestra, o jornal, aquela bóia-fria, me fez pensar diferente sobre uma coisa tão simples, que é o trabalho dos bóia-frias. Sabe, eu nunca tinha parado prá pensar nisso, a gente só pensa no trabalho da gente e reclama dele, né? Eu mudei meu jeito de pensar a respeito das máquinas e isso é crescimento, não é, professora? Então minha nota pode ser “B”*

Risos entre os alunos. Sugeri que outro aluno continuasse e fizesse seus comentários.

Aluno 3: — *Todo mundo sabe que eu não gosto muito de escrever não, mas eu gostei muito do trabalho do jornal, porque com ele eu pude conhecer o computador, e gente, eu adorei. Antes eu achava que essas coisas de computador era muito prá gente como eu, que eu nunca ia apertar aquelas “teclas” lá. Me deu uma emoção tão grande que no outro dia eu só falava disso lá na fábrica, as meninas da minha seção até ficaram rindo de mim, mas não tem importância porque eu mexi no computador e elas não! A minha nota pode ser “B”.*

Aluno 4: — *Eu gostei de todos os trabalhos, adorei aquelas pinturas, achei muito bom também o jornal. Quando eu levei lá na minha casa e disse que a gente que tinha feito aqui na escola meus filhos não acreditaram não! Sabe o que o meu filho disse? Que eu que nem sabia escrever bilhete direito antes de entrar na escola, agora estava até querendo mostrar que entendia de computador... Mas eu gostei, assim eles me dão mais valor. A gente não é bóia-fria, mas as vezes temos tão pouco valor... Então eu vou me dar valor, acho que minha nota pode ser “A”.*

Outras mulheres concordaram, uma até acrescentou:

Aluno 6: — *Lá em casa também é assim, os filhos acham que só eles é que sabem das coisas, mas quando eu levo as coisas aqui da escola eles ficam todos interessados, disfarçam um pouco, mas logo vão dar uma olhadinha ...*

Concordei e pedi que continuássemos nossa atividade.

Aluno 5: — *Pode ser eu? Bom eu quero dizer que também aprendi muita coisa, gostei desse jeito de trabalhar, pois não parecia os trabalhos da escola, eu sei que eram trabalhos porque senão a gente não estaria fazendo, mas era até mesmo relaxante. Teve um dia que eu cheguei aqui muito chateada com os problemas lá da fábrica e aí nós começamos a pintar e eu até esqueci. Acho que eu aprendi mais coisas sobre a usina do que se estivesse lendo nos livros, seria muito bom se tivesse um jeito assim prá estudar Matemática, né gente? Se fosse prá me dar nota eu daria um B, pois eu precisei faltar nos dias do jornal, mas de resto eu aproveitei bastante. Eu nem tinha tanto sono...*

Muitos risos, já que a aluna em questão sempre vem para a escola com muito sono, por trabalhar no período noturno e algumas vezes acaba cochilando durante alguns períodos da aula.

Aluno 6: — *Bom, como eu estava falando aquela hora, quando tem uma novidade todo mundo se interessa e eu também me interessei bastante pelas coisas que a gente fez depois da visita. Gostaria de ter feito uma palestra como o seu Odilon fez, mas achei que eu ainda não daria conta, só que depois de toda a trabalhadeira que a gente fez pode ser até que eu consiga ir lá na frente e dizer algumas coisas... eu chego lá, me aguardem! Bom, avaliando meu trabalho acho que fiz muitas coisas, participei de quase todas as atividades e não fiquei de mau humor nenhuma aula, como as vezes acontece. Acho que eu poderia ter uma nota boa, um “B” talvez, ou até mais...*

Aluno 7: — *Acho é que todas as avaliações deviam ser assim, eu só ia me dar “A”. Risos entre os alunos. Brincadeira, viu professora, mas eu acho esse jeito de conversar muito legal, tem coisa que a gente nem tinha prestado atenção ou dado o mesmo valor que o colega, aí escuta ele dizer e começa a refletir melhor, vê coisas que não tinha visto antes ou visto daquele jeito. Por exemplo, no dia da pintura eu fiquei meio sem jeito de ficar lá com todo mundo pintando, na hora em que a gente foi começar eu fiquei até aborrecido, tinha trabalhado a noite toda e logo de manhã ainda recebemos bronca do chefe da seção... eu vim prá escola só querendo assistir o vídeo e cochilar meio escondido. Então você me fez participar da pintura do mural, eu comecei meio emburrado mas aos*

poucos fui discutindo os desenhos, arrumando as tintas com as meninas e quando eu vi, o tempo já tinha passado e eu pintado um monte de pezinho de cana. Hoje escutando a Maria falar, eu percebi que realmente tinha relaxado naquela aula, foi muito legal, mas acho que não dá prá comentar isso lá em casa que minha mulher não ia entender, ela ia achar que eu venho na escola só prá me divertir... e eu tenho aprendido tanta coisa. Pode me dar um “A” aí que eu mereço.

Aluno 8: — *Concordo com o Domingos, tem coisa que a gente só lembra ou percebe nessa hora da discussão, e tem coisa que só a gente vê daquele jeito, como no caso da montagem do Painel de Fotos que a gente montou com nossas fotos. Eu achei aquele trabalho muito importante porque deu prá mostrar prá quem não participou da visita como era a usina, o trabalho lá, a fabricação do álcool e do açúcar. Sem saber dessas coisas tinha aluno que não ia conseguir participar dos trabalhos que nós fizemos. Eu até queria fazer uma sugestão: devia ser obrigatória a participação nas visitas que a escola faz prá gente.*

Controvérsias entre os alunos, alguns defendendo a colega e outros argumentando o contrário. Depois de deixar alguns alunos se colocarem, lembrei-os de que o assunto em questão não era esse e que a obrigatoriedade de participação nas visitas poderia ser discutida depois, num momento mais oportuno. Eles concordaram e continuamos a auto-avaliação.

Aluno 8: — *Minha nota é “B”.*

Aluno 9: — *Acho que já foi dito tudo... mas já que é prá cada um dar sua opinião, eu queria fazer uma crítica: a gente deveria ter mais tempo e oportunidades para conhecer mais o computador. Eu sei que as professoras aqui tem muito interesse e estão sempre dispostas a ajudar a gente, mas o tempo que a gente usou prá fazer o jornal foi muito pouco, precisava de mais. Eu mesmo só aprendi a ligar e começar a escrever, queria aprender mais.*

Pesquisadora: — *Concordo com você, mas no momento só pudemos ter esse tipo de contato porque nosso tempo de trabalho foi muito curto, mas essa pode ser uma idéia para ser discutida, quem sabe a gente poderia montar um projeto de trabalho com o computador?*

Todos os alunos gostaram muito e ficaram de discutir essa idéia também com as outras professoras para que pudesse ser montado um projeto englobando várias disciplinas. Continuamos a reunião, solicitando ao aluno 9 que comentasse sua nota.

Aluno 9: — *Como eu não aprendi tudo o que eu queria vou me dar “B”.*

Aluno 10: — *Eu não gosto muito de falar do meu trabalho não, mas hoje é preciso né? Bem, eu acho que a gente fez muita coisa, podia até ser menos atividades, mas por outro lado as coisas que nós trabalhamos ficaram bem claras. O que achei muito legal e que ninguém falou ainda foi da pesquisa prá quem ficou ser ir na visita. Eu mesma, não pude ir, mas “tive” que fazer a pesquisa e na hora eu achei a maior chatice, mas depois quando o pessoal chegou e começou a contar as coisas, o que tinham visto e tudo mais, tinha informação que eu já sabia e outras coisas que eu até podia conversar de igual para igual. Eu sei que não é a mesma coisa ter ido, ver a usina de perto, sentir os cheiros, ouvir os barulhos como as pessoas comentaram, mas com o trabalho da pesquisa, quem não foi não ficou “boiando”. Eu tive muita dificuldade foi na hora de desenhar, ainda bem que foi meio livre, então eu dei mais palpite do que desenhei. Minha nota podia ser “B”.*

Aluno 11: — *Chegou minha vez... tenho mesmo que me dar uma nota? As escolas podiam ser sem nota, pelo menos as de gente grande, como a gente. Bom vamos lá. Eu acho que todos participaram muito dos trabalhos, mesmo quem não foi no dia da visita, não teve jeito de escapar... Risos. Eu sou um exemplo disso, não pude ir mas fiz a pesquisa e com a ajuda das fotos e dos comentários dos nossos colegas pude construir a maquete que me parece que ficou boa, pois todos vinham me elogiar. Me senti muito bem, importante, meu trabalho foi valorizado pelos amigos. Agora, o interessante foi poder fazer a maquete sem ter ido lá, só com as informações que eu fui colhendo, isso significa que os trabalhos de pesquisa foram bem feitos e que os comentários foram bem verdadeiros. As fotos então, foram as que mais me ajudaram. A gente sempre faz coisas bem diferentes aqui na escola e esse trabalho que você propôs também foi muito bom, bem trabalhoso, mas ficou na*

cabeça da gente muita coisa sobre as plantações de cana, o trabalho dos bóia-fria, a vida dos usineiros. Pode me dar um “B” de nota.

Aluno 12: — *Eu me lembro do dia em que a gente estava combinando a visita, até parecia que não iria sair. Quando nós saímos, no ônibus, eu estava super animada, pude até convidar o meu marido. Ele achou o máximo, a escola dele é bem diferente, não tem nada disso, acho que eles não têm nem liberdade... Eu gostei bastante dos trabalhos, adorei as pinturas, os cartazes, fui aprendendo sobre a produção da cana, do álcool e nem percebi que isso estava acontecendo. Eu fiz um negócio depois da entrevista com a D. Vitalina, mas eu não quero que ninguém ria. Eu fiz uma poema.*

Surpresas entre os alunos.

Pesquisadora: — *Muito bom, fico muito feliz com mais esse trabalho, ele virá enriquecer ainda mais as atividades que temos feito. Você não gostaria de ler para nós?*

Aluno 12: — *Tá bom, mas eu tenho um pouco de vergonha então, se alguém rir...*

Vida de Bóia-fria

*Ainda é madrugada
E ela começa a se arrumar
Prepara a sua marmita
Pois o almoço com certeza tem de levar
Caminha pela rua deserta
Mas com o pensamento de logo chegar
E vai andando bem depressa
Prá não se atrasar
O sol vai surgindo
E a madrugada foi embora
Tem seu trabalho para seguir
Então agora chegou a hora
Protegida dos pés a cabeça
Mais parece um espantalho
Ainda por incrível que pareça
Não gosta de pegar atalho
Pega sua ferramenta
Está pronta para trabalhar
Ligeira no corte da cana
Sem ninguém para atrapalhar
Não quer parar nem para descansar
O negócio é produzir
Pois ganha por produção
Dali não pode sair
Chega a hora do almoço
Todos querem parar
Essa é uma hora marcante
Todos gostam de respeitar
Acaba o descanso sagrado
Começa tudo novamente
É cana prá todo lado
Mas ela não gosta de ficar parada
E trabalha sempre contente
Trabalhando no corte da cana
Não tem preguiça de falar
É mesmo uma boa bóia-fria
Que gosta de histórias contar*

*A tarde vem chegando
 Já é hora de parar
 E está mesmo bastante cansada
 Lá se foi mais um dia sem reclamar
 Na volta à sua casa
 Pela estrada fica a pensar
 A minha vida é desse jeito
 Não posso parar de trabalhar
 É dinheiro que eu ganho
 Porém é muito sofrido
 Mas vale a pena o meu esforço?
 Sempre vou ser uma mulher esquecida
 Vivemos para o trabalho
 E do trabalho para vencer
 Pois essa é minha vida de bóia-fria
 Vou trabalhar até morrer.*

Um silêncio perdurou na sala por alguns segundos, apoiado nas reflexões dos alunos, depois muitos elogios foram feitos à aluna. Um aluno sugeriu:

Aluno 1: — *Podia pôr essa poesia no mural prá todo mundo ler e pensar um pouquinho nas coisas que a gente aprendeu e no que ouviu da D. Vitalina.*

Concordei com a sugestão e fiquei responsável por colocá-la no mural.

Aluno 13: — *Nem precisa mais da minha avaliação, pode encerrar com essa poesia dela professora! E pode dar “A” prá ela. Bom vamos lá. Depois dessa poesia dá prá perceber que foi muito aproveitada nossa visita; hoje eu sei dizer um monte de coisas sobre as usinas, e o que mais mudou foi meu jeito de ver os bóia-frias. Quando eu vejo um agora, eu me lembro das dificuldades que a gente ouviu na palestra daquele dia. Que será que eu vou poder fazer prá ajudar mudar isso? Eu tô pensando nisso viu? Acho que foi muito importante saber do jeito que é, como as pessoas enfrentam a vida, o trabalho. Sempre parece que o trabalho da gente é que é pior, mas*

nós precisamos olhar do lado, ver os problemas das outras pessoas. Acho que minha nota pode ser “B”.

Aluno 14: — *É ruim quando a gente fica prô final, parece que tudo já foi dito, mas eu sei que na auto-avaliação é importante a gente expor nossas idéias, então eu queria lembrar das produções de texto, que me parece que ficaram muito boas e do trabalho de montagem do jornal. Acho que esse foi o melhor, pois além de mexer com o computador, nós tínhamos que pensar, decidir o que colocar e onde colocar, e no final ficou tão... bom, acho que valeu a pena. Pode me dar um “B” que está de bom tamanho.*

Aluno 15: — *Eu não sei dizer direito não, professora, ainda mais que eu fiquei por último. Vou só dizer que foi tudo muito interessante.*

Pesquisadora: — *Tenho certeza de que a Sra. tem alguma coisa boa ou alguma crítica para nos fazer, isso é muito importante para o crescimento de todos nós. Que tal pensar um pouquinho?*

Aluno 15: — *Bom, eu posso então falar que eu achei difícil chegar perto do computador, primeiro porque eu sou meio acanhada, e fiquei com vergonha de fazer coisa errada, e depois tinha tanta gente em cima da máquina que eu fiquei longe. Mas eu descontei nas pinturas, pinte até... E eu fiquei muito triste no dia que aquela mulher veio aqui contar dos bóia-frias, da vida dela, das mãos dela, todas tortas. Sabe, eu nem consegui fazer nenhuma pergunta, fui embora pensando nela. Mas como o Leonel disse, o que é que nós vamos fazer? E eu quero fazer... eu já trabalhei na roça, era duro, mas uma dureza diferente, a gente tinha mais valor. Você pode dar qualquer nota, só não dá vermelha porque eu participei de tudo, tá?*

Tentando fazer uma reflexão acerca dos relatos, buscou-se num primeiro momento, relembrar o objetivo central da pesquisa: a aplicação de uma das técnicas do educador FREINET (a aula-passeio) em uma classe de educação de adultos, buscando alcançar um aprendizagem significativa e prazerosa com e para os educandos.

O intuito foi concretizado na medida em que houve o desenvolvimento da aprendizagem significativa para os sujeitos de minha pesquisa, o que teve íntima relação com um outro elemento

que foi destacado no início desse trabalho como uma das preocupações de FREINET e que procurei exemplificar ao longo das atividades desenvolvidas: a relação cooperativa em sala de aula.

Do ponto de vista do desenvolvimento intelectual, a cooperação permite colocar em confronto, a todo momento, os diversos pontos de vista existentes numa turma quanto a um mesmo assunto. É importante portanto, tirar o aluno de seu ponto de vista único, já que o faz levar em consideração as diversas concepções apresentadas pelos membros do grupo, mediante um intercâmbio entre os elementos, uma troca de idéias e conseqüentemente novos posicionamentos.

Dessa forma, o aluno é levado a uma maior organização de suas idéias e ações, já que tem que se fazer entender pelos demais. Ressalto que, a dinâmica de cooperação não se restringe a beneficiar o desenvolvimento dos alunos apenas em seu aspecto intelectual, mas também é extensiva aos aspectos afetivo e social.

Quanto à contribuição ao desenvolvimento em seu aspecto afetivo, a cooperação possibilita que cada um se reconheça dentro do grupo, trabalhando seus sentimentos a partir da interação com os outros.

Percebi indicadores disso em dois sentidos: na flexibilização das interações e na ajuda mútua, durante as atividades.

No que diz respeito à ajuda mútua, situações como: o empenho em achar solução para os colegas que não puderam participar da aula-passeio (visita); o auxílio a colegas que tinham alguma dificuldade durante as atividades; o encorajamento à participação em todas as atividades.

A cooperação entre os alunos, como pude notar, dava-se com maior intensidade a partir da produção de algo que tinha significado para o grupo.

Encerrada a avaliação da concretização dos objetivos propostos, parece-me necessário, a esta altura, resgatar algumas indicações feitas no decorrer do trabalho para tentar justificá-lo.

Foi discutido, inicialmente, a vida e as obras de FREINET, enfocando sua pedagogia em busca de uma escola progressista, emancipatória. O histórico foi acompanhado de algumas concepções desse educador francês que, para mim, compõem o quadro central de suas idéias, evidenciando, na proposta de

organização pedagógica, a intencionalidade educacional, determinada pela análise da sociedade atual e da luta pela sociedade desejada.

Na seqüência fiz algumas considerações sobre a relação entre a educação de adultos e a sociedade, encaminhando a discussão para o papel do trabalho pedagógico, localizando-o no espaço cotidiano das relações de sala de aula.

Parti de minhas concepções educacionais, passando para a projeção da atuação em sala de aula, acompanhada pela descrição da organização do espaço cooperativo com os alunos e da dinâmica global estabelecida com/pelo grupo durante o ano de 1997.

Diante dos resultados obtidos sinto-me segura para propor esse trabalho a outros segmentos da Educação Popular, mesmo que a classe e conseqüentemente, a escola focada nesta pesquisa, possa ser considerada altamente privilegiada, dadas as suas condições e motivações.

Fazendo as devidas adaptações, é possível realizar o mesmo trabalho com sentido e significado, em várias instâncias da Educação Popular.

A educação popular entendida com um espaço onde as camadas populares desenvolvam coletivamente o seu conhecimento, as formas de apreender e explicar os acontecimentos da vida social, pois a partir desse conhecimento são definidas quais são as lutas e formas de organização para concretizar novas regras de vida social, aumentar a sua capacidade de discernir e recusar as regras de dominação.

Não se pode confundir a educação popular como uma prática de ensaio de poderes ou atividades mais políticas. Trata-se de um lugar de vida das camadas populares, onde elas exercem um outro tipo de poder, de criar e desenvolver entre si relações não-dominadoras, de acordo com seus interesses e a partir de decisões tomadas por elas mesmas. Esse processo não consiste numa produção individual e competitiva de conhecimento e sim numa produção coletiva de conhecimentos pelos grupos populares.

Nesse sentido, propor o uso da técnica da aula-passeio de FREINET (ou qualquer outra técnica comprometida com o conhecimento para a transformação) para a educação popular, é necessário observar as condições de existência dessas camadas. Tais condições não são estáticas e nem idênticas em todos os lugares; então o importante na prática da educação popular é que o processo

de discussão seja conduzido pelas prioridades e pela lógica de pensar das camadas populares e isso pode ser realizado com o uso da pedagogia de FREINET que nos permite um trabalho cooperativo e de intensas trocas, visando a transformação de uma dada realidade.

Lendo as obras de FREINET é possível perceber que toda ela é orientada para uma pedagogia de massa, pois é toda a renovação do ensino e, mais ainda, da educação popular que ele visava. O movimento Internacional da Escola Moderna era e permanece sendo a prova irrefutável deste objetivo:

“Se pretendemos uma pedagogia de massa, é preciso que possamos mostrar pela experiência que nossa pedagogia é progressivamente possível em todas as classes (do mundo), para todos os educadores”. (FREINET, E. 1979: p. 160)

A pedagogia de FREINET entende que a escola perderá a sua função caso não esteja profundamente comprometida com a transmissão de conteúdos (independente do nível social da sua clientela). Dessa maneira, como já foi dito anteriormente, é capaz de oferecer, às classes populares, um dos principais instrumentos de luta para a sua libertação.

Para alcançar êxito com o uso das técnicas de FREINET, é necessário, por parte dos profissionais interessados, uma reflexão crítica sobre os resultados das técnicas de ensino atuais. A partir disso os professores estariam em condições de captar o pensamento pedagógico de FREINET e em condições de introduzir paulatinamente o uso de suas técnicas em sala de aula.

E de acordo com STEIN FERREIRA (1998, p.15-18) as propostas de trabalho do educador em foco, situam-se, por vezes, além de suas técnicas, pois estimula a busca dos professores por novos caminhos, num trabalho cooperativo que promova interações entre professores e alunos.

O professor que se propuser a trabalhar com as técnicas citadas deve estar consciente de que estará utilizando técnicas de uma pedagogia que pretende formar um indivíduo rico de possibilidades, criativo, crítico e culto. Porém, o uso dessas técnicas

poderá se transformar em formas de ensino passivo e restritivas, se não houver uma determinação clara do que se pretende formar.

A pedagogia FREINET não tem a pretensão de transformar a "alma" das pessoas, tornando as mais cruéis criaturas em indivíduos bondosos e carinhosos. De qualquer forma, a vivência comunitária certamente favorecerá a prática democrática e o diálogo entre os homens.

A experiência comunitária, onde todos são respeitados igualmente, os interesses coletivos preponderam em detrimento dos individuais, a união dos homens motivados por fins comuns e a prática do entendimento entre as pessoas por meio da comunicação, são vivências que podem contribuir para o sucesso de uma revolução, não somente a favor das classes populares, mas a favor do homem e do que há ainda de humano dentro dele.

A escola deverá preparar o aluno para ser livre, autônomo, responsável e solidário, porque estará comprometido com a vida, com o trabalho, com a família e com a sociedade, buscando harmonizar os elementos do meio.

Para VALE (1995 , p. 05-07) a grande necessidade da Educação Popular significa pensá-la como:

“ *democrática, aberta a todos e que “floresça de baixo para cima (da sala de aula para a escola e desta para a sociedade...”*) (FLORESTAN FERNANDES, 1989, P.23);

competente, capaz de assegurar a permanência do aluno por meio de um ensino vivo sintonizado com os problemas e questões do mundo contemporâneo:

libertadora, isto é, que dê elementos teóricos para que os estudantes façam a leitura crítica da realidade envolvendo-se nas questões maiores da nação;

solidária, preocupada com valores compartilhados;

integral, interessada numa formação multifacetada em termos de conhecimento, ação e criação;

produtiva, consciente da realidade, que veja o trabalho como atividade genuinamente humana geradora da cultura e;

lúdica, que incorpore o divertimento e a alegria no seu interior, uma escola que sendo séria não seja triste.”

Abrangendo todos esses aspectos, a educação resultaria numa educação de qualidade e, se fosse sustentada pelo

Estado, interessado em elevar o desenvolvimento da nação, teríamos também uma escola de quantidade.

Entretanto, para que se chegue a este ponto é necessário passar pela questão da luta política no sentido de trazer o Estado para o lado da escola, desvinculada dos interesses de classes minoritárias. Nesse contexto, a educação popular, apesar de sua luta constante, corre o risco de sofrer influência para perpetuar a educação burocrática, verticalizada, desvinculada da realidade, aumentando ainda mais as diferenças sociais.

Enfocando a dualidade da qualidade X quantidade, é possível observar como a pedagogia FREINET pode contribuir para a diminuição desses problemas. Além de possibilitar o surgimento de algumas das condições básicas para a transformação da sociedade.

As escolas populares apresentam um crônico problema em relação à carência de material. As experiências com a pedagogia FREINET em escolas populares, no entanto, revelam que esta é capaz de "driblar" com mais facilidade essas dificuldades.

Um primeiro ponto positivo pode ser o que retoma as concepções sobre o papel do professor de acordo com FREINET, que o coloca como peça fundamental no bom andamento dessa atividade. O professor possui uma postura ativa, sendo considerado parte integrante do grupo. Apesar de suas opiniões e de seu voto possuírem o mesmo peso que o de cada componente do grupo, é respeitado como aquele que tem mais experiência e cuja função é justamente transmiti-la aos alunos.

Dessa forma, cabe ao professor explicitar os seus objetivos e planejamento, além de coordenar democraticamente as atividades e orientar a turma a respeito de atitudes e posturas. Suas opiniões no entanto, não são impostas e, na maioria das vezes, o próprio movimento do grupo corrige e ajusta as dificuldades. Cabe ao professor, então, intervir e saber quando intervir. Pode-se dizer, portanto, que este realmente exerce um papel de autoridade, mas não é autoritário.

Por meio do trabalho, as turmas FREINET têm condições de construir os seus próprios materiais e, a partir destes, o professor tem oportunidade de introduzir os conteúdos, tanto aqueles necessários para os projetos, quanto aqueles relativos ao seu planejamento.

Verifica-se, assim, que a construção dos materiais oferecem um benefício direto em relação à carência de recursos da escola popular, além de envolver todas as crianças no processo de aprendizagem, motivando-as na assimilação de conteúdos e podendo se estender a um número maior de alunos e oferecendo uma escola de qualidade como pude demonstrar com o desenrolar de minha pesquisa.

A aula-passeio também consegue, de uma certa maneira, substituir a falta de materiais para pesquisa, porque possibilita a coleta de informações *in loco*. É importante frisar que esses passeios não exigem, necessariamente, gastos com condução, acompanhante etc. No próprio bairro da escola certamente haverá vários locais (como marcenaria, oficina, livraria etc.) que poderão ser excelentes fontes de informação e cultura.

Um outro ponto que deve ser destacado é a questão do número de alunos em cada classe. Apesar de ser extremamente flexível em relação à carência de materiais, a pedagogia FREINET não consegue trabalhar com turmas grandes. Na tentativa de se adaptar à realidade concreta em que está inserida, as turmas FREINET poderão apresentar produtividade em classes com um número médio de 25 alunos por classe, nunca porém excedendo-se mais que isso. Cabe também aos profissionais de educação reivindicar um número razoável de alunos em suas turmas.

A pedagogia FREINET se apresenta como um modelo pedagógico eficiente, capaz de dar conta de algumas das dificuldades apresentadas pelo atual, além de poder contribuir mais efetivamente com a transformação social.

E para tanto, é necessário perceber que a "Pedagogia FREINET" não tem a pretensão de ser a redentora da sociedade, como também não pretende solucionar todas as dificuldades apresentadas pelo sistema brasileiro de educação, visto que estas questões se situam num contexto mais amplo de realidade social.

Além disso, seria muito utópico pensar que todo o sistema de ensino popular aderisse, assim, "sem mais nem menos", à "Pedagogia FREINET". Por outro lado, é realista acreditar que movimentos isolados possam contribuir para o fortalecimento dessa escola popular, acabando por torná-la viável.

Para isso, no entanto, é necessária a contribuição de todos os profissionais da educação em favor de uma escola popular

competente. Esse compromisso deve atingir mais diretamente todos aqueles que ainda trabalharão na escola, cuja formação se está dando agora. Muito embora esta não seja uma tarefa fácil, é realista afirmar que os profissionais da educação, atualmente, estão muito mais engajados na luta pela democratização do ensino.

Essas tantas páginas escritas perderão muito de seu valor se não forem remetidas à realidade concreta em que vivemos.

Dessa maneira, as idéias aqui expostas não defendem uma pedagogia essencialmente “freinetiana” (até porque esse radicalismo invalidaria a implantação da mesma), e sim procura orientar uma pedagogia que, antes de se intitular “FREINET” ou “Não FREINET”, está a favor das classes populares, o objetivo legítimo do pensamento pedagógico de FREINET.

BIBLIOGRAFIA.

- ALMEIDA, Rosângela Doin de. O espaço geográfico: ensino e representação 3.^a ed. São Paulo: Contexto, 1991 (Repensando o ensino)
- ANDRADE, Manoel Correia. Caminhos e descaminhos da geografia. Campinas, SP: Papirus, 2.^a ed., 1993.
- _____. Uma geografia para o século XIX. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- BAKUNIN e outros. Educação Libertária. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação como cultura. São Paulo, SP: Brasiliense,
- DUARTE, Newton. A individualidade para si. Campinas, SP. Editora Autores Associados, (Coleção educação contemporânea), 1993.
- _____. Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski. Campinas, SP: Autores Associados, (Coleção polêmicas do nosso tempo), 1996.
- FARIA, Maria Alice. O Jornal na sala de aula. 3.^a ed. São Paulo: Contexto, (Repensando a Língua Portuguesa), 1992.
- FERNANDES, Florestan. O desafio educacional. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1989.
- FERREIRA, Nina R. S. Premissas de Freinet. In Revista do Professor - Porto Alegre: vol. 14, nº 55, jul/set. 1998 p.15-18.
- FOUCAMBERT, J. A leitura em questão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREINET, Cèlestin. A educação pelo Trabalho. Trad. de A. Pescada. Lisboa, Presença, 1975, Vol.1-a.
- _____. A educação pelo trabalho. Trad. de A. Pescada. Lisboa. Ed. Presença, 1975. Vol. 2 -b.
- _____. As técnicas FREINET da Escola Moderna. Trad. Silva Letra. Lisboa, Ed. Estampa, 1973.
- _____. Ensaio de Psicologia Sensível I - Aquisição das técnicas construtivas de vida. Trad. de M. A. Palma e M. F. S. Ferreira. Lisboa. Presença, 1976. Vol.
- _____. Ensaio de Psicologia sensível. Trad. de M. A. Palma e M. F. S. Ferreira. Lisboa, Presença, 1978, vol. 2.

- _____. O método natural I – a aprendizagem da língua. Trad. Tereza Marreiros. Lisboa, Estampa, 1971.
- _____. O método natural II – a aprendizagem do desenho. Trad. De F. de Souza e T. Baeté. Lisboa. Estampa, 1977.
- _____. Para uma escola do povo. Guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular. Trad. Arlindo Mota. Lisboa, Presença, 1969.
- _____. Pedagogia do bom senso. Trad. de J. Baptiste e M. M. da Silva. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- FREINET, C. e SALENGROS, R. Modernizar a escola. Trad. de A Barbosa. Lisboa, Dinalivro, 1977.
- FREINET, Élise. Nascimento de uma pedagogia popular. Trad. de R. Cruz. Lisboa, Estampa, 1978.
- _____. O itinerário de Celèstin FREINET. Trad. de P. Siqueira. Rio Janeiro, Francisco Alves, 1979.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- _____. Pedagogia do Oprimido. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, Rio de Janeiro, Forense, 1972.
- HADDAD, Sérgio. Tendências atuais na educação de jovens e adultos. in Em Aberto, Brasília, ano 11, nº 56, out/dez.. 1992.
- JOLIBERT, J. (coord.) Formando crianças produtoras de texto. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- MANACORDA, M. A. História da Educação. Trad. Port. São Paulo: Cortez, 1986.
- MORAES, Antônio C. R. Geografia - Pequena história crítica. 7ª ed. São Paulo : HUCITEC, 1987.
- MOREIRA, Ruy. O que é Geografia. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- NIDELCOFF, María T. A escola e a compreensão da realidade. 19ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. (org.). Para onde vai o ensino de Geografia? 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.
- PINO, Angel. Direitos e realidade social da criança no Brasil : Educação e Sociedade, 1990.

RIBEIRO, A. M. C. & MACHADO, E M. N. Educação para adultos trabalhadores - Um espaço para a teleducação? in : Em Aberto, Brasília, ano 11, nº 56, out/dez. 1992.

RODRIGUES, Neidson. Função da escola de primeiro grau numa sociedade democrática. Rev. Associação Nacional de Educação - ANDE, São Paulo, 4(8): 17-22, 1984.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo. Hucitec, 1996.

_____. O trabalho do geógrafo no terceiro mundo. 2ª ed São Paulo: HUCITEC, 1986.

SAVIANI, D. A pedagogia histórico-crítica e a educação escolar. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. Escola e Democracia. São Paulo : Cortez, 1983.

SNYDERS, Georges. Escola, classe e luta de classes. São Paulo: Moraes Editoras, 1977.

SOUZA, Carlos. Modernização esbarra em baixa escolaridade e atraso profissional. Folha de S. Paulo, São Paulo, 29 out. 1995. Caderno 1.

THIOLLENT. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

VALE, J. Misael F. do. Educação Popular: um exercício de democracia numa sociedade autoritária. Didática. São Paulo: 24: 61-4, 1988.

_____. Educação Popular: um desafio conceitual, educacional e político. In. O espaço do Geógrafo. Bauru - SP. Número 03, p.05-07, 3º Trimestre/95.

ANEXOS

Processo pelo qual a cana se transforma em álcool

— A transformação da cana de açúcar em álcool de cana passa por seis processos:

O primeiro processo a cana é transportada por caminhões até a alimentadora da usina onde é lavada.

— Segundo ela é picada e triturada para poder retirar o caldo misto, e o bagaço é apicuriado para produzir energia nas caldeiras.

— Terceiro o caldo misto é a matéria-prima para a fabricação do álcool hidratado e o anidro, sendo purificado para o processo de filtração.

— Quarto o caldo misto é refinado e tratado e fermentado em grandes vasilhas chamadas de tanques com uma mistura de leite de leveduras, água e ácido sulfúrico.

— Quinto a fermentação do caldo tratado resulta o vinho que passa pelo processo de centrifugação e bombeado até os torques de destilação, aquecido até 90 graus Celsius formando álcool bruto.

— Sexto o álcool bruto é destilado passando por duas colunas a mesma retificação virando álcool hidratado. Para tornar em álcool anidro passa por três colunas e depois é armazenado em grandes reservatórios.

Na cultura de cana-de-açúcar são reproduzidos os injustos regimes de trabalho ou de produção existentes na agricultura brasileira. O trabalhador dos canaviais, os bicos-frios como é denominado em São Paulo, ou o trabalhador de fora ou do interior

como é chamado no Nordeste, são submetidos a um trabalho exaustivo, recebendo o pagamento por tarefa executada e muitas vezes sem a proteção da legislação Trabalhista ou sem direito aos benefícios sociais. Tão somente a tarefa de corte de cana e para garantir um ganho mínimo necessário para a sua sobrevivência e de sua família, o trabalhador utiliza a força de trabalho de seus filhos menores.

O Brasil é o maior produtor mundial de açúcar e de álcool. Dos 13 milhões de hectares de plantações no mundo 5,5 milhões estão em território nacional.

A maioria do que é de praxe acreditar a cultura provoca pouca erosão no solo. A cana de açúcar restaura, em muitas áreas, a fertilidade da terra, pois a sua palha, quando seca, preserva a umidade do solo. Mas com os queimados a população mais próxima fica com problemas como os fumos, pingos etc.

Conclusões:

Existem muitas usinas que jogam os resíduos líquidos do processo de destilação, o vinhaço ou vinhoto, nos rios, matando os peixes, ou na terra contaminando as águas freáticas. Mas no interior de São Paulo as usinas mais modernas já usam o vinhoto como fertilizante transportado em carros de irrigação.

O açúcar produzido nas usinas é de tipo cristal, e ainda que de alta pureza, quando destinado ao consumo direto não satisfaz a obter polcações

pois tem gosto e cheiro de melado e torna os líquidos dos quais é acrescentado. A refinação visa eliminar esses inconvenientes e deixar o açúcar na sua função de agente adesante. Açúcar-de-açúcar (*Saccharum officinarum*) classificação de Linné e originária da Índia, já existia antes de Cristo, chegou ao Brasil em 1532.

— Em 1983, de cada 100 canas vendidas no Brasil, 96% eram o álcool; em 1993 apenas 3%. Todo mês, 20.000 canas o álcool viram suco.

Participantes:-

Adelina.

Benedite.

Edmar.

Jair Amido

Jão Pedro

Mário.

Robson da

Vera.

30/05/94

Processo pelo qual a cana se transforma em álcool

O processo é iniciado nos canaviais quando a cana-de-açúcar é cortada pelas mãos-de-obra valentes ou temporárias (boia-frias) nos canaviais. As canas cortadas são carregadas pelos caminhões até a usina onde passam por uma braga com água. Lá a cana vai ser triturada pelas moendas para fazer o caldo misto. O bagaço é queimado, para produzir eletricidade nas caldeiras.

O caldo misto é hidratado e purificado através de processos e técnicas de filtração. Depois de ser fermentado em grandes vasos com uma mistura de leite de brechura, água e ácido sulfúrico forma o mosto tratado. Da fermentação o mosto resulta o vinho entra na centrifugação e bombeado para a destilação, aquecidos até 90 graus e transformado em álcool bruto. Depois de destilado em duas colunas de retificação, fica o álcool hidratado. Para tirar o anidrido, passa por três colunas. Por fim, é armazenado em grandes reseratórias.

Prós e contras na utilização do álcool como combustível:

Prós:

- Número de veículos leves vendidos a álcool; hoje 43 milhões, um terço do total do país.

- Enquanto o álcool é um combustível inesgotável, as reservas conhecidas de petróleo tem idade prevista para 45 anos a menos que se desenharem outras.

- A adição de álcool anidro à gasolina substitui o chumbo tetraetila, altamente poluente.

Contras

- Em 1985 de cada 100 carros vendidos no Brasil 96% eram a álcool; em 1985, apenas 3%.
Todo mês, 20 mil carros a álcool ficam sucatas.

- Um barril de álcool hidratado (59 litros) custa hoje, 53 dólares. Um barril de gasolina custa 34 dólares.

- A quantidade de aldeídos (compostos orgânicos tóxicos) emitidos pelos carros a álcool é três vezes maior que a dos a

gasolina (embora os do álcool sejam menos nocivos à saúde)

Uma prática comum é o uso da queimada para retirar as folhas das canas, facilitando o trabalho dos colhedores, assim um trabalhador pode cortar em média 4 toneladas por dia. As queimadas provocam ainda concentração de ozônio na baixa atmosfera e afetam a saúde das populações, devido à fumaça e o carvão causa doenças do aparelho respiratório, como asma e broncopneumonia. São a razão do aumento de internações hospitalares exatamente no período das queimadas.

Enxofradado

- O anidro é o álcool desidratado, de graduação superior a 99,5% d.l. a 20°C, e é destinado à mistura com a gasolina.

- O hidratado é o álcool de graduação igual ou inferior a 99,4% a 20°C, chamado de álcool industrial. O álcool anidro é vendido em pequena escala para fins industriais, cerca de 20 a 30 milhões de litros por ano, utilizado pelas fabricas de tintas e solventes.

- O Proálcool permitiu um investimento de 11,7 bilhões de reais em 20 anos em tanques e impantagens de petróleo de

28,7 bilhões de reais e criou 1 milhão de empregos. Mas quase 300 mil, no Nordeste, são de trabalhadores sem nenhum emprego fixo, que ganham menos de um salário mínimo por mês

Participantes:

Antônio Raposo.
Elair
Edite

30.05.97

Cana-de-açúcar = Alcool

Depois de cortados na lavoura os fardos de cana-de-açúcar são transportados até a usina alimentadora, ao qual passam por uma lavagem. As facas rotativas das esteiras picam o caule. E depois de triturada pelas moendas faz-se o caldo misto, e para produzir eletricidade é preciso que o bagaço seja queimado em caldeiras. A matéria-prima para se fabricar o álcool é o caldo misto que se resalta da moagem, tanto o álcool hidratado com o anidro que depois de vários processos de filtração se torna puro. O caldo misto forma o mosto que é fermentado em varilhas chamadas domas, onde é misturado com levedura, água e ácido sulfúrico. Desta fermentação resulta o vinho que depois de separado pelo processo de centrifugação e destilado aquecido à 90 graus, é transformado em álcool hidratado. O álcool anidro é passado por três colunas, e finalmente armazenado em grandes reservatórios. Retirando-se o álcool, sobra no alambique um líquido escuro e viscoso, conhecido por resíduo, vinhaça ou vinhoto. Este líquido deve ser retido do alambique para que novas quantidades de álcool possam ser produzidas. Por causa da crise que envolveu a extração e o custo do petróleo, o álcool passou a ser útil com o combustível para substituir a gasolina.

O país substituir 40% das importações petrolíferas produzindo cerca de 8 bilhões de litros de álcool. As vantagens da criação do álcool hidratado no Brasil, é que com isso o país diminuiu muito a importação de petróleo do exterior e criou um combustível muito menos poluente. Especialistas apontam em uma nova crise de petróleo, até o final da década, com isso para o Brasil o álcool se torna muito importante, porque o valor do álcool brasileiro aumenta. Com a criação do álcool o preço dos veículos leve mudou a álcool diminuíram muito e hoje é um terço do total de veículos no país, com isso diminuiu também a poluição. As vantagens do proálcool é que com o aumento da produção de álcool no país a plantação de cana provocou mudanças ecológicas e nos preços dos produtos agrícolas. A cana-de-açúcar ocupa espaço que poderia ser utilizado para a plantação de arroz, feijão, milho, café, mandioca, etc., portanto a diminuição da produção desse produtos gerou aumento nos preços dos produtos agrícolas. A mão-de-obra usada nas usinas de cana-de-açúcar é formada por homens, mulheres e até crianças, que são obrigados a trabalhar muito e são mal remunerados, esses trabalhadores são conhecidos como boias-frias, que trabalham muita vezes sem a proteção da legislação trabalhista e sem direito aos benefícios sociais.

Rússia:
A lei da natureza

Vêem-se grandes campos de terra tombada,
nelas logo o verde se faz vida.

Inúmeras pessoas acitadas que por uma ninharia labuta com todo proveito, muitas vezes sem ter até o que comer, tudo isto para que uma minoria dispute deste trabalho com seu carrões pelas ruas das cidades.

Os pobres acitados não saem do chinelo no pé e empangará para caminhar.

Participantes:

Antônia

Irone

João

Mauá

30.05.97

MATERIA

Julio César Mazza

DATA

T 10

Emprego e Mecanização

No Brasil, uma grande parte da sociedade defende a não-mecanização no corte da cana-de-açúcar, tendo como argumento que um resultante desse processo é o desemprego. Muitos afirmam até que é melhor ser explorado do que ser um desempregado.

Não podemos esquecer que, com o avanço comercial, industrial e tecnológico em todo o mundo, é importante que o Brasil participe dessa evolução.

Ao contrário do que muitos pensam, a mecanização no corte da cana-de-açúcar, faz com que as usinas possam competir, aumentando a sua produtividade e melhorando a qualidade, gerando empregos em outros setores da sociedade.

Portanto a mecanização da lavoura é imprescindível para que todos possam ingressar numa sociedade moderna e competitiva.

O problema é que precisamos fazer uma reforma fiscal urgente para se adequar à nova realidade, fazendo com que esse lucro fácil seja melhor distribuído.

MATÉRIA	Adilson Aparecido Valú	DATA	28/10/95
---------	------------------------	------	----------

Trabalho Mecânico ou Manual?

A cada início de safra aumenta o número de colhedoras de cana, que são vistas por lado como Tanques de guerra destruidoras de empregos e, por outro lado como um grand avanço tecnológico que significa o fim da escravidão dos cortadores de cana.

Acredita-se que com a globalização é indispensável o uso da mecanização no campo. A introdução das colhedoras de cana é sem dúvida sinônimo de desenvolvimento pois o uso das máquinas dispensa a queima da cana o que ajuda no controle da poluição do meio ambiente.

Essa afirmação é importante porque o trabalho significa o ganha pão e a dignidade destes cidadãos, além disso sabe-se que as leis trabalhistas nem sempre são aplicadas e muitos menores são sacrificados pelo trabalho no campo tirando-lhes a oportunidade de estudar e em muitos casos são fustados até o atendimento à saúde. Essa situação pode ser solucionada com o emprego das colhedoras.

Portanto com a modernização na colheita da cana, vai aumentar a produtividade e aliviar o sofrimento destes que usam a força do braço para executar suas tarefas.

Entretanto, o corte manual dá
lona após ainda ser pesado, oferece
emprego a milhares de pessoas desprote-
gidas do país, que não têm nenhuma quali-
ficação profissional, evitando o êxodo rural.

É preciso lembrar ainda que com toda
essa mudança vai surgir uma grande quan-
tidade de mão-de-obra disponível destes tra-
balhadores que uma vez desocupados podem
se tornar marginais na tentativa de sobrevi-
vência.

Vê-se, bem pelo que precede, que as
máquinas são importantes, mas o ser hu-
mano é a fonte de vida e precisa ser trata-
do com respeito e dignidade.

João Soares Neves

"Máquinas por homens"

Faz-se necessário garantir o emprego de cortadores de cana. Esta garantia significa trabalho de cidade.

É certo que o corte da cana manual auxilia o êxodo rural.

É certo também que o corte de cana está sendo substituído por máquinas e os trabalhadores estão ficando ociosos.

Estes desempregados não têm sequer qualificação para viver nas cidades. E os comunistas chegam a afirmar que preferem que não sejam explorados pelo capitalismo e não serem explorados por ele, que estes trabalhadores ficam definitivamente sem emprego. Sendo explorados pelo capitalismo estes trabalhadores têm sua vida deprimida, não têm garantido sua permanência nas lavouras de cana-de-açúcar e seus sustento.

No entanto a modernização se faz necessária para que o país caminhe junto aos outros neste processo de globalização. Não podemos ficar para trás. Precisamos garantir um futuro melhor para nossas crianças com saúde, educação para um futuro melhor. O que não podemos nem imaginar são estas pequenas crianças cortando cana daqui alguns anos.

Antonio Carlos Garcia

spirak 1000

O caldo amargo

Muitas pessoas defendem a mecanização, no cante de casa, acreditando que trará vantagens para o desenvolvimento social do país.

É certo que as máquinas vão tirar os trabalhadores de um serviço brutal, e dar o tempo para jovens e crianças se dedicarem mais a educação.

É certo também que a mecanização tem seu lado positivo para os proprietários, pois as máquinas dão mais produção e não têm problemas de greves e também aliviam os trabalhadores escravizados.

Então podemos dizer que o uso de colheitadeiras na cultura de cana de açúcar tem grande importância para o desenvolvimento social do país.

Entretanto a mecanização só será benéfica se houver um acompanhamento das condições de trabalho na zona urbana dando trabalho.

Caso contrário, não havendo entendimento entre trabalhadores e patrões, é melhor ter um trabalho ruim do que estar desempregado.

Os defensores da mecanização que são os empresários ficam comparando o

Brasil com outros países dizendo que
lá deu certo, mas não sabem que a
política em nosso país é diferente,
país com a mecanização há pouco
um êxodo rural e os técnicos que
vem estudar têm muita dificuldade
para assumir um emprego.
Portanto é interessante a mecanização
no país, mas se a política estiver bem
organizada.

Antonio Raposo Adelino Garcia
 Pedro Pereira Simão 28/10/91

Mecanização na corte de cabelo pode causar danos
 A mecanização de corte de cabelo é mais econômica e
 produtiva, representa divisa para o país e contribui para
 a globalização.

A aplicação da tecnologia na barbearia de cabelo economiza, por exemplo despesa de energia, férias, doença, tecidos
 Além disso protege o meio ambiente, porque não precisa
 fazer queimada. Pode também gerar mais impostos, contribuir
 de mais para a saúde, escola, e também moderniza o nosso
 país, garantindo a competitividade.

Com essa mecanização o cidadão brasileiro será mais
 valorizado para usar mais a inteligência do que a força
 não havendo mais aquelas pessoas sabidas num só local
 diante.

Não se temer ainda que a utrapressão de sistema ma-
 nual não garante emprego a ninguém mas sim o fôrça,
 porque as usinas terão que fechar se não acompanharem
 o desenvolvimento global.

Por isso muitos dão as pessoas que defendem
 mecanização do corte de cabelo.

Entretanto, garantir o emprego do cidadão de con-
 siginifica trabalho e dignidade do cidadão e ame-
 laria a vida de muitas famílias de campo para
 a cidade.

Os colhedores tiram o emprego de muitos países
 famílias, tornando a vida muito mais difícil
 do que cortar cabelo num Del Escaldante. O sem em-
 prego para teatro da família, dão espaço ao desemp-
 e ao Dabrimento.

Por isso mesmo o que não mais atingido com

a mecanização do corte de cabelo são os trabalhadores menos qualificados e mais desprotegidos do país.

Os Economistas chegaram até afirmar que em 1980, o desemprego pelo capitalismo do que ficou sem emprego.

¶ A necessidade do governo criar mecanismos para que possa ter meios de reconciliar emprego e desemprego, costade de cabelo e mecanização do corte de cabelo.

O fechamento ou a desativação de muitas usinas não se deve ao avanço do sistema manual, mas sim ao egoísmo de muitos empresários que não se contentam em ganhar pouco, todos eles fecharam duas usinas e passaram a duplicar a produção.

Cabe ao nosso governante mudar todo o sistema econômico para que haja um equilíbrio entre tecnologia e trabalhadores.

MATERIA	João José da Costa	DATA	30/08/22
<u>Emprego e mecanização</u>			
A mecanização pode tirar emprego, mas também pode gerar trabalho mais digno.			
Muitas pessoas pensam que a mecanização vai tirar o emprego dos cortadores de cana, e que é preciso garantir o trabalho dos mesmos.			
Há quem diz que esta garantia significa trabalho e dignidade ao cidadão, e que o corte manual da cana auxilia no controle da cadeia rural, outrossim ainda dizem que os colhedores tiram o emprego de milhares de trabalhadores por de família, e que o mercado de trabalho não oferece condições para acolher estes trabalhadores que são dispensados.			
Portanto é preciso haver um controle desta mecanização para que não elimine o emprego dos cortadores de cana.			
Mas é preciso ressaltar que cortar cana é um trabalho muito desgastante e repetitivo, e que os colhedores são econômicos e produtivos e representam tecnologia moderna para sobreviver entre a globalização.			
O atraso tecnológico e o colheita manual não garante emprego, mas sim o fim dele por causa da procura de globalização.			
Portanto é preciso educar e investir na área da saúde para que os trabalhadores estejam preparados para exercer novas funções de trabalho disponíveis no mercado.			

MATERIA > Cícera Olímpia de Souza TIO < DATA > 28-10-95

Texto: O desemprego

A mecanização é um fato que já vem ocorrendo há algum tempo e está invadindo todo tipo de serviço.

A mecanização trás com ela o seu lado bom e o ruim. O lado bom é que com máquinas e computadores se usa menos a força braçal, quanto ao ruim é porque com tanta tecnologia vai se usar menos pessoas no serviços. E usando menos pessoas o desemprego é fatal.

Com a tal mecanização, já era de se esperar, vieram os grandes maquinários e trouxeram junto a tecnologia bastante avançada.

Os cortadores de cana já estão sentindo na pele a modernização, porque estão sendo ameaçados.

No momento o que está sentindo mais prejudicado é a zona rural e principalmente os cortadores de cana-de-açúcar.

Compreende-se, porém, que se os usuários não acompanharem o desenvolvimento vão ficar para trás. E ficando para trás o processo pode leva-lo à falência.

Entretanto, tem que se pensar também nos cortadores de cana. Sem emprego, para onde ir? Ir para as cidades, se lá também todos já estão sofrendo com a modernização e agora a exigência de grau escolares.

elevado. Pode acontecer até de essas pessoas nem ter para onde ir nem o que fazer, cair no mundo da marginalidade.

A modernização poderia até que acontecer por completo abrangendo todo tipo de serviços. Isto é se a nossa sociedade tiver se aonde empregar tantas pessoas desempregadas.

tirando essas pessoas do corte de cama a nossa sociedade teria que garantir empregos em outro lugar.

Por tudo isso, a mecanização não é, e nunca será, bem aceita por pessoas que tem tido seus empregos ameaçados por causa da tecnologia.

Mario Simonelli e Eva A. Primo 10 27.10.97

O corte de cana de açúcar no Brasil

Há quinhentos anos atrás, foram plantadas as primeiras mudas de cana de açúcar no Brasil, trazidas das ilhas do Atlântico junto com os engenheiros e os escravos Africanos.

A escravidão era muito triste nos canaviais. O trabalho escravo para os homens e as mulheres que tinham que sustentar suas famílias era muito difícil. Eles não sabiam ler nem escrever e falavam um idioma muito diferente. Também passaram o maior tempo da vida com a "indústria" que era medida através dos braços.

Durante muito tempo, mesmo depois da abolição dos escravos, muitas pessoas realizaram este tipo de trabalho, e ainda hoje há aqueles que desempenham esta mesma função, para poder garantir a sobrevivência.

No entanto, de uns anos para cá, sem ocorrerem mudanças decisivas com a tecnologia, os homens começaram a usar as máquinas que não substituem a mão de obra braçal. Isto é muito ruim, porque muitos serão desempregados e muita gente vai passar necessidade.

Entretanto, o Brasil tem que investir em tecnologia, por exemplo, investe em máquinas para o corte de cana.

Dessa forma não se pode ficar de braços cruzados, enquanto os outros países estão avançando, embora, os nossos governantes tenham que

pensar em alguma maneira para que não haja tantos pais de famílias desempregados.

03/11/97

Modernização e desemprego.

Com a globalização e com a tecnologia avançada que existe hoje no país, muitos trabalhadores locais vêm sofrendo as consequências desse avanço, como é o caso dos cortadores de cana que trabalham nessa atividade e vêm sofrendo muito com o desemprego, pois, com a mecanização do corte de cana, máquinas modernas como os colhedores, vão deixar muitas famílias desprotegidas.

Entende-se que os usineiros precisam acompanhar a modernização, para que possam competir no mercado. De contrário, as usinas podem fechar e gerar mais desemprego.

A classe trabalhadora, como os cortadores de cana, que são pessoas simples e de pouco estudo, já não são bem vistos no mercado de trabalho. E se não houver uma expansão desse mercado de trabalho, para gerar mais empregos, a situação vai piorar cada vez mais.

É bom lembrar que os cortadores de cana dependem desse trabalho. Pois na maioria das vezes não tem outra opção. É no corte de cana que têm seu sustento, e de sua família.

Concluindo, é certo que a modernização está aí, e que já faz parte da vida de toda ser humana, mas, por outro lado, é preciso lembrar que os trabalhadores precisam de emprego.

sem emprego não há dinheiro e sem dinheiro não há sobrevivência.

José Vereira Costa

Bóia Fria X Máquinas

DESDE O ADVENTO DA CHEGADA DA CANA-DE-AÇÚCAR AO BRASIL, ESTE TIPO DE CULTURA É EXPORADO COM MÃO-DE-OBRA DESQUALIFICADA, NO COMEÇO PELOS ESCRAVOS E ATUALMENTE PELOS MAL PÁSOC BÓIAS-FRIAS E SUAS FAMÍLIAS.

APESAR DESSA EXPORAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA SE CONSIDERADA POR MUITOS COMO BURTA, POIS SOMENTE USA A FORÇA DOS TRABALHADORES E NÃO SUA INTELIGÊNCIA, HÁ AINDA, AQUELES QUE ALEGAM QUE SOMENTE ASSIM, COM ESSE MÉTODO ARCAICO DE PRODUÇÃO, É QUE IRÃO GARANTIR O EMPREGO DESSES TRABALHADORES RURAIS NO CAMPO, E TAMBÉM BARRAR O ÊXODO RURAL.

POIS PENSANDO DESTA MANEIRA, É QUE ESSES ELEMENTOS, ACHANDO QUE A INTRODUÇÃO TECNOLÓGICA MODERNA NO SETOR CANAVIEIRO IRÁ TRAZER UM NEGRIDADE DO CASO ENTRE OS MILHARES DE CORTADORES DE CANA, POIS OS MESMOS IRIAM SER SUBSTITUÍDOS POR POSSANTES COLHEDORES, POIS AS MESMAS TÊM A CAPACIDADE DE SUBSTITUIR DEZENAS DE CORTADORES.

NO ENTANTO, APESAR DESSOS ARGUMENTOS TEREM FUNDAMENTOS, É IMPRUDENTE E QUASE SUICÍDIO CONTINUAR PENSANDO E AGINDO DESSA MANEIRA, POIS COM O CORTE MANUAL DA CANA, OS SEUS SUBPRODUTOS SERÃO PRODUZIDOS A UM CUSTO ELEVADO, QUE FAREM PODERÃO COMPETIR COM AQUELES PRODUZIDOS COM A MODERNA TECNOLOGIA.

E FOI ASSIM QUE FIDEL CASTRO HA MAIS DE TRINTA ANOS DEVE TER PENSADO, IMPLANTANDO EM SEU PAÍS, DE REGIME COMUNISTA, A TECNO-

LOGIA CAPITALISTA. INICIOU-SE DESTA MANEIRA EM CUBA O TRABALHO MECANIZADO NO CANALIA, ATRAVÉS DAS COLHEIDORAS BATIZADAS DE "LIBERTADOR". É DENTRO DESSE RACIONÍD QUE O BRASIL DEVE AGIR, POIS DO CONTRÁRIO A FALSA GARANTIA DE EMPREGO, FÁO PROPALADA POR UNS, SERÁ O DEGASTRE TOTAL, POIS TEMOS O EXEMPLO DOS PRODUTORES FALIDOS DO NORDESTE, QUE NÃO GARAN TIRAM EMPREGOS DE NINGUÉM ALÉM DAR GRANDES PREJUÍZOS AOS SEUS ESTADOS E A UNIÃO. E, FINALIZANDO, DENTRO DA GLOBALIZAÇÃO REINANTE, O QUE SE VENDE É O BOM E BARATO, SOMENTE CONSEGUIDO COM TECNOLOGIA E INTELIGÊNCIA, NÃO COM A FORÇA BRUTA.

FRASE

Traci Ribes Pinho

DATA

28-10-97

Máquina toma lugar de cortadores de cana

Desde há quase 500 anos que a cana-de-açúcar chegou ao Brasil, trazida pelos colonizadores, ela foi e continua sendo explorada na produção de açúcar e álcool, antes pelos escravos e atualmente pelos bróis-frias.

Este sistema era usado pelos donos de engenhos, para conseguir um produto com mão-de-obra a baixo custo, pouco importava de que maneira conseguia - este produto, pois visava somente o lucro.

Com a globalização, continuam os sofrimentos dos cortadores de cana, porque com a tecnologia cada vez mais avançada a máquina está tomando o lugar dos cortadores de cana, e além disso tirando o emprego de vários pais de família e provocando a exodo rural.

E com estes trabalhadores desempregados os mesmos não têm estudos suficientemente para vir morar na cidade e conseguir empregos, eles vão ficar sofrendo cada vez mais.

Portanto, a sociedade precisaria estar preparada para receber estes trabalhadores e pensar na saúde e criação de escolas para garantir a competitividade dos mesmos.